

REVISTA DA SEMANA

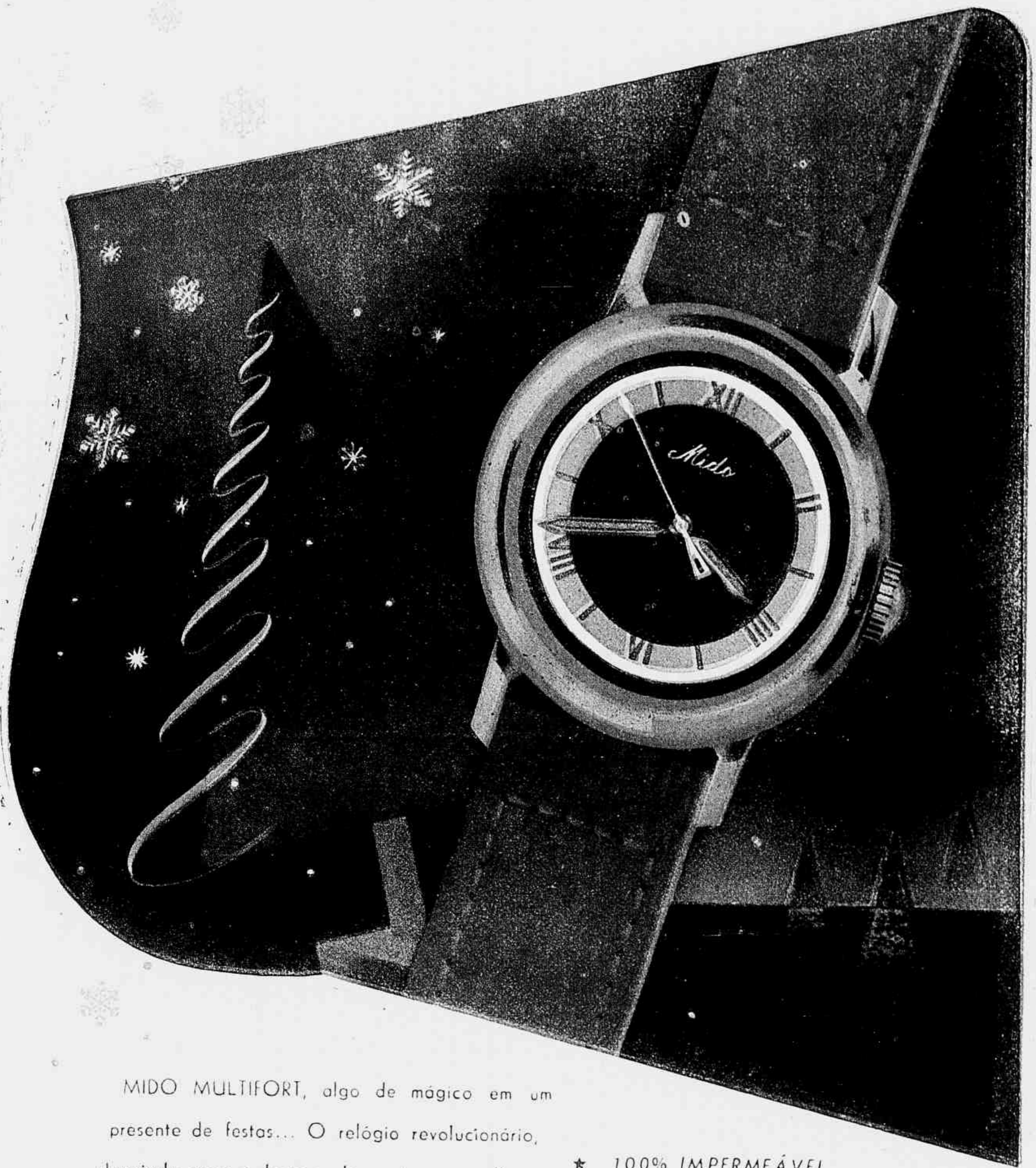
N.º 50

Cr\$ 2,00

13-12-47



7 QUALIDADES QUE JUSTIFICAM A SUA PREFERÊNCIA...



MIDO MULTIFORT, algo de mágico em um presente de festas... O relógio revolucionário, planejado para o homem de acção e a mulher moderna. Cada uma de suas 7 qualidades extraordinárias representa mais um motivo de vaidade para quem o recebe e aviva a recordação de quem o oferece.

- ★ 100% IMPERMEÁVEL
- ★ SUPER-AUTOMÁTICO
- ★ PARA-CHOQUES
- ★ PRECISO
- ★ LUMINOSO
- ★ INOXIDÁVEL
- ★ ANTI-MAGNÉTICO

Mido
MULTIFORT

RELÓGIO SUIÇO COM 17 RUBIS



Limitada quantidade
de relógios à venda



SE você gosta de pugilismo, fique sabendo que Joe Louis, que há dez anos era o invicto campeão mundial desse violentíssimo esporte, levou há dias a maior taxa de sua vida. Quando outro boxeador negro, Joe Walcott, de New Jersey, fechou-lhe um olho, esborrachou-lhe o nariz, fê-lo cair na lona várias vezes seguidas, só não ganhando o campeonato por pontos, em razão da extrema e escandalosa parcialidade da comissão de box de Nova York. Para o público que assistiu à peleja, entretanto, Joe Walcott, que é homem de mais de trinta anos, e pai de vários filhos, sagrou-se campeão mundial, no grande encontro. E, por isso mesmo, Joe Louis, tantas vezes aplaudido no "ring" pelos aficionados do box, levou uma tremenda vaia da multidão, que em delírio ovacionou seu competidor. Parece que um novo "astro" surgiu no mundo do esporte... Até quando ele manterá o seu brilho? Na França, morreu aos oitenta e um anos de idade o famoso escritor teatral Tristan Bernard, que começou sua vida escrevendo reportagens esportivas, inclusive sobre... corridas de bicicleta! A geração de mais de cinquenta anos se lembrará, sem dúvida, de um dos seus grandes êxitos teatrais que Leopoldo Froes nos deu a conhecer numa de suas criações mais felizes: "O café do Felisberto", que em francês se chamava "Le petit café". Filmada com Max Linder, no cinema silencioso, e com Maurice Chevalier, no cinema sonoro, "O café do Felisberto", peça engraçadíssima, suscitou até paródias, com a de "O Felisberto do café", do nosso Gastão Tojeiro. Na sua vastíssima bagagem, Tristan Bernard tinha cerca de cem peças, inclusive "Les jumeaux de Brighton", "Triplepatte", "Le prince charmant", etc. Espírito bem parisiense, dono de uma verve inesgotável, de uma graça espontânea, Tristan Bernard e o pai de outro grande dramaturgo, Jean-Jacques Bernard, o autor de "Le feu qui reprend mal", que conhecemos sob o título de "Recomeçar..." Teve festiva recepção ao chegar sábado último ao Rio o embaixador Oswaldo Aranha, que, como chefe da delegação brasileira à ONU, mereceu a honra de ser eleito, pela segunda vez, para presidir a assembleia geral desse órgão internacional. O embaixador Oswaldo Aranha foi saudado pelo deputado Prado Kelly, líder da União Democrática Nacional na Câmara Federal, e pelo sr. Samuel Malamud, em nome da colônia israelita do Rio de Janeiro. Este último exprimindo satisfação pela homologação da partilha da Palestina, Restabelecido da enfermidade que durante uma quinzena o prendeu ao leito, voltou a representar no Serrador o consagrado comediante Procópio Ferreira, que, em "Divórcio", ao lado de Bibi Ferreira e de Alma Flora, marca um dos grandes sucessos do nosso teatro no corrente ano. Sábado, inaugurou-se o Salão Nacional de Belas Artes, mas não vamos falar disso, porque está com a palavra, sobre o assunto, nosso reporter Demostenes Varela. Vejam na página 6 em diante o que ele tem a dizer. — e que diz desabuscadamente. A comissão de Justiça, da Câmara dos Deputados, rejeitou o parecer do deputado Hermes Lima, do Partido Socialista Brasileiro, contrário à cassação dos mandatos dos deputados e do senador comunista. Votaram com o relator os deputados Domingos Velasco, do PSB, Gilberto Valente, do PTB, Agamenon Magalhães, do PSD, e José Maria Crispim, do extinto PCB e às vésperas de ser expulso do Congresso. Voto singularíssimo foi o do general Flores da Cunha, deputado da UDN, que considerou o projeto "inconstitucional, mas conveniente". Quem é que entende isso? Talvez somente o general Flores da Cunha... Comentando esta curiosa atitude, o "Correio da Manhã", embora mansuetamente pensoso à UDN, ripou o general das pampas num editorial em que, entre outras coisas, declara o seguinte: "É evidente a desorientação, o constrangimento e mesmo a vergonha com que muitos deputados, premiados pelo intransigente ou pelo médo, procuram justificar os seus votos favoráveis à cassação dos mandatos. E da tristeza dessas atitudes já temos alguns exemplos nas votações do projeto na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara. Um dos seus membros, velho político, votou em favor da cassação dos mandatos, julgando-a inconstitucional, mas conveniente... E, ao que se sabe, vão surgir no plenário alguns votos dessa natureza; ao mesmo tempo pela inconstitucionalidade do projeto e pela sua conveniência. A distinção é de tal maneira extravagante e insensata que nem será preciso comentá-la para que o leitor tenha uma idéia da capacidade que traz essa questão para provocar o descontrolo das inteligências. Não se pode imaginar, no sentido jurídico e político, que uma lei inconstitucional se a conveniência, pois a primeira conveniência do regime é o cumprimento da Constituição." Quando foi que alguém pensou que os norte-americanos iam proibir aos alemães que lessem as obras de dois de seus escritores mais famosos? Pois aí está: nas escolas de Berlim, não podem ser lidos os livros de Jack London e o admirável "Tom Sawyer", de Mark Twain. Também foi proibida a leitura do drama "Wilhelm Tell", de Schiller..." Mas a proibição parece derivar mais dos prefácios e notas dos russos a esses livros do que mesmo do conteúdo que eles apresentam. Os livros de Jack London, por exemplo, são anotados com o intuito de tornar patentes as contradições da estrutura social norte-americana. Tendo batido num recife, o barco de pesca da colônia Z-5 sossobrou, perecendo sete dos seus tripulantes, os pescadores: Antonio Pinto dos Santos, de 45 anos, casado, morador à rua Circular, 379-A; Manoel Vitorino, 26 anos, solteiro, domiciliado à rua Circular, 282; Antonio Francisco Rollas Filho, de 37 anos, casado, residente à rua Circular, 289; Achilles Pacheco dos Santos, de 25 anos, solteiro, morador à rua Circular, 245; Augusto de Oliveira das Neves, de 50 anos, solteiro, residente à rua Circular, 278 e mais um de identidade ignorada. As agitações sociais da França e da Itália continuaram, durante a semana, causando preocupações aos primeiros ministros Robert Schumann e Alcides de Gasperi. Na Itália, a Assembleia Constituinte aprovou novos artigos da Constituição, segundo os quais ficam abolidos todos os títulos de nobreza, sendo lícito, entretanto, o uso dos nomes ligados a esses títulos como nome de família. Por exemplo: João, duque de Ravioli, pode se chamar João Ravioli, e Pedro, conde de Spaghetti, pode se chamar Pedro Spaghetti. Também foi aprovado o artigo que proíbe a reorganização, sob qualquer forma, do Partido Fascista e a volta, à Itália, dos ex-reis Vitorino Emmanuel e Umberto, bem como seus descendentes masculinos, que não podem entrar no país nem exercer qualquer função pública. Concomitantemente, todos os bens da Casa de Savoia passaram a pertencer ao Estado. Ao conde Pollenzo, como se faz hoje chamar o ex-rei da Itália e imperador da Abissínia, e a Umberto, que ouve em Lisboa enternecidamente os fados que Amália Rodrigues lhe canta na intimidade, os nossos pesames... E, por hoje, é só. Até outro sábado!

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, a fim de prevenir complicações e moléstias mais graves

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

RUGÓL
O CREME
EMBELEZADOR DA PELE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

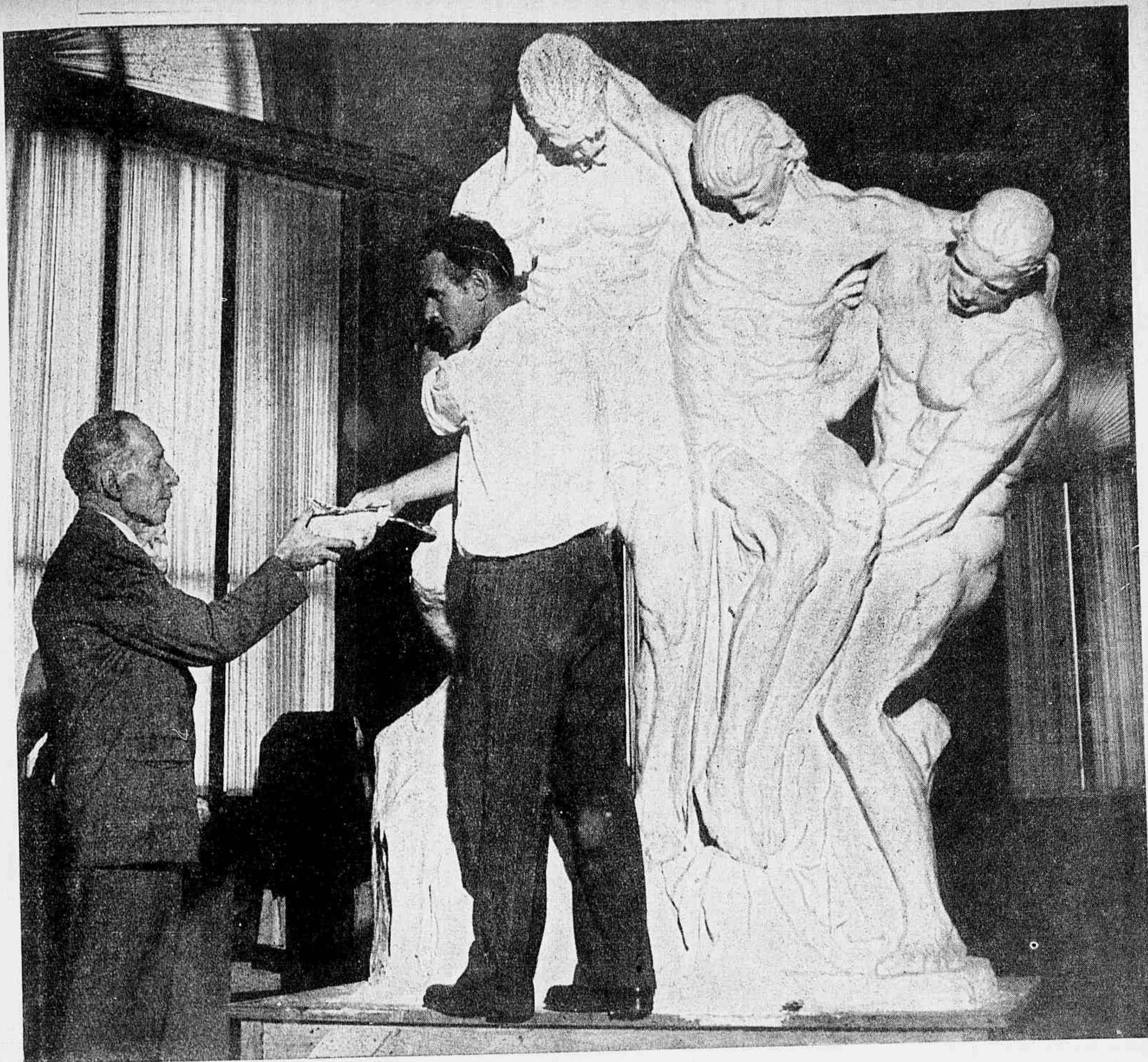
O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

- NÃO ESTAS AS BANCAS DO NOSSO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS**
- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam dispor de pleno conhecimento e com facilidade
 - 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos
 - 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana de publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa casa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos bancos em que habitarem
 - 4 — O conto submetido a este concurso deverá ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo officio, em espaço dotado, e no máximo oito folhas
 - 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA"
 - 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias: de estilo, originalidade etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.ª ORDEM AMAM-SE RECENTAS MEDICINAS COM EXATIDÃO
ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28 *Joalheria*
LUIZ R. RICART
TEL. 22.4690 — RIO
JOIAS, RELOGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES





Na página à esquerda: dois membros da comissão organizadora cuidam da colocação dos quadros. O de cima, é o "Filho do Pescador", do pintor Manuel Madrugá; em cima, o escultor Edgard Duvivier junto ao grupo plástico que intitulou "Descida da Cruz" e que é a maior obra de escultura do paupérrimo LII Salão de Belas Artes.

UMA TRISTEZA, O SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES DE 1947!

RESTABELECIDADA UMA TRADIÇÃO DA VIDA ARTÍSTICA BRASILEIRA — O REGOZINHO PELA QUEDA DA DITADURA FASCISTA DO PINTOR OSWALDO TEIXEIRA NÃO ESCONDE A DECEPÇÃO GERAL PELA PRECARIEDADE DE VALORES AUTÊNTICOS — AS COMISSÕES JULGADORAS FORAM DEMASIADO INDULGENTES — OPINIÃO MAIS OU MENOS GENERALIZADA: "O LII SALÃO NACIONAL ESTÁ FRACATIVO!" — UM CONSÓLO: A ENORME AFLUÊNCIA DE VISITANTES.

Reportagem de DEMÓSTENES VARELA



Fotos de ARNALDO VIEIRA

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

SABADO, 6 de dezembro, às 4 horas da tarde, deu entrada no edifício da Escola Nacional de Belas Artes o general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, acompanhado pelo ministro da Educação, sr. Clemente Mariani, e de outras figuras do mundo oficial. O sr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade adiantou-se para cumprimentá-los, como presidente da Comissão Organizadora do LII Salão Nacional de Belas Artes. Havia flores. E houve cânticos orfeônicos. E assim se reatou, com a inauguração dessa mostra de arte, uma tradição da vida artística brasileira, interrompida, pela primeira vez, em mais de meio século da nossa

história, por culpa da vaidade doentia, da teimosia e da politiquice de um homem que se chama Oswaldo Teixeira, — pintor que desejou se converter no ditador das belas-arts. Podia ter o general Eurico Gaspar Dutra inaugurado naquela bela tarde de sábado a segunda exposição geral do seu governo, — mas, no ano passado, o ministro da Educação, mal empossado no seu cargo, sem ter ainda tomado pé em tais assuntos, não pôde ser convencido pelos pintores e escultores de que eram eles que estavam com a razão, — e não o sr. Oswaldo Teixeira, que, por ser diretor do Museu Nacional, pretendia ser o "dono do Salão" e de suas decisões.

Este ano, porém, através de memórias, cartas, protestos, contactos pessoais, etc., os artistas convenceram ao sr. Clemente Mariani de que era insuportável e injusta a situação criada pelo pintor Oswaldo Teixeira, sendo necessário que este fosse aliado e que se elaborasse um regulamento democrático para o Salão, revogando-se o que o diretor do Museu redigira, com o auxílio de seus "amiguinhos", conseguindo impingir-lo ao governo. O ambiente, na inauguração do LII Salão Nacional de Belas Artes era, pois, de verdadeiro júbilo, pela queda da ditadura teixeirista. As amplas salas da Escola Nacional de Belas Artes, ocupadas pelo Salão estavam li-

teralmente cheias de visitantes, — figuras da alta sociedade, escritores, jornalistas, artistas, críticos da arte, etc., etc. Socialmente, do ponto de vista mundano, o LII Salão de Belas Artes representou, não há dúvida, um grande acontecimento. Não faltou nem mesmo ali a presença do derrotado sr. Oswaldo Teixeira, que, muito pálido, romanticamente pálido, sorria vagamente a amigos e conhecidos, como que querendo convencê-los de que não fora evidentemente derrotado na contenda e, apenas, transferira ao sr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade, diretor do P. Histórico e Artístico da União, uma prebenda, um "abacaxi", um presente de



Em cima, à esquerda: um detalhe da Divisão Geral, vendo-se um dos membros da Comissão Organizadora verificando a colocação dos trabalhos; à direita: o pintor Quirino Campofiorito, um dos orientadores da Divisão Moderna, discutindo com a pintora Maria Barreto a colocação de um quadro dessa artista.

gregos. — a organização daquele certame, em que queria ser tudo...

PRECARIEDADE DE VALORES AUTÊNTICOS

O sr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade foi auxiliado, em sua tarefa de organizador do Salão, na Divisão Geral (a dos artistas acadêmicos), pelos srs. José Octávio Correia Lima, Manuel Santiago e João José Rescala e, na Divisão Moderna, pelos srs. Santa Rosa, Bruno Giorgi e Quirino Campofiorito, tendo como secretário geral o sr. Manuel Constantino. Mas, embora se saiba que o "necrotério" ficou chelo com a recusa de algumas centenas de trabalhos, o que nos quer parecer é que os membros dos juris foram excessivamente indulgentes, ou porque lhes faltasse vontade de ser rigorosos ou porque temessem, com a adoção de um critério mais estrito, reduzir o LII Salão Nacional de Belas Artes a uma exibição quantitativamente inexpressiva.

Final de contas, há dois anos e meio não se inaugurava uma exposição geral no Rio de Janeiro e o público, decerto, esperava ver um grande Salão. Há muita coisa, não resta a menor dúvida. Ao

tudo, ali se encontram 846 trabalhos, — incluindo pintura, escultura, gravura, desenho e artes gráficas, artes aplicadas e arquitetura. Mas se é vasto quantitativamente, a verdade é que o Salão é pobre, do ponto de vista da qualidade. Muito pobre mesmo. A "peneira" dos julgadores devia ter funcionado com bastante mais apetite. A eliminação de alguns trabalhos que devem ter passado por distração, ou por excessiva tolerância, teria contribuído para dar ao certame uma unidade de que muito carece. E essa tolerância foi tanto mais prejudicial quando é certo que se exerceu, sobretudo, na chamada Divisão Geral, o reduto dos velhos, a seção dos medalhões... Há, no Salão deste ano, precariedade de valores autênticos. É de se lamentar a ausência de alguns nomes ilustres, que poderiam ter concorrido para aumentar o interesse do certame — e, entre esses, Lazar Segall, Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, quatro artistas cuja ausência muito se faz sentir na Divisão Moderna.

A DIVISÃO GERAL TEM ALGUNS ARTISTAS "DEPLACES"

Não é apenas quanto ao excesso de

indulgência que se deve criticar os juris. É também susceptível de crítica a conceituação do que é "acadêmico" (expressão dissimulada sob o nome de "divisão geral", — que, se fosse mesmo "geral", abrangeria tudo) e do que é moderno. Por exemplo: na Divisão Moderna, está evidentemente deslocado o sr. Orlando Teruz, cuja pintura, pelo tema, como pela técnica e colorido, estaria muito melhor situada na Divisão Geral, ao passo que a pintura dos srs. Aldo Malagoli, Bustamante de Sá, Expedito Camargo Freire e Ruy Alves Campelo, devia ter sido colocada na Divisão Moderna. O mais curioso de tudo é que o sr. Bustamante de Sá já contemplado com prêmio de viagem ao país, e os srs. Camargo Freire e Campelo, que tiveram antes medalhas de bronze e prata, concorrem ao mesmo Prêmio e ao de Viagem ao estrangeiro na Divisão Geral, quando seria bem mais próprio que o fizessem na Divisão Moderna.

Que significa isto? Parece-nos que exprime uma flutuação de conceitos artísticos: os jurados da parte acadêmica começam a fazer concessões ao modernismo. E os jurados da seção moderna foram menos intransigentes, na admissão

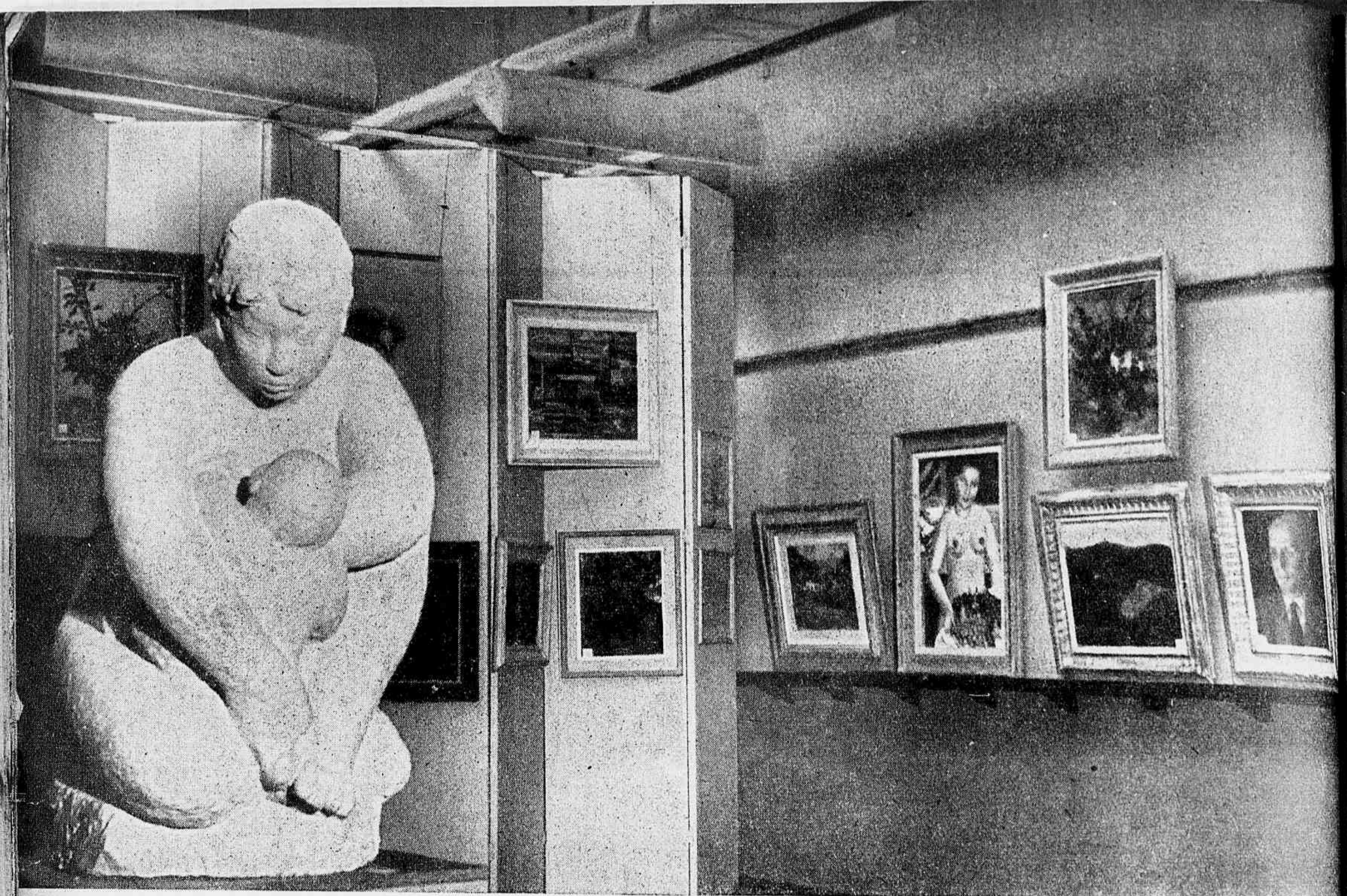
de pintores como Orlando Teruz — e mais, ainda, na de muitos concorrentes que não se distinguem pelo menor traço de talento e de personalidade, simples imitadores de outros artistas, — e, em muitos casos, máis imitadores. Na seção moderna é fácil a identificação de sub-Picassos e de sub-Van Goghs, de sub-Braques, de sub-Portinaris, etc. E até de sub-Santa Rosas, o que é ainda muito pior, porque é já ser "ersatz" de um "ersatz"...

A primeira crítica surgida na imprensa diária sobre o Salão, a do sr. Antônio Bento, — crítico, de resto, indulgentíssimo, — salientou, no "Diário Carioca" de domingo, justamente o aspecto a que estamos aludindo, além de criticar ainda a tolerância dos juris para com as coisas medíocres. Este tópico do sr. Antônio Bento vale a pena ser transcrito nesta reportagem: "Na Divisão Geral, não há grandes novidades. As tendências conservadoras predominam, como era fatal que acontecesse. Contudo, há menos bananas e tachos de cobre nas naturezas-mortas, o que já é um progresso. Alguns de seus melhores expositores, como é o caso de Henrique Cavaleiro, Malagoli, Ruy Campelo, Gagarin têm

Em baixo: nestas duas fotografias aparece o "necrotério" do Salão, ou seja, o depósito dos trabalhos rejeitados, tanto na Divisão Geral como na Divisão Moderna. Entretanto, mesmo cortando o que cortaram, os membros do juril foram concupiscentes em demasia. Há muita coisa no Salão que não merecia as honras de uma exibição tão solene. Na página à direita, visitantes agrupados diante de obras dos pintores acadêmicos, expoentes do "passadismo".







Em cima: detalhe da Divisão Moderna, vendo-se no primeiro plano uma escultura de Bruno Giorgi, o autor do belo monumento à Juventude, erguido ao lado do edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública. Em baixo: o pintor Roberto Burle Marx, discípulo de Cândido Portinari, junto de um dos quadros que expôs na Divisão Moderna.





A esquerda: a expositora da seção de artes aplicadas, Henriette Vayssière, que apresentou trabalhos em estanho, diante do seu mostruário; e, à direita, a jovem pintora Rita Rossmeyer, no dia do "vernissage", dando os últimos retoques ao seu auto-retrato.

trabalhos que poderiam figurar na Divisão Moderna, enquanto nesta há quadros absolutamente destituídos de qualquer interesse pictórico e que nada têm que ver com as concessões estéticas do movimento de vanguarda que se vem processando nas artes plásticas, desde o começo do século. Há vários trabalhos de pintores ingênuos ou infantis, que não deviam ter obtido as graças do júri. Afinal de contas, a pintura das crianças ou coisa equivalente não deve ter acesso ao Salão, a não ser que apresente qualidades pictóricas irrecusáveis. Bem sabemos que a linguagem poética é coisa importante no modernismo. Mas uma visão essencialmente lírica das coisas não é incompatível com o conhecimento do ofício ou da técnica da pintura. Podiam e deviam estar representados os pintores do grupo "naïf", com a condição essencial de que fizessem pintura, a qual parece ausente de vários quadros do gênero que escaparam ao corte rigoroso feito pelo júri.

Por sua vez, os pintores de tendências abstracionistas, como sucede com os ingênuos ou primitivistas, deviam es-

tar juntos ou agrupados. Isso facilitaria a observação e o estudo de seus trabalhos, ao mesmo tempo que o público iria sendo educado na compreensão das diversas concepções da pintura contemporânea.

Esses reparos são endereçados, na primeira parte, — a referente à mixórdia, à confusão da "divisão geral", aos srs. Edson Mota, Ado Malagoli e Cadmo Fausto, membros do júri de pintura do referido departamento, e na segunda parte, a da tolerância excessiva, na "divisão moderna", aos srs. Armando Balloni, Milton Da Costa e Joaquim Tenreiro, membros do júri de pintura da mesma. Os júris foram indulgentes e sem autoridade.

OS "INTOCÁVEIS" DO SALÃO

Que há de melhor no Salão? E' o atual certame literalmente ruim? Não. Seria exagero, condená-lo maciçamente. Mas é muito difícil dizer o que há de melhor na Divisão Geral, por exemplo, porque as coisas boas que ali existem submergem num verdadeiro oceano de coisas simplesmente passáveis

mediocres e até mesmo péssimas. Essa Divisão Geral tem quase dois terços dos trabalhos expostos, — 552, contra 294 da Divisão Moderna, — e nela se reflete a desvalta e insignificância de uma grande parte da nossa pintura acadêmica. — a pintura estratificada, a pintura que não se renovou, a pintura que, ainda hoje, se não repete Renoir e Manet, é porque repete Bernardelli, Amoedo, Chambelland e Visconti. Repete não é bem o termo, porque, se repetisse, mesmo, ainda teria o seu mérito. Mas é que não repete: arremeda...

Um dos piores quadros do Salão, talvez o pior de todos na Divisão Geral, é, precisamente, assinado pelo diretor da Escola Nacional de Belas Artes, o professor Augusto Bracet. E' um nú, que, sob o título de "Azul e ouro", figura no Salão sob o número 115. Uma opinião se havia formado no círculo dos profissionais da pintura. Uma opinião dura, severa, — mas que nós, como repórteres, não nos furtamos a registrar: — E' impossível pintar pior...

No entanto, dizem os pintores que as aulas teóricas do professor Augusto Bra-

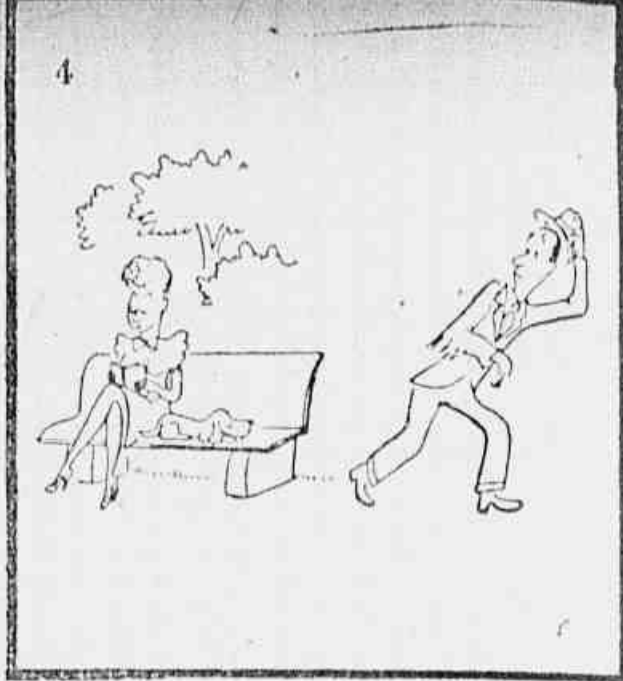
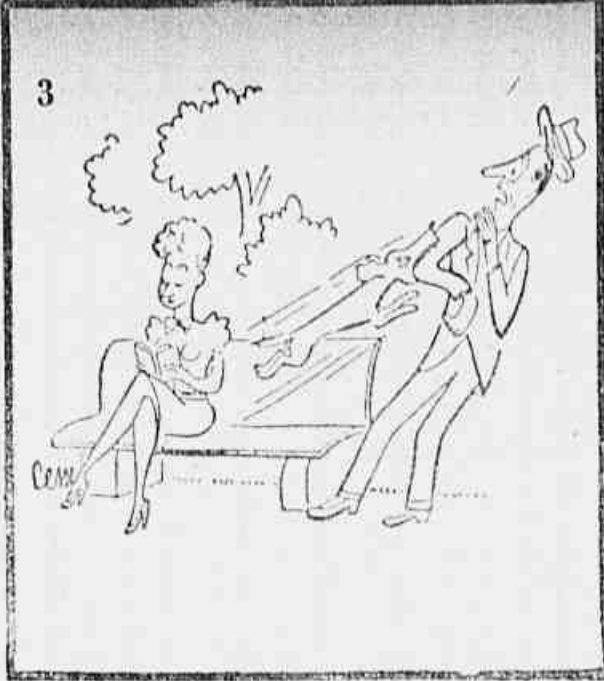
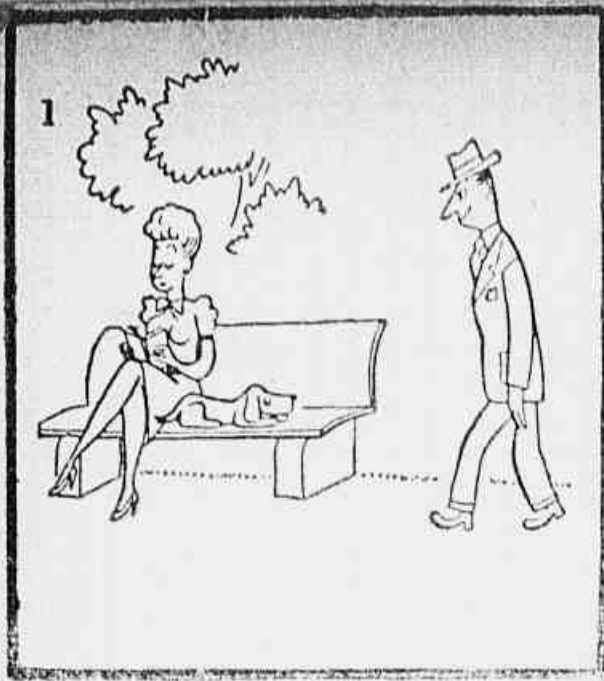
cet são magníficas, revelando grandes conhecimentos de pintura e de estética. Entretanto, na prática, é aquilo. E' um caso impressionante de ausência de auto-crítica do ilustre discípulo da Baptista da Costa e Zeferino da Costa.

Na mesma categoria, — a dos "incriveis", — podemos catalogar o n. 147, "Sossêgo", da senhora Edith Aguiar (Thiel), com estudos em Roma, Paris e Rio de Janeiro, mas não tendo encontrado, em nenhuma dessas capitais, o bom gosto que deve ser o complemento da boa técnica. Georgina de Albuquerque merece a inclusão do seu quadro 184 nessa galeria. São algumas crianças retratadas quase cromolitograficamente. E que dizer do 200, do sr. Hello Seelinger? Casos como esses são irremediáveis. Porque dependem, exclusivamente, da auto-crítica dos autores. Os artistas que já tiveram prêmio de viagem, como o sr. Seelinger, ou medalha de ouro, como o sr. Bracet, estão acima do bem e do mal. São os "intocáveis" do Salão, por força do próprio regulamento, que

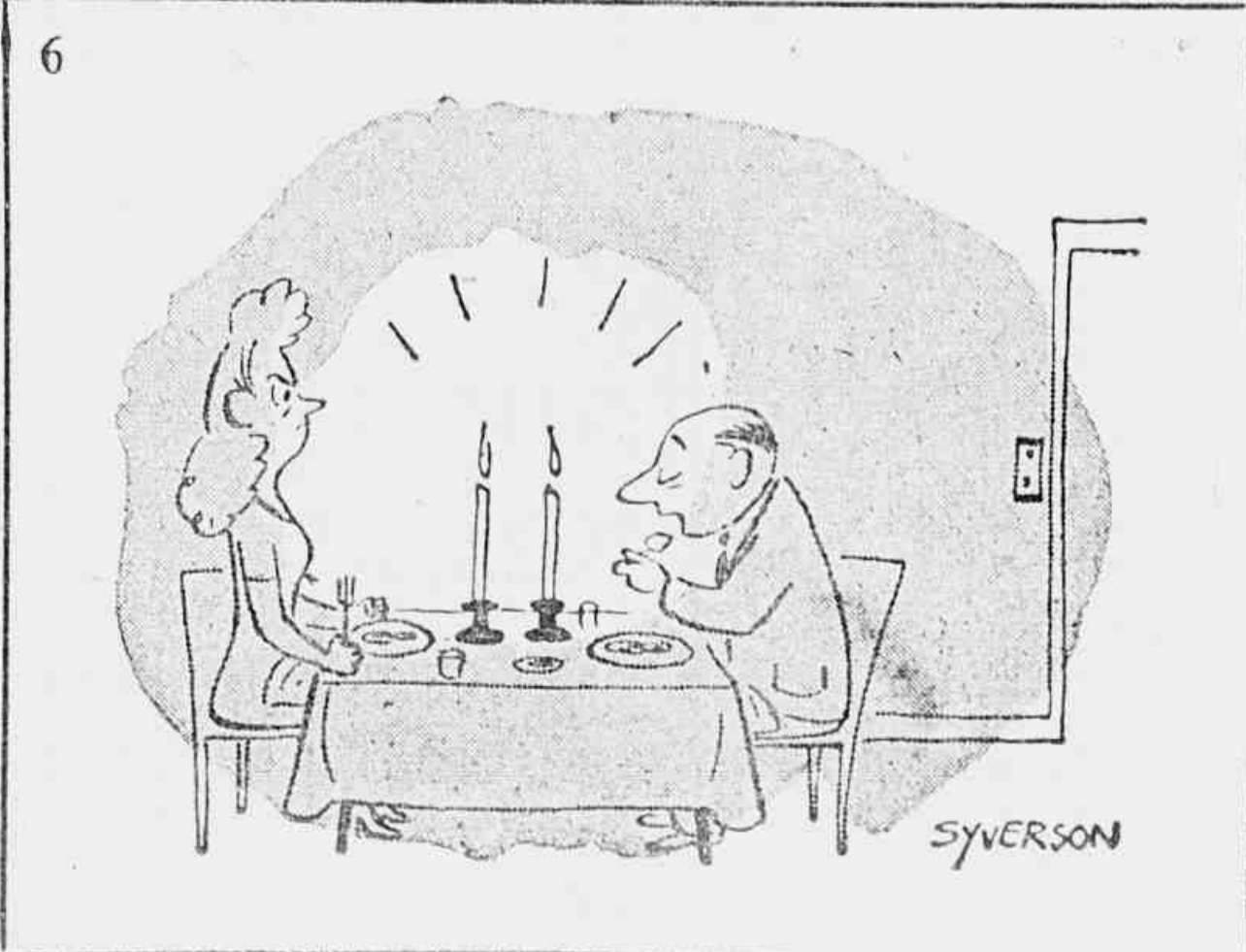
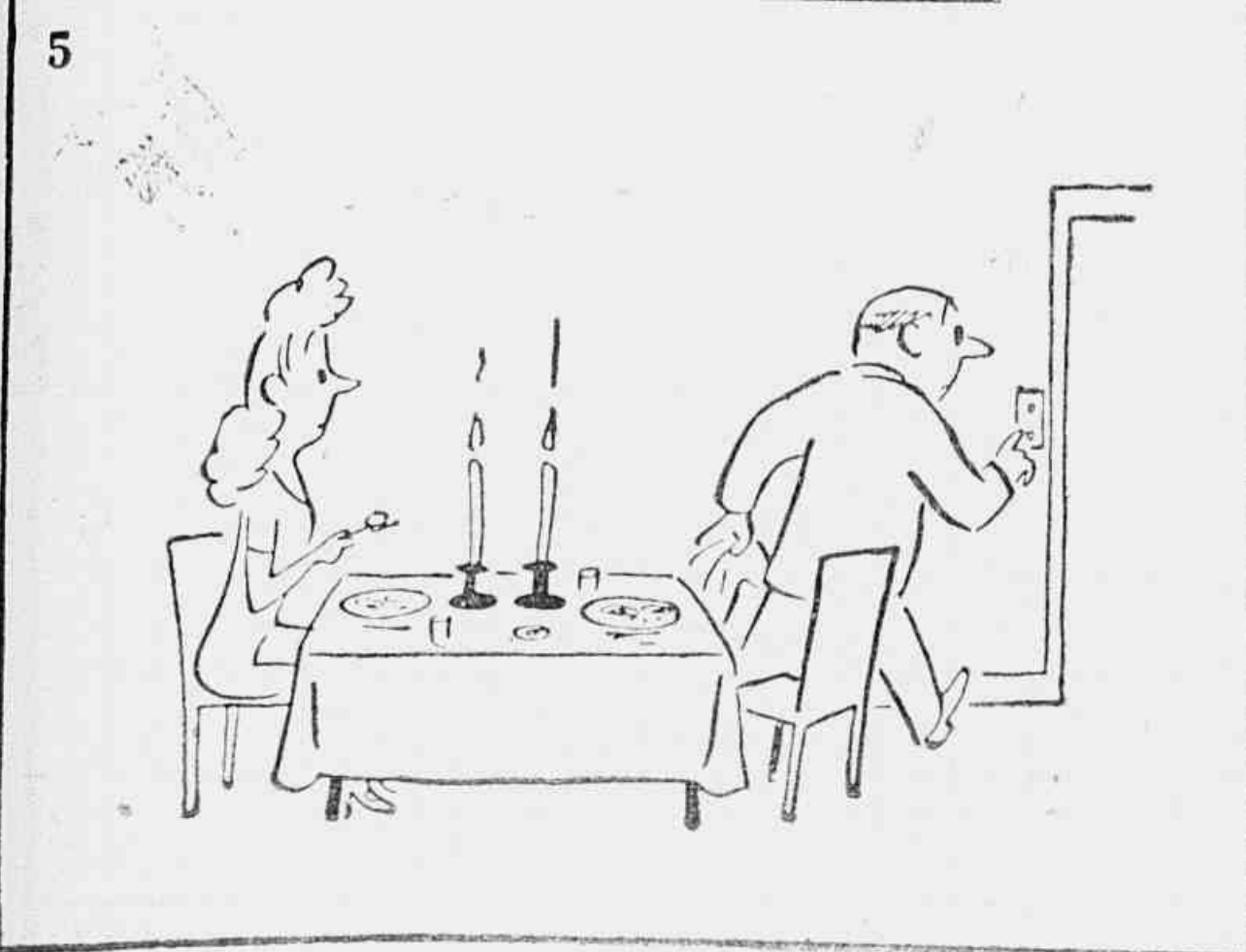
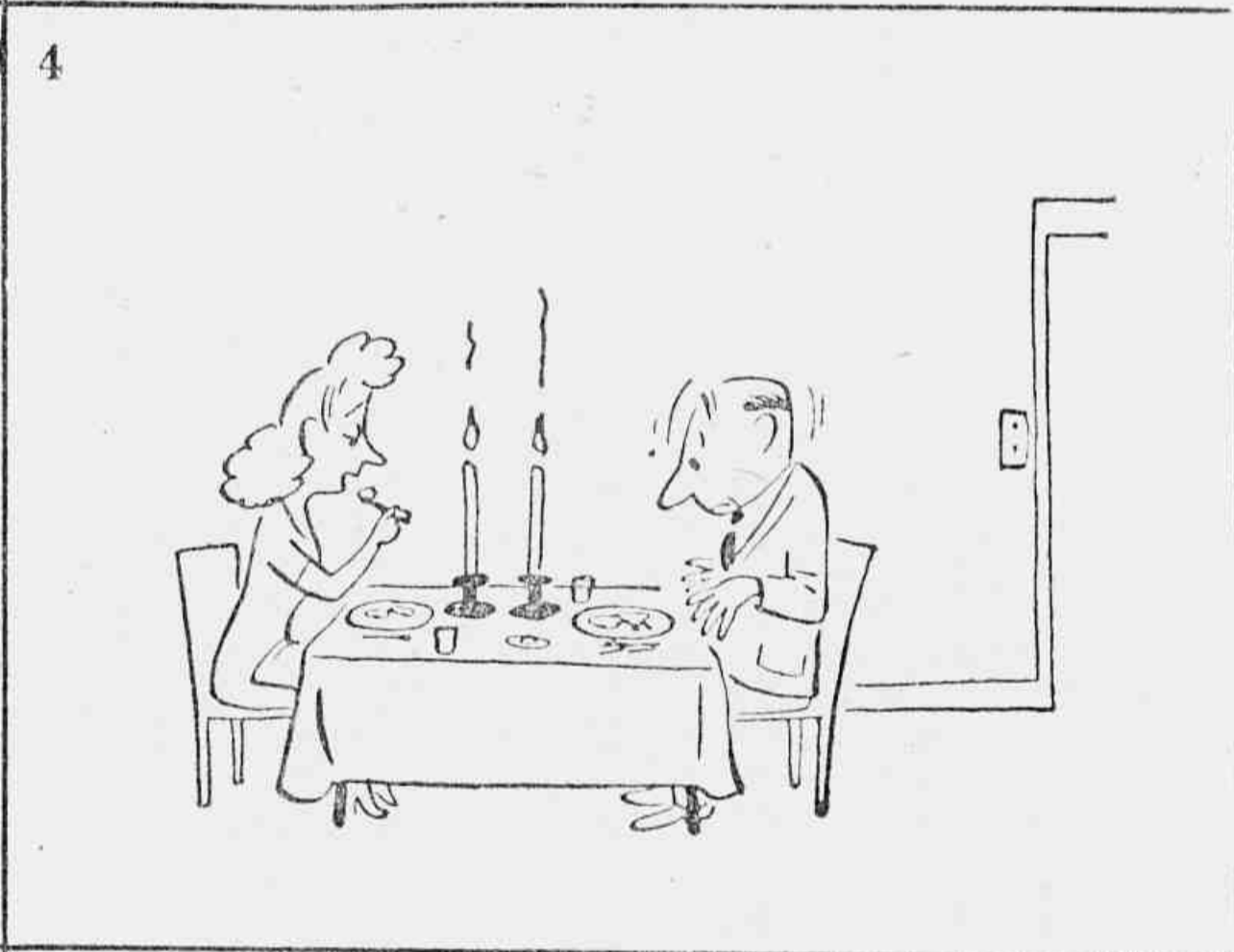
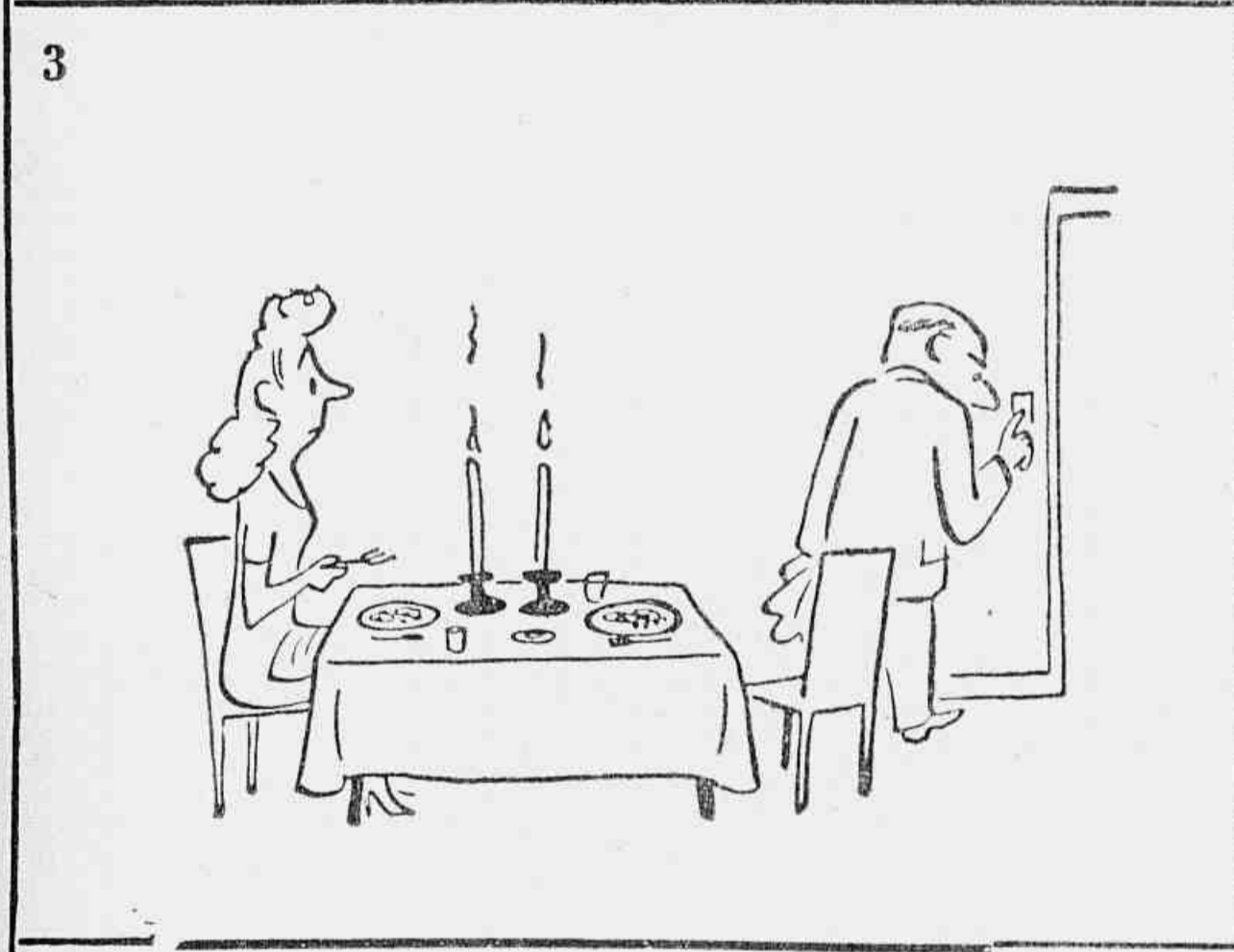
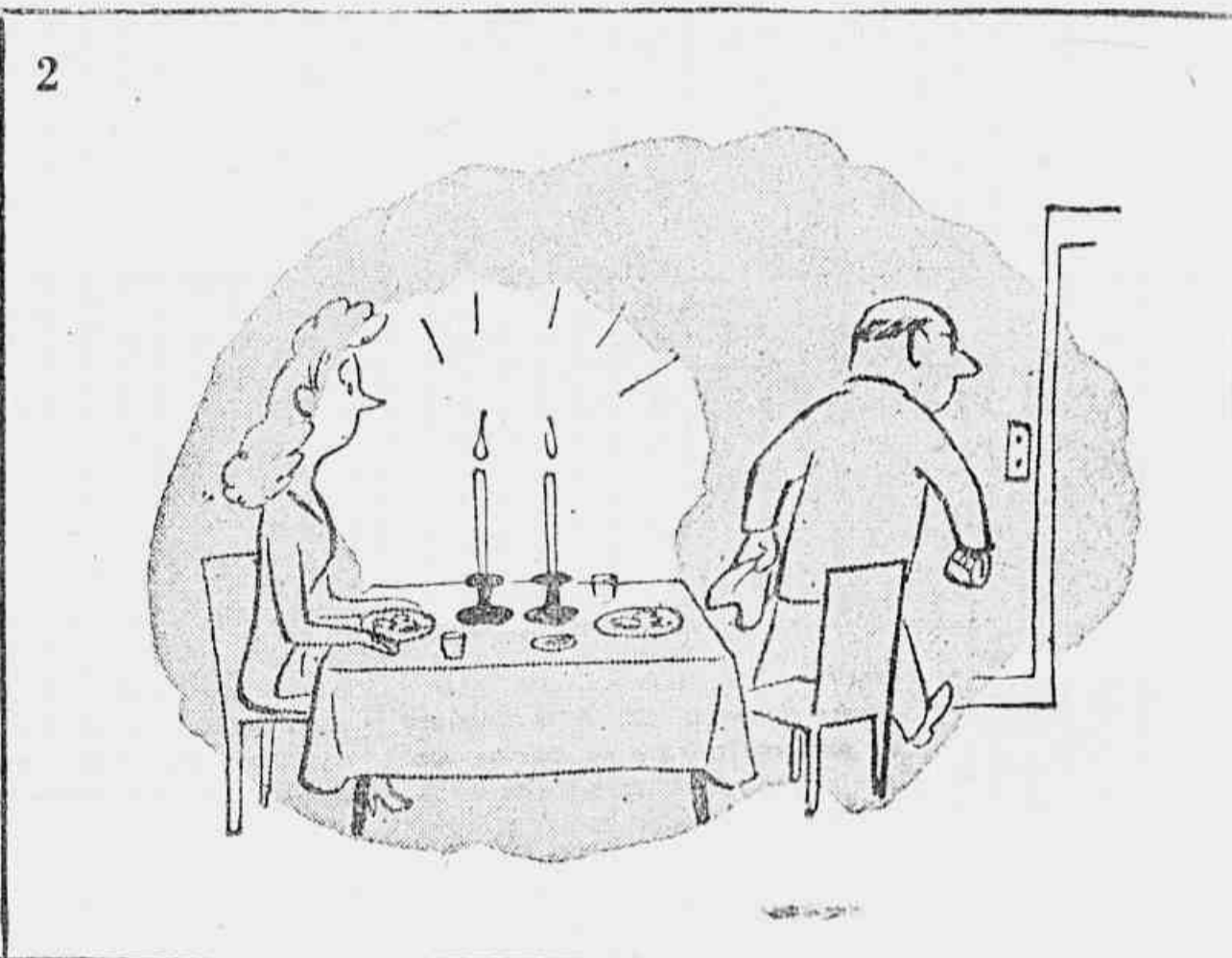
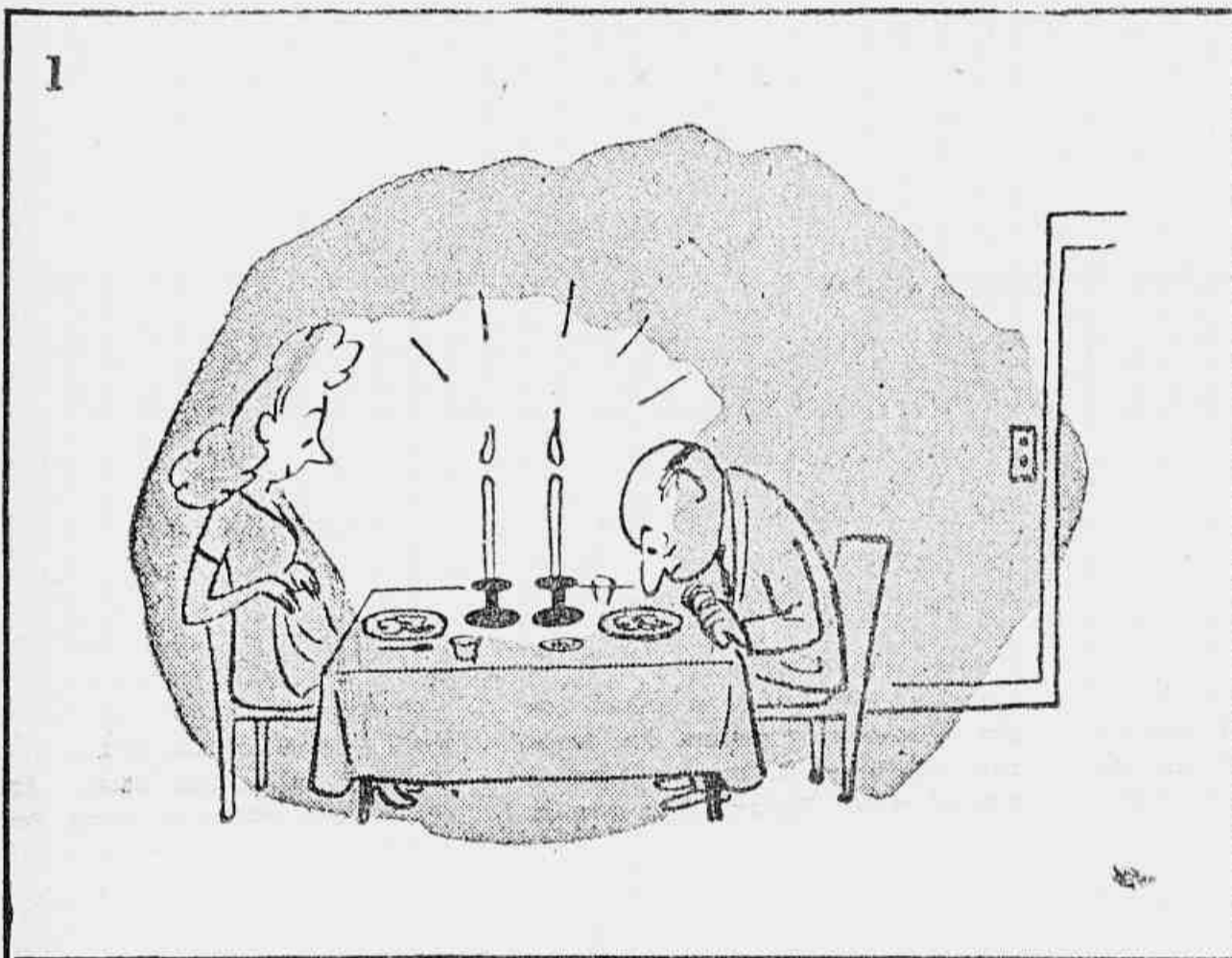
(Cont. na pág. 53)

O presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, e o ministro da Educação, sr. Clemente Mariani, detêm-se, no dia da inauguração do LII Salão Nacional de Belas Artes, diante do nú "Solidão", do pintor Manuel Madruga, — uma das coisas mais ruins da infelicíssima exposição geral.



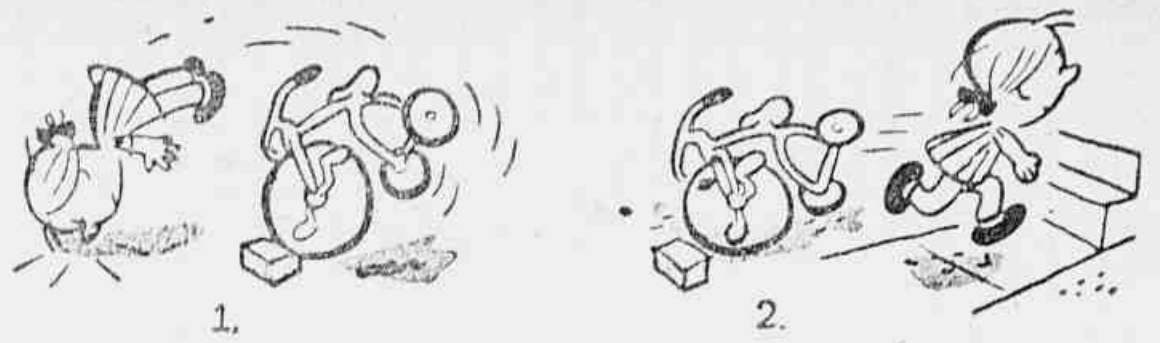


BOM HUMOR



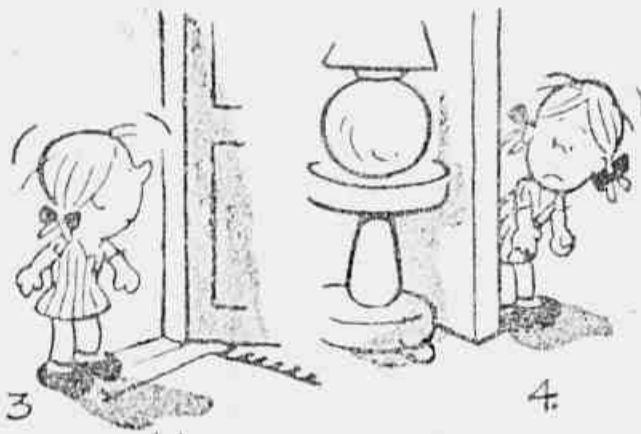


— Dê uma pancada em cima dele, Lenedito! É o que eu faço quando enguiça...



1.

2.



3.

4.



5.



6.



7.



8.



9.



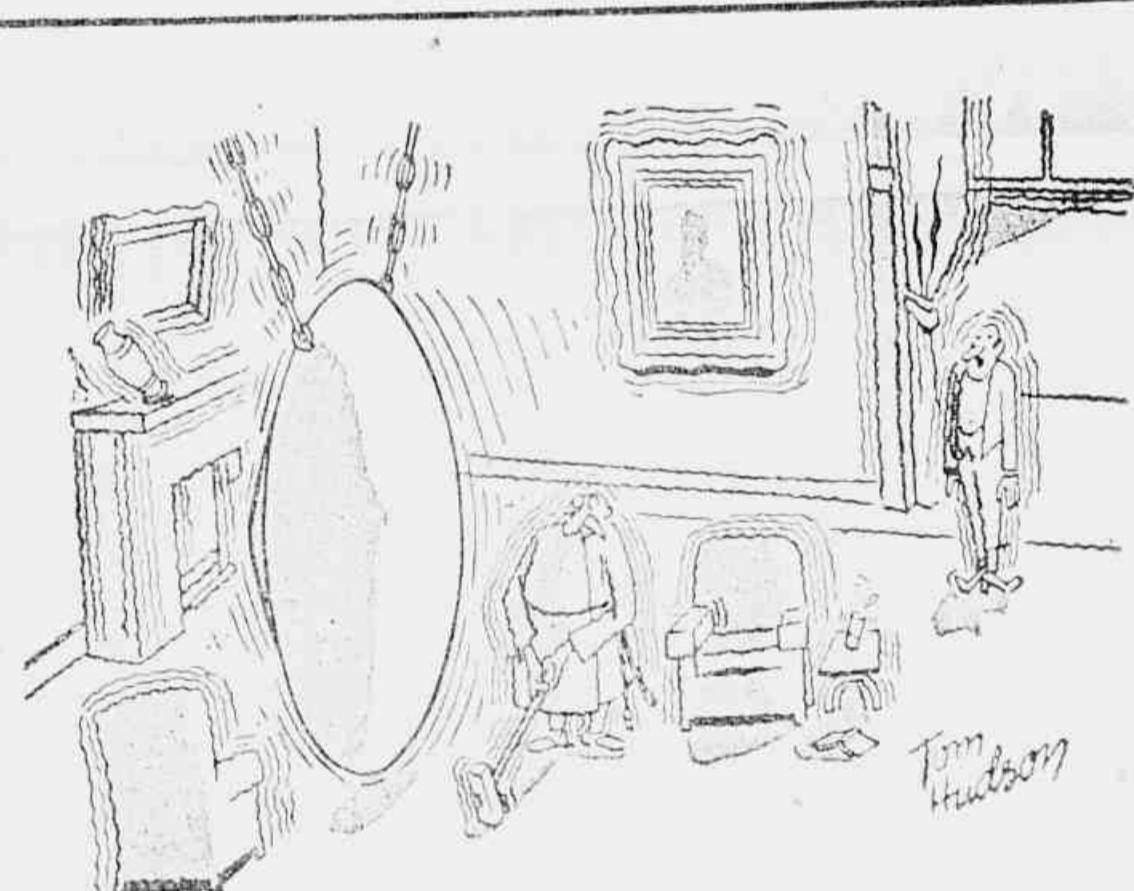
10.



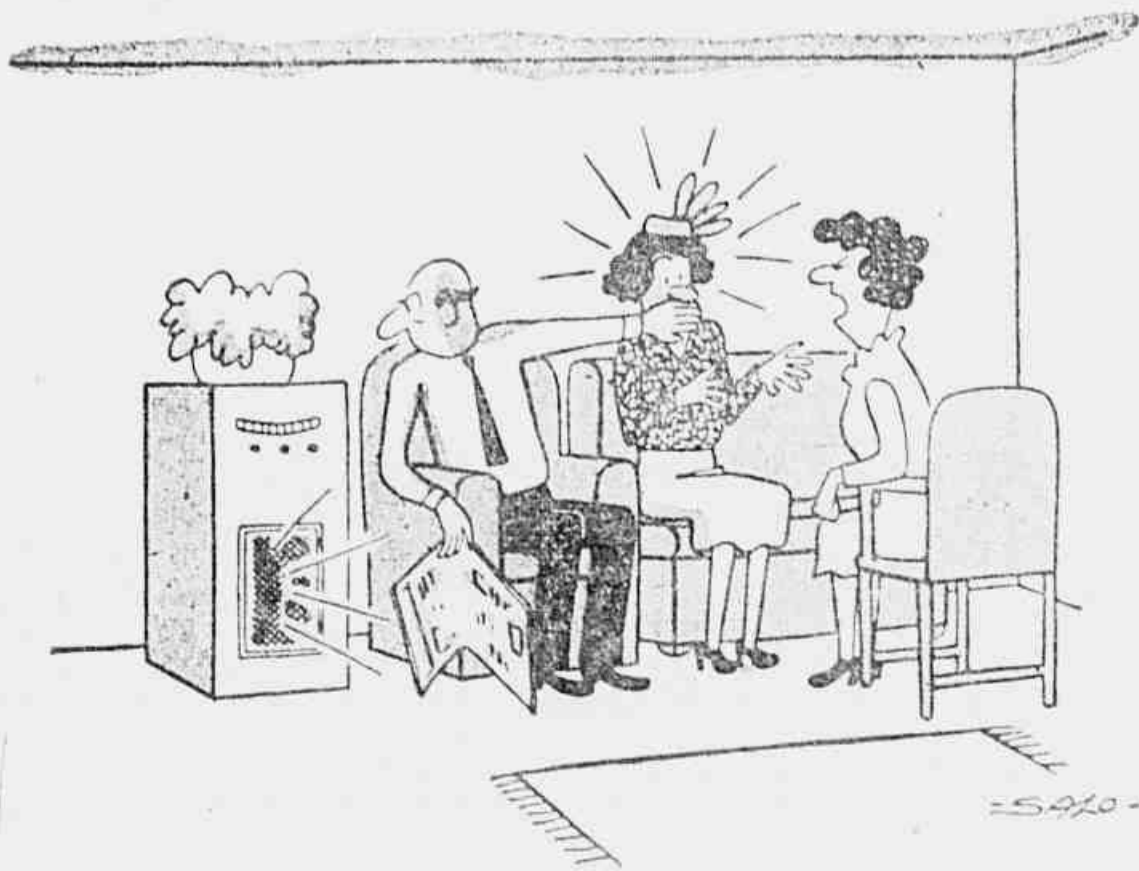
deu CERAR



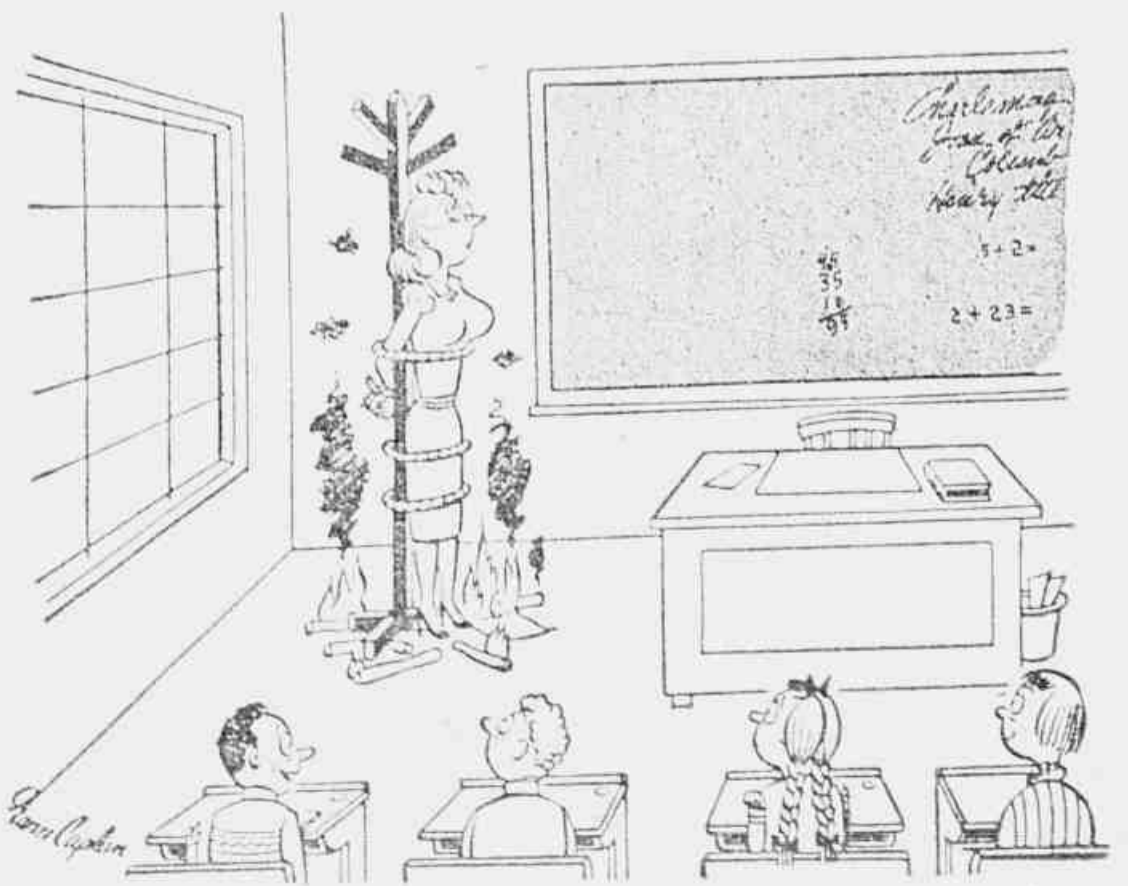
— Veja! Papai é louco por óleo de ricino!



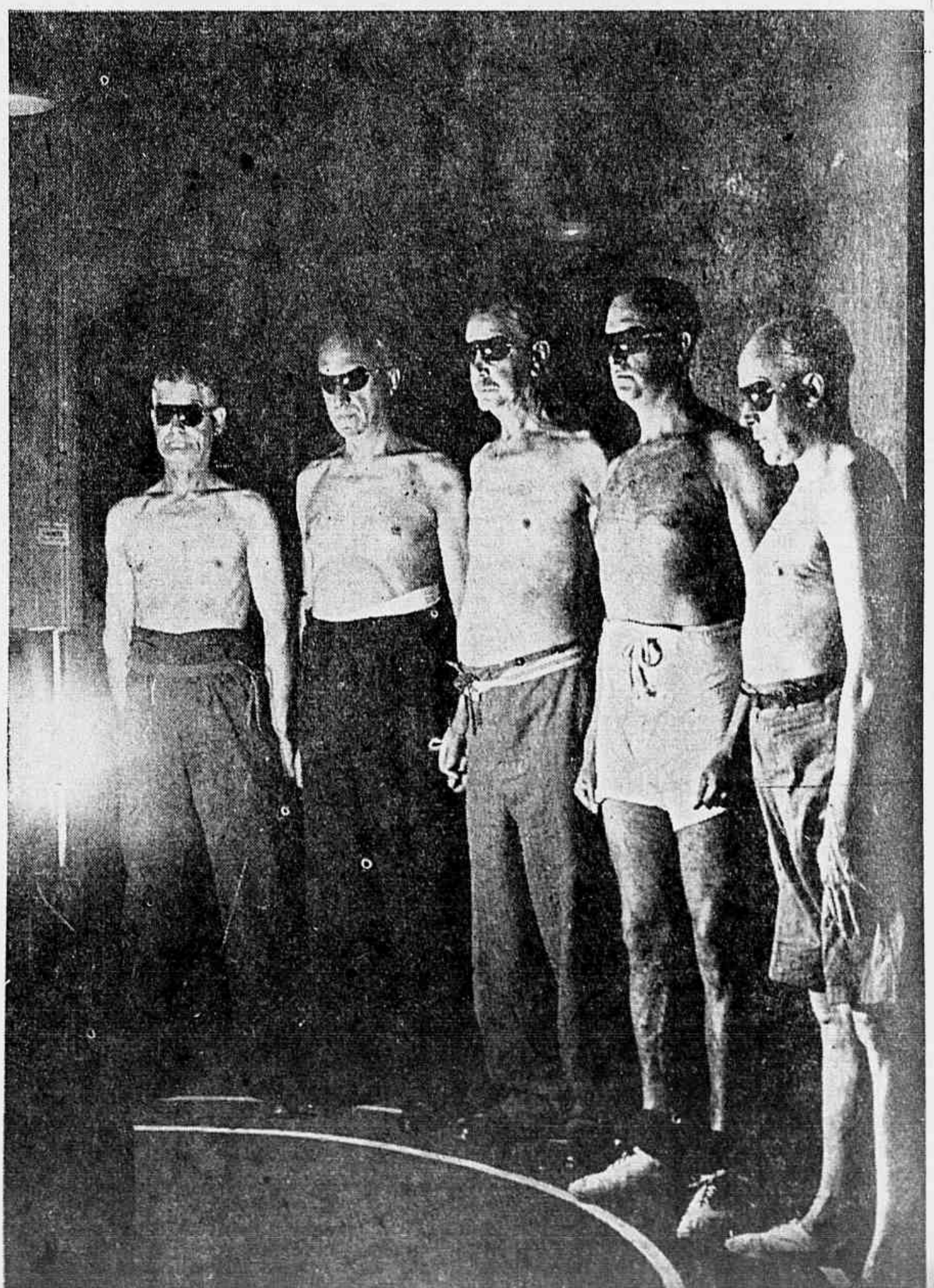
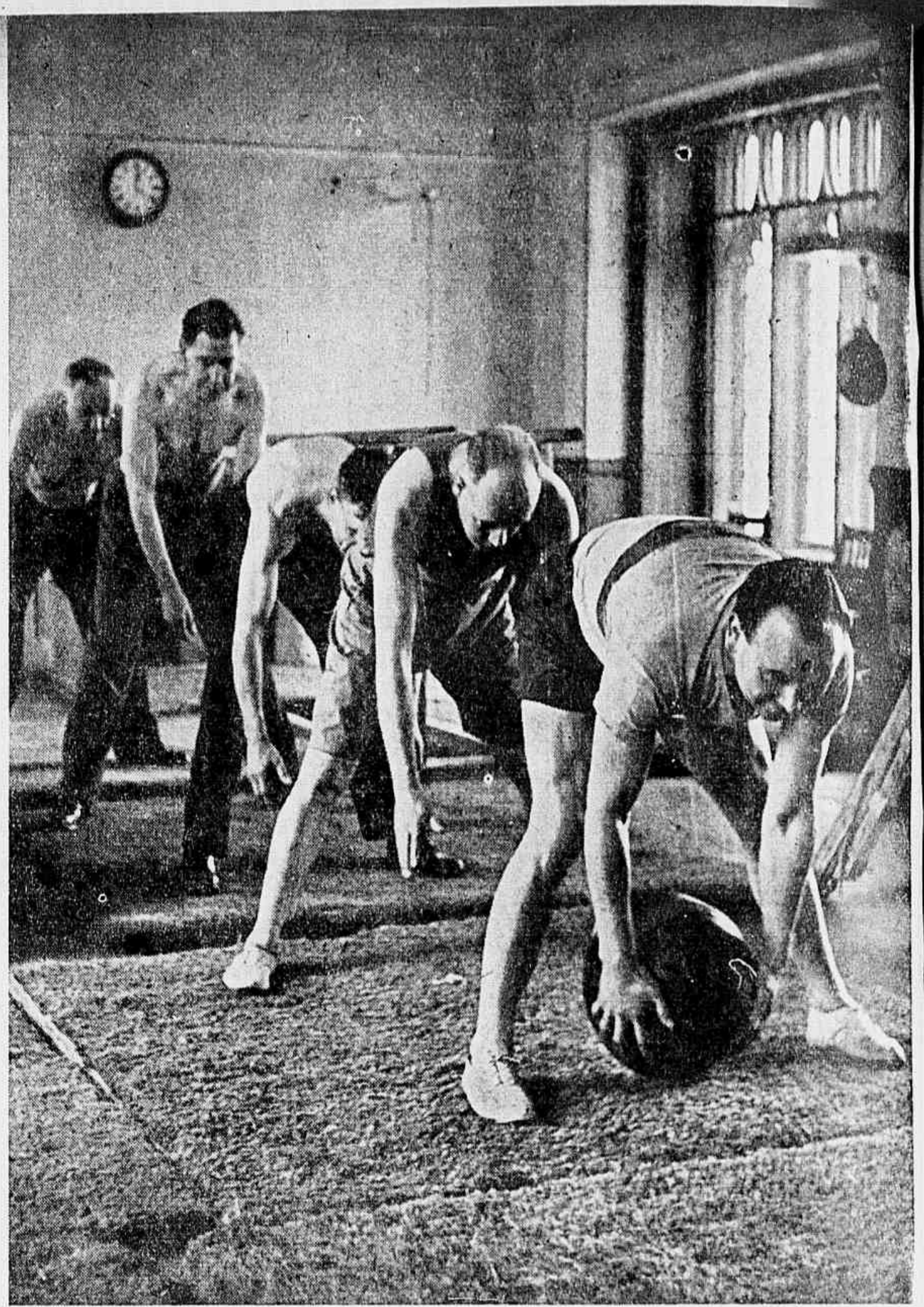
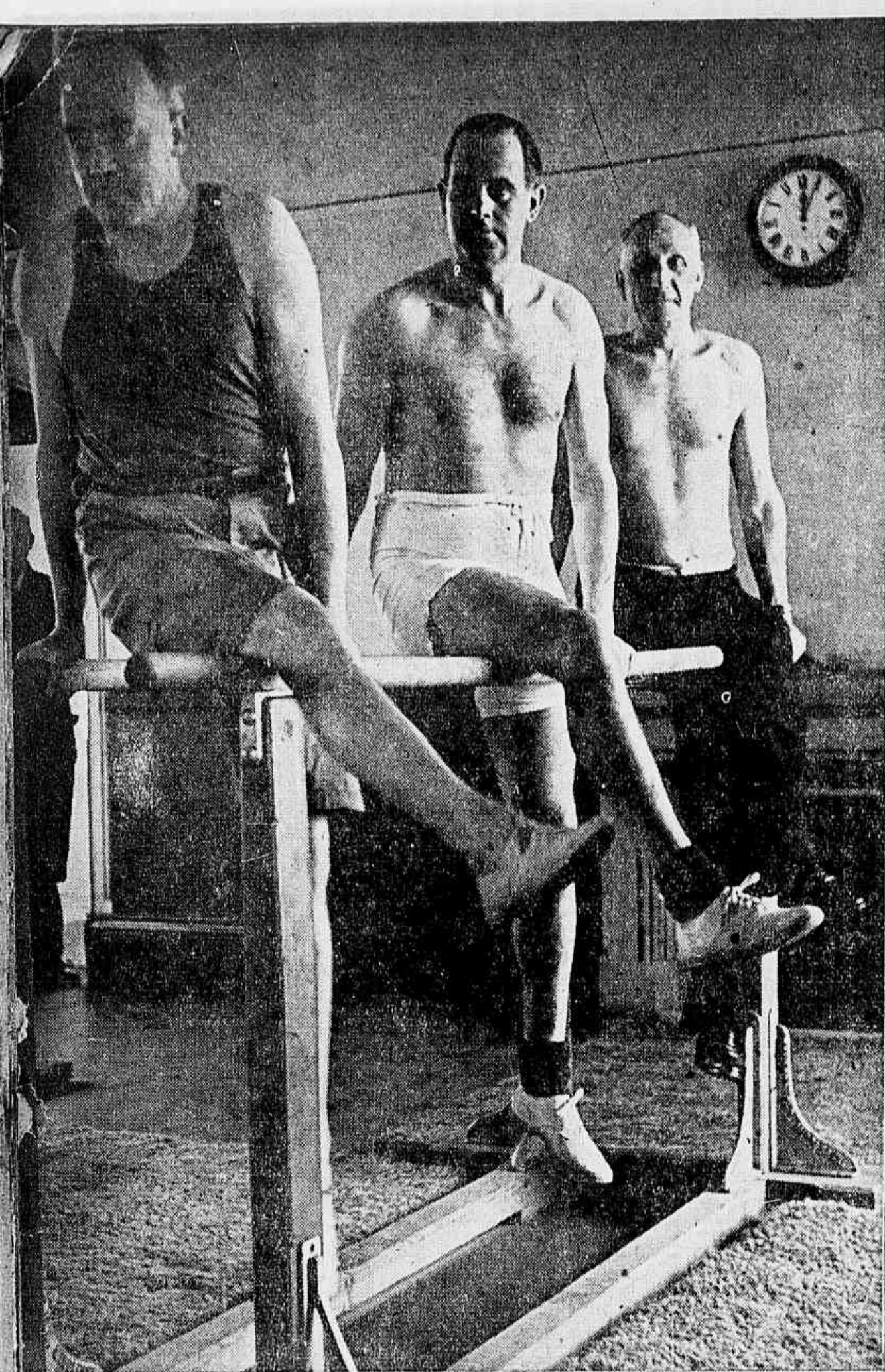
— O senhor deu uma zongada, patrão?

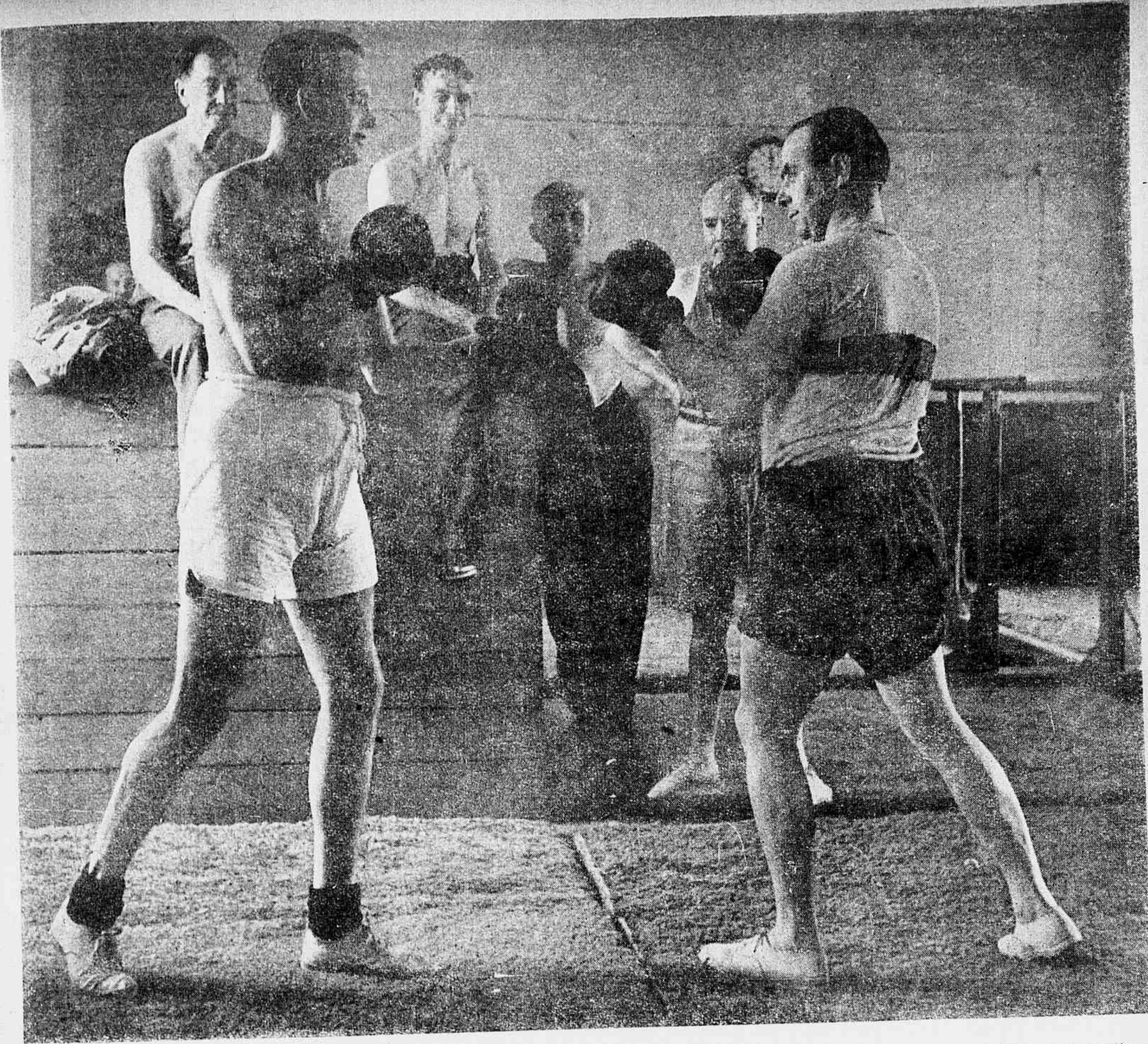


— Os resultados do futebol! Agora, ele é capaz de querer que você se cale!



— Esses exemplos é que tornam as aulas da Dona Laia tão interessantes...





Aqui estão pegados numa partida amistosa de pugilismo (não confundir com pugilato, que é próprio das Câmaras...) os deputados ingleses Norman Dodds e H. L. Austin, enquanto outros deputados os observam.

DEPUTADOS, SIM... MAS ATLETAS, TAMBÉM!

QUANDO AS BATALHAS PARLAMENTARES ESFRIAM, OS REPRESENTANTES DO POVO INGLÊS SE AQUECEM EM COMBATES CORPORAIS, COM LUVAS DE BOXE — UM GINÁSIO ONDE SÓ SE PODE ENTRAR DEPOIS DE UMA VITÓRIA NAS URNAS — UM EXEMPLO PARA OS HOMENS PÚBLICOS DOS OUTROS PAÍSES.

Por LIONEL DAVIDSON ★ Fotos de FRED RAMAGE

(Direitos exclusivos da "REVISTA DA SEMANA", adquiridos com a KEYSTONE PRESS AGENCY)

LONDRES, novembro — Pouca gente pode imaginar que exista, em algum lugar do mundo, um centro de esportes, um salão de exercícios atléticos, destinado apenas a sisudos homens de Estado, a representantes do povo, que, depois de discursarem pró ou contra o governo, de erlarem ou de extinguirem impostos, ali vão fazer ginástica, de calção e camiseta, jogar bola ou subir numa corda, como os sócios de qualquer clube esportivo ou como atletas de circo, obrigados a manter a forma mesmo quando o toldo está de-

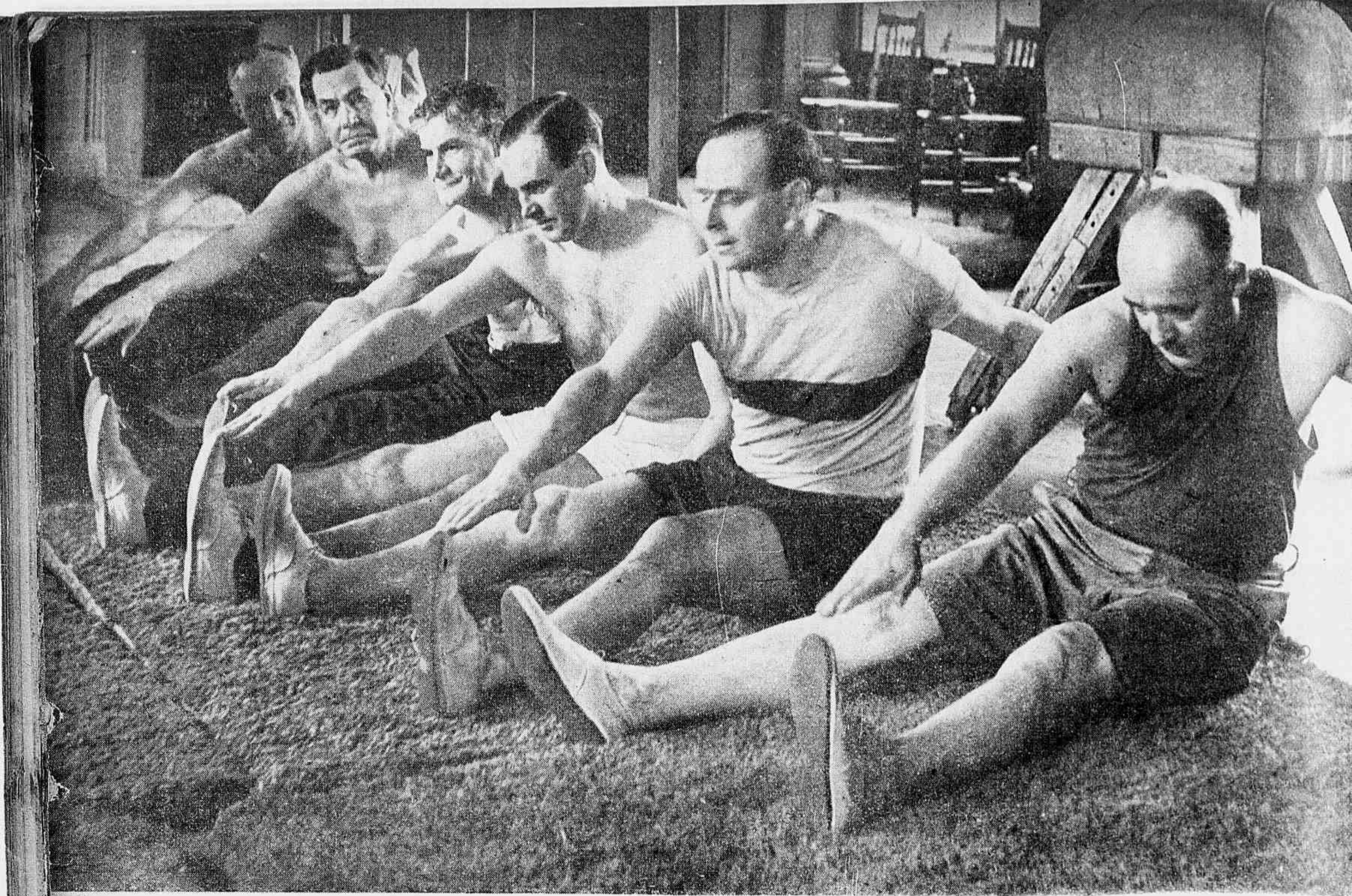
sarmado... No entanto, — e aqui falou, ao menos desta vez, o famoso "Acreditem ou não..." de Ripley, — esse salão de esportes existe, para uso

exclusivo dos deputados ingleses, dos representantes que, na Câmara dos Comuns, discutem os problemas e moldam os destinos de uma das maiores nações

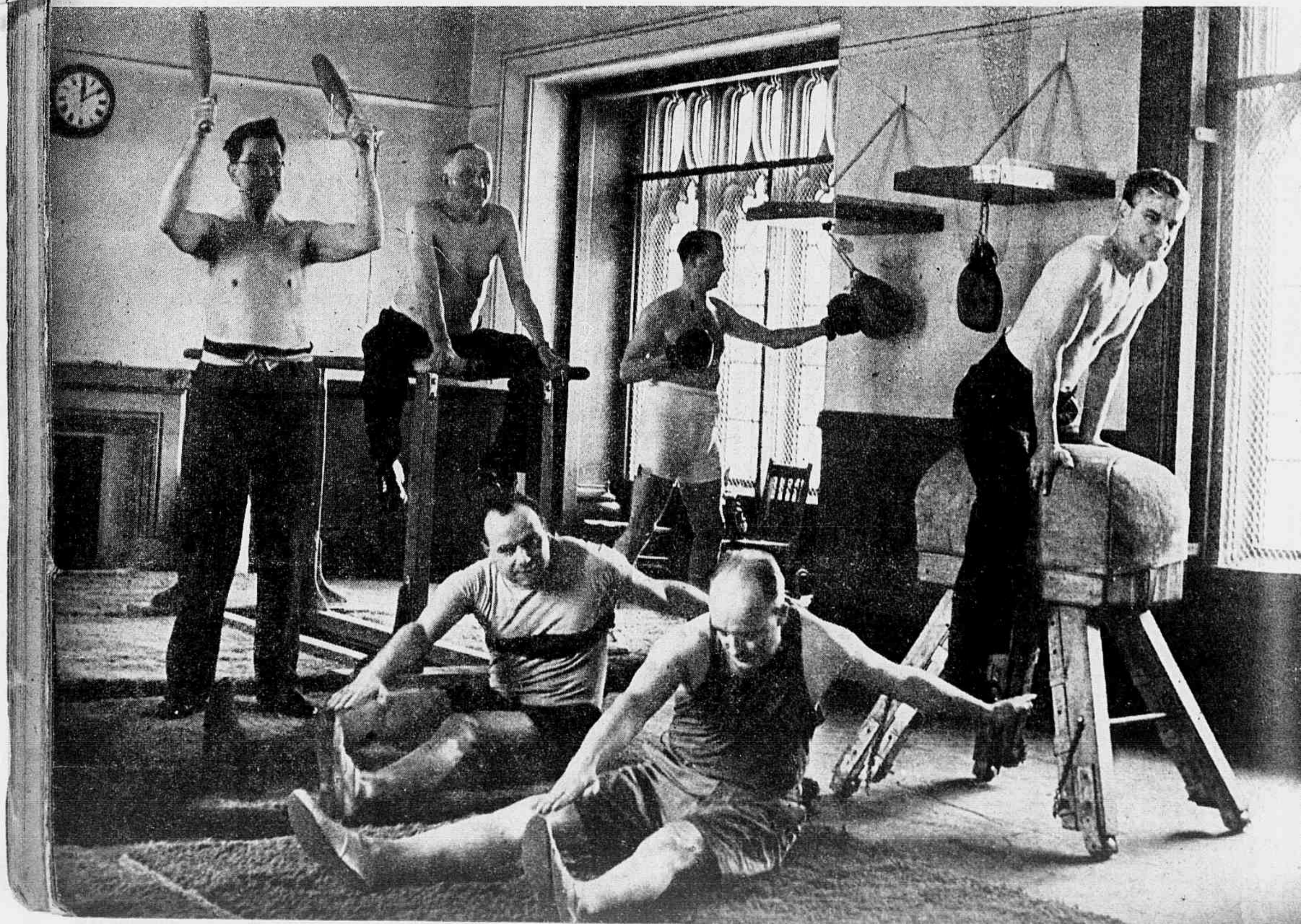
do mundo, com interesses em todos os continentes.

Deputados, sim... mas atletas, também! — é o que podem dizer, de si mesmos, os representantes ingleses dos Comuns. As vezes, no fervor das batalhas parlamentares, em que os oradores e aparteantes se exaltam por excesso de zelo pelo bem público, os trabalhistas parecem dispostos a dilacerar os conservadores ou a comer vivos os liberais-moderados. No entanto, mais tarde, um trabalhista recebe a bola de um conservador e se apressa a passá-la a um li-

Na página ao lado ao alto: Estão, na paralela, os deputados Norman Dodds, Harry Hynd e tenente-coronel Marcus Lipton. No jogo da bola: deputados tenente-coronel Lipton, Walter Ayles, Hynd, G. House e H. L. Austin. Em baixo: O deputado inglês Harry Hynd é o secretário do Ginásio de Westminster Hall. Aqui o vemos subindo numa corda — prova de capacidade física, que, no entender do autor desta reportagem, devia ser exigida, no mundo inteiro, a todos os deputados e senadores, antes de tomarem posse... Em face da lâmpada de raios solares artificiais, alinham-se homens de várias convicções. Todos, porém, concordam com uma coisa: a lâmpada é do barulho.



Ao alto: Na ginástica, antes da oratória: deputados Lipton, Ayles, House, Dodds, Austin, Hynd. Em baixo: Os representantes do povo inglês preparam-se fisicamente para o melhor desempenho de suas tarefas no Parlamento.



O deputado Inglês Walter H. Ayles, de 68 anos de idade, é ainda um frequentador assíduo do ginásio e tem um excelente "punch".



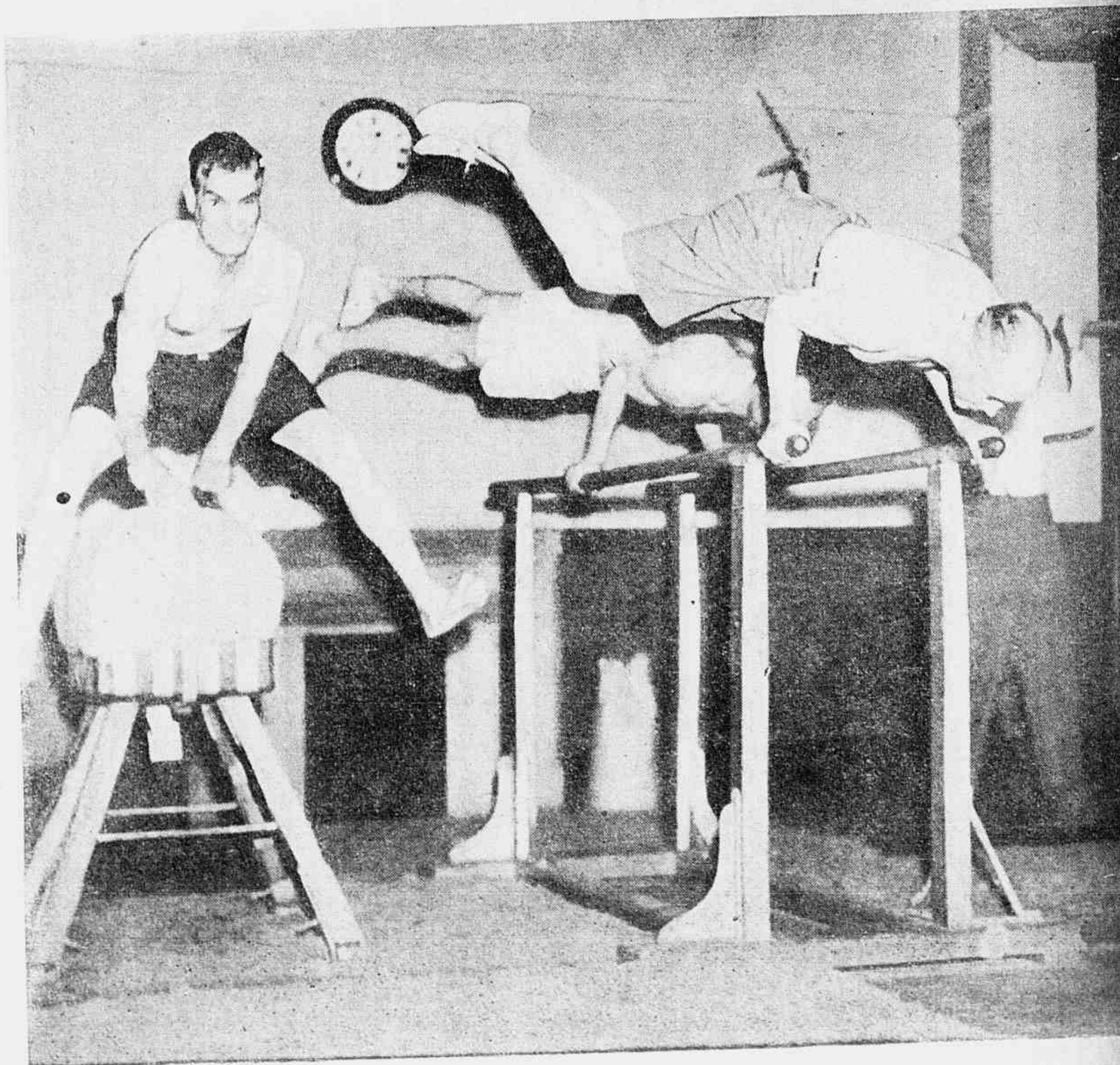
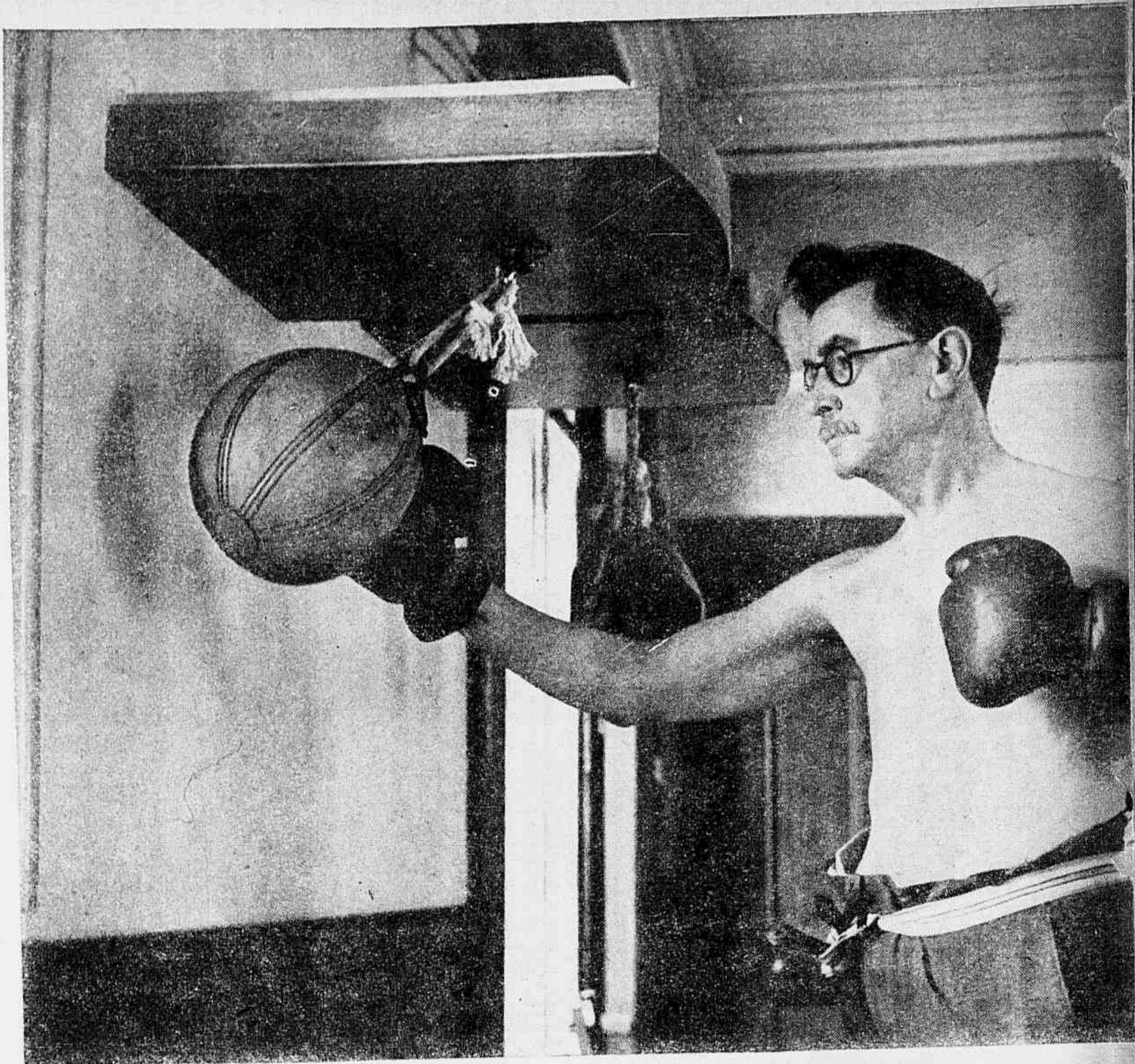
geral-moderado, com o enlascamento de um colegial, que se inicia num esporte novo. Ou, então, os dois calçam luvas de boxe, enfrentando-se no "ring" com a perícia de verdadeiros profissionais do pugilismo, — mas de profissionais decentes, dos que não dão golpes abaixo do cinto... Outros deputados servem como juizes, e mesmo como assistentes, piruando os encontros com delícia, com o mesmo ou maior interesse com que haviam piruado a troca de apartes incandescentes.

Muitas vezes, nesses encontros esportivos, nessas reuniões cordiais nas salas de ginástica, formam-se boas amizades entre adversários políticos inconciliáveis, que nunca chegariam a se dar bem, se não viessem a se conhecer em circunstâncias outras que as das simples atividades parlamentares. E às vezes esses entendimentos favorecem o andamento de projetos e de iniciativas, apressando a marcha dos trabalhos parlamentares. Mas, antes de mais nada, o ginásio dos deputados, no velho Westminster Hall, serve, sobretudo, como um exemplo para os homens de idade, do mundo dos negócios, das altas finanças, das letras e das artes, para que cuidem também do seu físico, fazendo-lhes ver que o esporte não é coisa apenas de moços. O ginásio está situado no topo do edifício, ao fim de uma escada circular de trinta e seis degraus, — e só o fato de subí-la já constitui, por si só, um verdadeiro exercício.

Pode ser que as opiniões dos deputados diverjam em muitos assuntos, mas há uma coisa em que todos eles estão de acordo: é que não há nada como um banho de luz solar artificial, num dia de intenso frio, de fadiga e de esgotamento, com os trabalhos parlamentares. Recuperando o bom humor e as energias físicas, através da prática do esporte, os deputados ingleses aprendem a se suportarem melhor uns aos outros, matando no nascedouro muitas indisposições e malentendidos. No meu entender, tôdas as Câmaras de Deputados do mundo deviam ter desses ginásios, — e cada deputado ou senador só devia poder tomar posse quando fôsse capaz de subir szzinho numa corda ou de fazer uma flexão do corpo, a pés juntos, sem vergar os joelhos, de sorte a tocar no chão com as pontas dos dedos das mãos...



Os deputados House, Austin e Hynd, e mostram suas habilidades diante do fotógrafo.





Estar esperando a mulher que amava era uma sensação sempre nova para ele. Já a esperara outras vezes, muitas vezes, mas nunca pudera deixar de ficar assim, numa alegria meio nervosa que o impedia de parar quieto. Tinha necessidade de movimentar as pernas, de mexer os dedos, de desperdiçar pensamentos, como se todos esses gestos pudessem apressar-lhe a vinda.

O relógio marcava dez para as nove, e a combinação fôra de se encontrarem ali, junto à velha figueira da praça, às oito e quinze em ponto. O que teria acontecido? Nada, com certeza. Um atraso qualquer... Mas que atraso enorme! Já tivera tempo de contar a passagem de cinquenta e três pessoas, de chutar uma porção de coquinhos do chão, de fumar sete cigarros e de pensar coisas incríveis.

Lembrava-se de outras esperas, de certas esperas inesquecíveis. Via-se encostado ao poste que tinha o número 32.578 (qual a razão desse detalhe inexorável da memória?), com o chapéu bem abaixado e mãos no bolso. As mãos no bolso eram indispensáveis, porque precisava a toda hora apalpar-se, sentir-se presente. Dali a pouco, a luz do 41 se apagava à saída do último homem. Teria o bandido estado com a sua pequena, ou com outra qualquer? Ciúmes tolos. O que valia era o assobio logo em seguida, os passos que dava em direção à porta em frente, o calor que esse assobio trazia instantaneamente ao rosto, o último cigarro acendido para disfarçar aqueles vácuos repentinos que se punham a dançar-lhe no estômago, a chave, a escada escura, o quarto iluminado cheirando a álcool e o cabelo lavado, a cama, o beijo meio repulso mas abrasador, o incêndio, o incêndio total e depois o apaziguamento, a distância, o sono...

Que espera estúpida! E se ela não viesse, exatamente hoje que pretendia falar-lhe direito sobre certos assuntos? No bolso trazia a caixinha com a aliança... Tinha a impressão de que a impaciência de todas as esperas de sua vida se concentrava naquela espera.

Esperara tantas vezes! Esperara por bailarinas, sentado em mesas de cabaré. Esperara por garotas à entrada dos cinemas. Normalistas acompanhadas e sem acompanhamento... E eram todas o mesmo. Umhas fingiam ingenuidade e não eram ingênuas. Outras simulavam depravação quando não criam nem sensuais, sequer.

Agora achava-as todas idiotas, apreciavam-lhe irremediáveis, em atitudes que a memória fazia caricaturais. Mentira para todas, e todas lhe haviam mentido. As suas sombras ridículas pareciam existir dentro dele apenas como pano de fundo para a figura luminosa de Gilda.

— Gilda! Gilda! Gilda!

Sentiu necessidade de repetir aquele nome adorado para dar-se a impressão de que ela estava perto, e o resultado desse romantismo barato foi que pregou um susto terrível numa pobre senhora que cruzava a alameda com ares digestivos. Gilda! Gilda!... Fôra ela a única que nunca usara subterfúgios nem hipocrisias. Procurava-o sempre sozinho, não se negava às suas carícias nem tentava encaminhar a conversa para o casamento, como faziam quase todas. Fôra tão natural que o deixara completamente desarmado. A princípio tinha-a tratado como a uma conquista dessas que

CONTO DE MIROEL DA SILVEIRA

ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO MOURA

representam inocência para ficarem mais interessantes. Passados alguns dias de conversas e de encontros, tomara-a por ingênua autêntica. Quando se ia fixando nessa impressão, e resolvia abandonar o caso por desinteressante, percebeu que ela não era nem uma coisa nem outra. Era, sim, uma criatura absolutamente conciente e lúcida, embora inexperiente. Não evitava nem um assunto, não o repelia, mesmo quando ousava muito. Só não admitia baixezas. Amava-o tão puramente, tão sadicamente, tão integralmente que acabou respeitandoo a ponto de se desconhecer.

Parecia incrível que aquele amor pudesse viver dentro dele, dentro desse Ricardo que a experiência da vida tornara tão céptico, tão dissimulado!

Tantas vezes esperara por tantas mulheres... E elas sempre vinham, ou se não vinham também não tinha importância, o mais que conseguiam era ferir-lhe um pouco a vaidade. E Gilda, cujo amor para ele era tudo, essa agora não vinha... Ter-lhe-ia sido tão fácil telefonar, se houvesse algum motivo! E se tivesse acontecido um desastre? Já eram nove e quinze...

Qualquer coisa dentro dele queria acreditar nessa hipótese tremenda, mas o todo a isso se recusava. Não era possível que isso sucedesse. Por que? não sabia. Sabia apenas que essa idéia não lhe parecia verossímil. Preferia pensar que ela não quisera vir. Gilda era tão espontânea que seria capaz, tendo outro interesse qualquer mais forte, de a este entregar-se com a sua sinceridade absoluta, esquecendo até de lhe dar satisfação.

Quem sabe se não tinha encontrado algum flirt, e só amanhã se iria lembrar da existência de um Ricardo que a ficara esperando a noite inteira plantado que nem palmeira no meio daquela praça? Telefonar-lhe-ia então para comunicarlhe, com a mesma naturalidade com que confessara amá-lo, que tinha encontrado um rapaz qualquer encantador, que tinham ido ao cinema juntos, que estava apaixonada por ele...

Não, Gilda não seria capaz disso. O nome de tal procedimento não seria naturalidade... Se Gilda fizesse isso, não passaria de uma pequena sem caráter. Mas como estava tendo a coragem de pensar em Gilda daquele jeito? Ela fora vítima de algum desastre, sim, e era o tipo da garota séria.

Mas então ela estava á morte, com certeza! Era preferível nesse caso que estivesse viva e fosse menos correta... Procurou rememorar certos olhares de amigos, ao verem-nos juntos. Saberiam eles de alguma coisa sobre o passado de Gilda? E se ela tivesse bancado uma honestidade que não possuía?

Ele bancara pior. Bancara otário. Bancara e ainda estava bancando. Por que não ia embora? Eram vinte para as dez, aquela espera já não tinha o menor propósito.

Que ódio lhe dava agora o terno novo, estreado só para vê-la! Escolhera uma cor sóbria porque ela não gostava de tons escandalosos. Pusera brilhantina muito suave no cabelo para tê-lo sempre correto. Comprara aquele chapéu cinza azulado para parecer mais velho, e chegara ao cúmulo de perfumar ligeiramente o lenço...

Precisava tomar rumo! Eram dez e sete, já, e o desespero crescia cada vez mais. A revolta era imensa contra aquela situação idiota. Necessitava movi-

mentar-se. Talvez um pileque curasse tudo. Não. Bebedeira é solução de covarde. O que precisava era convencer-se de que não estava sofrendo, de que ainda não era totalmente cretino. Precisava mostrar a si mesmo que era capaz de destruir num instante aquele novo Ricardo, emocionável, ingênuo e fervoroso, que o amor de Gilda havia criado dentro dele. Precisava que aquela espera desapontada bastasse para, de repente, fazer ressurgir o velho Ricardo, aquele tipo cínico, blasé, espírito de porco, que dias tão despreocupados já lhe havia proporcionado...

Precisava, mais do que tudo, pegar uma outra mulher, qualquer que ela fosse. Bastava que não tivesse mau hábito nem fosse peluda demais. O resto, branca, preta, amarela ou vermelha tudo havia de servir.

Endireitou o chapéu e jogou fora o último tóco de cigarro. A praça já estava quase deserta. Passavam homens apressados, de vez em vez, e uma ou outra profissional arrastava o lulú para o passeio higiênico. Poucos automóveis buzinavam perto, ao cruzarem a esquina.

Caminhou a esmo. Viu um pobre coltado enrolar-se em jornais para dormir, tentando esquentar-se. Recusou o convite besta da proprietária de um lulú. Sentou num banco e contou os cigarros que tinha. Três. Pô-los no bolso e chutou nervosamente, num gesto muito seu, o maço vazio.

Noite estúpida!

De repente, percebeu que no outro extremo da alameda um vulto feminino, encostado a uma grande árvore, o estava fitando intencionalmente. Sentiu a agulhada sintomática de quando pressentimos um grande acontecimento. Não sabia por que, mas alguma coisa lhe dizia, mesmo antes de conhecer aquela mulher, que ela marcaria sua vida com um episódio emocionante.

Devagar, devagar! Convinha, antes de se entusiasmar idiotamente, olhá-la mais a frio. Analisou-a. Ótima! Finíssimamente vestida. Chapéu meio amalucado, cheio de vezinhos, mas que dava ao conjunto um ar vampiresco. Poucas jóias. Sozinha... O que estaria fazendo ali aquelas horas, olhando-o assim?

Tonto! Aquilo na certa que era uma vagabunda. Mas não podia ser, ele não queria que isso fosse verdade porque banalizaria tudo.

Para sair das dúvidas, resolveu fazer-lhe um aceno, grosseiro, é verdade, mas que aclararia as coisas.

A princípio ela respondeu negativamente. Depois, talvez caindo em si, resolveu ofender-se e deu-lhe as costas, partindo em passos apressados.

Que bom! Não era uma vagabunda, teria então a possibilidade de experimentar a sua técnica, a sua velha técnica de que antes tanto se orgulhava! E' verdade que começara mal, com brutalidade... O seu namôro com Gilda lhe havia feito perder completamente o jeito de entabolar enredos.

Mas era preciso dominar-se. Sentia-se como um principiante! Como um principiante sem a inconsciência dos principiantes...

Levantou-se e pôs-se a seguir a mulher. Seus passos, muito maiores, fizeram com que se aproximasse logo dela. Ai a mesma dúvida lhe veio. Não seria ela uma simples profissional, e não estaria, daquele jeito, apenas caminhando

a sua frente para indicar-lhe a pensão ou apartamento?

Aliás, agora que a vinha acompanhando pela rua, com o olhar pregado nas suas cadeiras bambolantes, ficara mais conformado com a idéia de que ela não passava de uma mulher da vida. Dêsse jeito não precisaria pôr à prova a eficiência da sua técnica, que Gilda corria tão sorratamente... Tudo ficaria fácil. Da vida ou da morte, muito boa é o que aquela mulher era, sem dúvida alguma. Quanto tempo não tinha ele perdido com uma boba como a Gilda!

E se tivesse perdido a própria Gilda? Se a essas horas ela estivesse, mesmo, a agonizar num hospital? Fora um automóvel, não... um caminhão pesadíssimo... Bobagem! Precisava é pensar em outra coisa. Naquela mulher, o mundo estava cheio de mulheres gostosas assim, e ele as deixara para ficar grudado numa tolinha como a Gilda!

Mas o fato é que tinha perdido, mesmo, o jeito de abordar. Caminhavam, caminhavam, cruzavam ruas, descruzavam... No fim Ricardo percebeu que estavam passando por lugares já percorridos. Aquela mulher não tinha rumo, então! E ele, quanto mais andava, mais perdia a coragem de falar-lhe. Cada vez que ia pegar-lhe no braço, vinha a idéia de Gilda esmigalhada pelo caminho e atrapalhava tudo. No entanto, uma curiosidade violenta o mantinha no

encalço da mulher, naquela ridícula atitude de quem não chove nem molha.

Foi ela quem resolveu quebrar o absurdo da cena. Fez súbita meia volta, e caminhou acintosamente em direção a ele.

— Gilda!

Gilda poderia ter pensado tudo, tudo nesta vida, menos que ao fazer aquela meia volta, fosse dar de cara com o noivo.

— Você, Ricardo...

Os dois estavam totalmente imbecilizados. Intimos há algumas horas atrás, sentiam-se agora separados por uma imensidade de infidelidades recíprocas. Ficaram um diante do outro, acobrunhados por um asfixiante sentimento de culpabilidade. Gilda se lembrou então, em súbito raio de luz, de inventar uma história qualquer:

— Aposto como você não me reconheceu com este vestido novo! E' de veludo, sabe? O chapéu não... Mas mamãe não gosta dele... Quem achou formidável foi a Roseta...

— Ora, Gilda, não me queira mais fazer de idiota. Eu bem vi o seu procedimento esta noite. Não minta porque eu sei que você de longe não me reconheceu. E aquilo lá eram horas de se chegar a um encontro marcado para as oito e quinze? Melhor seria que você não tivesse vindo, porque uma moça séria não...

(Continua na pág. 55)

ERAM DUAS AS FIGUEIRAS DA PRAÇA



FRANCES GIFFORD

ACREDITA NO FUTURO

TOMA IMPULSO A CARREIRA DA JOVEM ARTISTA DA METRO-GOLDWYN-MAYER — PELA PRIMEIRA VEZ EM TECNICOLOR, EM "LUXURY LINER".

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de "A CENA" e "REVISTA DA SEMANA", em Hollywood).

HOLLYWOOD — novembro — Frances Gifford é, sem dúvida alguma, uma das mais lindas atrizes de Hollywood. E uma das mais encantadoras, também, por sua extrema amabilidade. E pela primeira vez será vista em technicolor, em "Luxury Liner", película da Metro-Goldwyn-Mayer, contracenando com George Brent. Terminada a rotação de seu último filme, "O Caso Arnelo", Frances começou a posar para "Luxury Liner", em cujo "set" fomos visitá-la. Encontramo-la num magnífico vestido rendado, negro, provocantemente decotado, destacando-lhe a brancura do colo como a riqueza do busto. Falámos-lhe de sua beleza, ao que ela respondeu que a culpa era do figurinista, que desenhou o vestido e do maquilador, que a tratara com muito cuidado. Disse isso como que pedindo desculpas por estar tão bonita (estar não; por ser tão bonita!), como se isso fosse alguma coisa desagradável. Mas em particular Frances é de todo consciente de sua beleza, mas, como ela mesma dá a entender, essas coisas não ficam bem, quando admitidas por aqueles que as ostentam.

Frances Gifford nasceu num dia 7 de dezembro, em Long Beach, Califórnia, filha única do casal Clarence-Gladys Gifford, sendo seu pai superintendente de uma empresa de energia elétrica. Foi sempre menina comportada e estudiosa, destacando-se muito no Colégio Woodrow Wilson, onde fez o curso correspondente ao ginasial brasileiro. Foi líder colegial, querida e respeitada pelas colegas, tendo se iniciado em teatro simplesmente "por distração", como faz questão de frisar. E o faz com tanto sucesso que foi logo elevada à posição de estrela numa produção encenada pelo grupo colegial. Mas, como os livros a interessassem mais que os cosméticos continuou a estudar leis. Isto é, até o dia em que fez uma visita aos estúdios de Samuel Goldwyn. Porque nesta visita, e isso pode-se dizer que era inevitável, foi convidada a fazer um teste cinematográfico.

Para a prova fotográfica, disseram-lhe que caminhasse na direção de um espelho, o mais graciosamente que lhe fosse possível, e que voltasse depois as costas ao mesmo, caminhando então de volta. Mas, antes de voltar, devia

(Cont. na pág. 56)



Ao alto: Frances Gifford é a pequena que vocês viram em "O Roseiral da Vida", "Ela foi às corridas" e "O pequeno Mr. Jim". Na página ao lado: Frances Gifford, a encantadora pequena da Metro, agora pela primeira vez em technicolor. Em baixo, à esquerda: Frances Gifford e John Hodiak, em uma cena de "O caso Arnelo" (The Arnelo Affair). A direita: Frances Gifford, ao lado de Luís Serrano, no "set" da filmagem de "Luxury Liner".





Das histórias que conheço — e eu conheço muitas, desde as que seu Candinho me contava na fazenda até às que aprendi nos livros e na vida, — a história de Li talvez seja a mais vulgar. Tudo quanto a minha máquina de escrever vos irá transmitir se deu de verdade. E' uma das tais histórias que a vida conta. Deu-se de verdade, com uma professorinha rural chamada Li, no Estado do Rio de Janeiro. Mas podia ter-se dado em São Paulo ou Pernambuco, e o nome da professorinha podia ser Marta, Evangelina ou Teresa. O nome que quiserdes. Dá-se todo dia, em muitos pontos do mundo. Mas nem por ser uma história vulgar perde o direito de ser mais uma vez contada. A força de ouvir a repetição dos seus erros, quem sabe os homens não se emendarão um dia?

★

Viera de Niterói e se chamava Maria Elizabete de Siqueira. Mas desde a infância que todos a conheciam pelo encantador apelido de Li. Demais, com seu pouco acima de metro e meio e seus olhinhos puxados, bem se assemelhava a uma figurinha de gravura chinesa. Salvo os cabelos, quase louros. A gente não podia, em sã consciência — como dizem as pessoas sérias, — achá-la bonita. Feia, porém, isso não era. Até que bem graciosa, com o corpo miúdo de formas arredondadas, o sorriso escovadinho na hora e essa bulhçozidade natural que não está num lugar determinado e está em todos os lugares.

Li, além de tudo, era intensamente alegre. A própria simpatia. E inocente. Tanto quanto pode ser inocente uma professorinha de Niterói. Aliás, bem bem professora ela ainda não era. Ia ser de agora por diante. Mal recebera o diploma, conquistado sabe Deus com quantos sacrifícios, era designada para aquela escola rural. Muitas colegas tinham ficado em Niterói e outras ido para os grupos escolares das melhores cidades. Não que a ultrapassassem em cultura ou inteligência. Era esquisito. Havia certas coisas que Li não conseguiria entender nunca. Enfim, a sua imensa capacidade de alegria passava por cima disso tudo.

E foi até contente que chegou à fazenda. Fazenda "Boa Vista"? Não me lembro. Mas Li nunca o esquecerá. O que primeiro a impressionou foi o bom acolhimento das moças. Nada menos de cinco: Nilza, Dagmar, Almerinda, Dulce e Lídia. Só a primeira casada. E todas morenas, viçosas, enormes. Com sua estaturazinha minguada. Li se sentiu como uma formiga entre patas de elefantes, quando elas lhe prodigalizaram contundentes amabilidades. Riam e berravam, envergonhando o sorriso clichê e a mudez de Li. Isto era só o princípio. Ficou aterrada com o pai dos colossos. Alto, magro, curvado, bem como um bambú. Bambú vestido (a infância esvoaçou um minuto dentro de seus olhos, quando pensou nisso), pois a roupa de brim lhe caía flácida, como vazia. Para que se falassem, Li precisava pôr-se na ponta dos pés e ele se dobrar em dois. Mas não tinham muito que dizer-se — ela viu com o correr dos dias. Só lhe interessavam as aulas, novo brinquedo, surpreendente descoberta. E seu Zenóbio tinha seus assuntos fixos: imprecações contra o Getúlio, a lavoura, guerra, preço do leite, os estudos do filho, futuro engenheiro, e pouco mais. Não era necessário que se falassem, para perfeita indiferença de ambos.

Era enorme — tudo para Li era enorme — a diferença entre a paisagem do Barreto, de Santa Rosa, do Fonseca e a da fazenda "Boa Vista". E Li mergulhou na última como a fauna do Rio, empoada e suarenta, no fim dum dia de trabalho, cai debaixo do chuveiro. No curral, fez descobertas notáveis: como se tirava o leite puro que ela bebia com água, na capital; o modo de piolar uma vaca; a sapequice dos bezerras. Um mundo novo. Com passarinhos de que até então só ouvira falar. E pés de páu, mato e frutas que nem de nome conhecia.

A manhã e a tardinha eram suas. Para passeios infíndos através dos campos. Para meditações, em dias chuvosos, ouvindo Dulce ou Dagmar ao piano. Para banhos em pêlo nas cascatas, onde se sentia intimidadade entre as coxas e os seios prodigiosos das meninas. Um céu.

Havia também a comida sadia, diferente das coisas americanas em lata e de feijão preto que comera até ali. Comidas perigosas, que davam vontade (o apetite era monstruoso) de comer até cair para trás, embora engordassem como nem sabia o quê. E imaginava-se daquela altura e com as carnes de Almerinda. Um monstrengo. Barriquinha.

O melhor vinha aos sábados de tarde. Seu Zenóbio entufava o automóvel com seu rebanho solteiro, mais ela de quebra, e tocava para a cidade, onde mantinha

casa. E eram a missa, o cinema, a domingueira, os rapazes — lembrando-lhe dias de Niterói. Só não namorava por notar que os rapazes se aproximavam por tabela, resvalando pelas filhas do homem rico. Isso, no entanto, era tristeza muito pouca para a sua permanente alegria de viver.

Na segunda-feira, era com espírito diferente que dava aula. Ora triste, ora alegre. Sem saber porque triste nem alegre. Depois se acostumava. Ficava a de sempre. Muito carinhosa, boazinha, quase maternal. Também, era tanta a pena que lhe causava aquela matilha triste e suja de vidinhas humildes! Os garotos eram quietos, sem alegria, cabisbaixos. Pareciam nem ter língua. Nunca brincavam, nunca riam. Uma dificuldade louca de aprender. Uns andavam quilômetros para vir à escola. Ali ficariam meses. Um ano ou dois, no máximo. Para esquecerem depois o pouco aprendido — exceto a assinatura, para as eleições — e cairiam no agulhão ou na foice. Não por compreender, mas por adivinhar isso tudo, Li lhes queria um bem tremendo. E amava a sua tarefa diária, não se impacientava nunca. Sobretudo, aquela fauna miserável lhe mostrava quanto ainda era feliz, mesmo sem as sedas e as jóias das meninas, sem automóvel nem namorado.

★

Quando chegaram as férias de junho, o Estado, por um esquecimento muito desculpável, ainda não lhe pagara um ordenado sequer. Entre envergonhada e medrosa — nunca chegaria a se acostumar com o fazendeiro, espécie de patrão dela também, — evitou solicitar um empréstimo para ir ver a família. Escreveu para casa uma carta muito triste e se dispôs a sorrir para todos.

Logo, porém, se modificou o ambiente da fazenda. Por um hábito adquirido nos tempos do Sacré Coeur, as meninas sempre passavam aquela quinzena de junho na fazenda da avó, em Minas. Assim fizeram nesse ano também, e, cheias de explosiva alegria, ocupadas com seus mil arranjos, nem perguntaram se Li queria ir. E ela bem que queria. Não lhe era nada agradável ficar sózinha no casarão, com o imenso seu Zenóbio e sua quase inexistente mulher, dona Rute, que não falava, não ria, talvez vivesse. Nem sequer teria as aulas para distrair-se e, sem companhia, como tomar banho nas cascatas e percorrer os campos? Ainda se soubesse tocar piano ou se gostasse de ler... Aqueles frios quinze dias de junho se apresentavam a Li como quinze pavorosos séculos.

Ela não contava, no entanto, com uma mudança, que desgraçadamente veio. Horas antes de as meninas partirem, chegou Antenor, futuro engenheiro, glória e honra da família. Vinha, como em todas as férias, para as caçadas, as corridas doidas de automóvel, os porres tumultuosos nos cabarés da cidade.

Envolvido pela onda turbulenta das irmãs, pela solidão muda da mãe, pelos abraços implacáveis do pai, mal pôs reparo na figurinha de Li. E ela pôde examiná-lo à vontade. Menos alto que o pai, mas cheio de corpo, elegante. A mesma beleza das meninas, que eram de fato bonitas, em traços másculos. Um homem e tanto, mesmo para olhos menos modestos que os da pobre Li. E ela se sentia empolgada pelo ar dominador que emanava de cada um dos gestos dele.

Daqui por diante é que a história se torna mais difícil de contar, porque descamba para uma vulgaridade insuportável. Deixai-me, porém, dizer-vos que foi extremamente fácil para Antenor atrair e dominar a professorinha. Não posso, contudo, esconder que para ela, no princípio, foi tudo um autêntico, um delicioso idílio. Era ingênua, repito-vos. E pouco importa que numa noite qualquer seu Zenóbio, ouvindo ruídos, se levantasse para averiguar a causa e encontrasse o casal no quarto de Li. O resto é fácil imaginar. Sabei, no entanto, que o sr. Secretário da Educação foi cientificado de que enviara uma rameira para a fazenda "Boa Vista" e que essa rameira foi demitida a bem do serviço público.

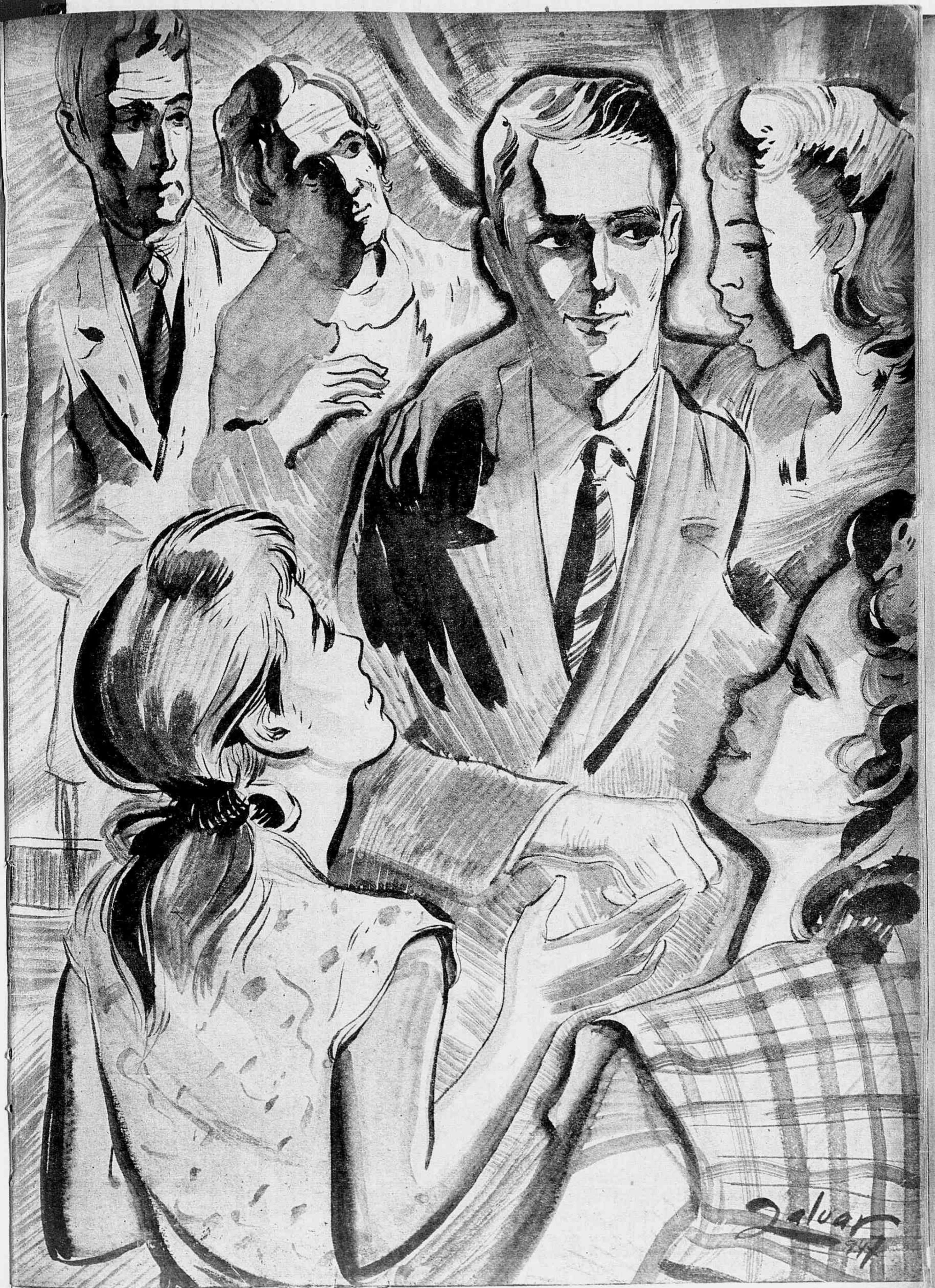
Hoje, Antenor, aliás dr. Antenor, é engenheiro muito austero e bem visto na cidade, principalmente aos olhos das mães de filhas solteiras, que não ignoram possuir seu Zenóbio aí pelos seus vinte milhões. E Li talvez guarde ainda a sua virgindade profanada e a sua grande amargura.

Se estais decepcionados com o fim da história, lembrai que avisei, no início, tratar-se de uma história vulgar. Coisa de que não me cabe a culpa. E agora, como dizia seu Candinho ao pé do fogo, nos dias que já mais voltarão, "entrou no pé do pinto, saiu no pé do pato; quem quiser que conte quatro."

★

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"





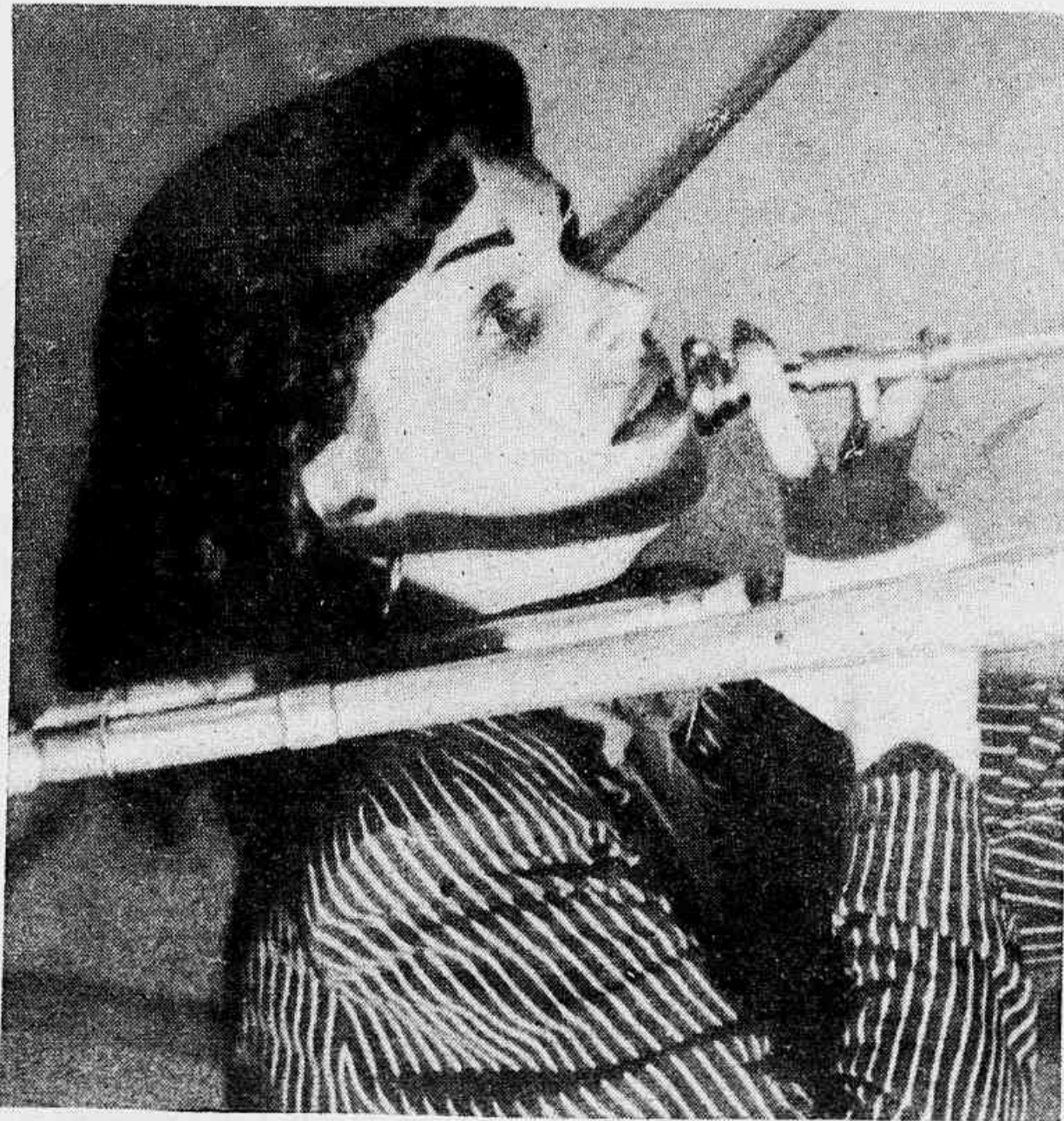
Salvador



COM quarenta e oito anos de idade, a maior parte dos quais dedicados ao rádio, Barbosa Junior continua a ser uma figura benquista dos ouvintes brasileiros que, diga-se de passagem, estão sempre dispostos a auxiliar as campanhas filantrópicas do criador do "Programa Picolino". Antigo militante do teatro, onde ingressou levado pela mão amiga de Raul Roulien, quando este se achava no Teatro Lírico, trabalhou em várias companhias, fazendo papéis marcantes, como o Carlitos, na peça de Henrique Pongetti. Pertenceu ao elenco do saudoso Jardel Jercolis. Integrou o conjunto de Dulcina-Odilon, esteve na companhia de Jaime Costa e acabou trocando o teatro pelo rádio, apesar dos vantajosos contratos que lhe foram feitos. Seu primeiro contacto com o microfone deu-se por intermédio de Cajuí. Mais tarde, levado por Cesar Ladeira, veio a integrar o "cast" da Mayrink Veiga, atuando ao lado de Plácido e Cordélia, de Carmen Miranda e tantos outros cartazes. Na PRA-9 criou diversos programas, destacando-se "Picolino", "Família Repinica", "Bombonzinho" e "Olha a onda". Deixando a Mayrink Veiga, foi para a Nacional, vindo a participar de inúmeras atrações, inclusive do "Almanaque Kolinos". No cinema brasileiro, apareceu em "Caçando fêras", "Laranja da China", "Estudantes" e "Alô, Alô Brasil". Gravou várias composições de sucesso, algumas das quais em duo com Carmen Miranda. Barbosa Junior é celibatário, irmão do saudoso Luis Barbosa e pertence à chamada "velha guarda radiofônica".

★

NAIR Naira Maciel é a segunda das "Garotas tropicais". Também nascida em Vila Isabel e, ao lado da irmã colabora para o sucesso dos programas de estúdio da Tupi. Apaixonada pelo rádio, jamais se conformaria em viver longe dele, razão de seu ingresso no "cast" da Mayrink Veiga como participante do "show" de Muraro. O primeiro número que interpretou foi "Ta... ta... ta e coisa...", marchinha carnavalesca de Renato Batista. Depois passou a cantar no "Programa do Almoço", atraindo a atenção dos rádio-ouvintes cariocas. Da PRA-9 passou para a Tamóio, atuando em "Feira de Amostras", "Audições Ra-ta-plan", "Carnaval na Taba" e outras realizações. Em companhia da mana Zaira, excursionou por diversos Estados, cantou na cantina do combatente, tomou parte em alguns festivais artísticos e foi incluída na "Caravana Tupi". Exclusiva das "emissoras associadas", com um contrato a terminar em 1950. Nair é um desses valores novos que o rádio soube aproveitar e valorizou. Assim como Zaira, ela pratica o aero-modelismo, possuindo diversas medalhas conquistadas em reñidas provas. É admiradora da aviação, gosta bastante de dançar e nas horas de folga ouve novelas... Desconhece o que seja superstição, torce por um clube de "football", possui uma escolhida discoteca e coleciona revistas. Acompanha as histórias em quadrinhos, lê romances de amor e tem muito zelo com seu repertório musical.



ZILDA Zaira Maciel é uma das "Garotas tropicais", interessante duo que a Tupi apresenta em seus programas de estúdio. Nascida em Vila Isabel, bairro conhecido como berço do samba, cedo revelou pendores para o canto, despertando os vizinhos com os números que interpretava. Mais tarde, tentou o rádio, participando de um "show" organizado pelo "incrível" Muraro. Saiu-se bem da prova de fogo, a ponto de Cesar Ladeira incluí-la no "Programa do almoço", que na época era uma das principais atrações da PRA-9. Mas, Zilda não se sentiu muito atraída pela vitória alcançada e resolveu abandonar o caminho que se estava mostrando promissor. Vários meses esteve afastada do microfone, até que, uma tarde, visitando os estúdios da Tupi, encontrou-se com Ari Barroso. Conversa vai, conversa vem, este animou-a a retornar à atividade, proposta essa aceita pela jovem cantora. Novamente a cantora voltou a animar as audições musicais da Tamóio, participando dos programas de estúdio irradiados por essa estação "associada". Como exclusiva da PRB-7, cantou para os soldados da FEB, integrou a caravana artística das "associadas" e, quando da extinção do "cast" da Tamóio passou a pertencer ao elenco da Tupi, tendo recentemente renovado o contrato com essa organização. Zaira é aéro-modelista, participando de concursos e atividades referentes ao aéro-modelismo. Gosta do "foot-ball", pratica a natação, usa óculos e prefere as côres claras.

★

HUGO Vergueiro, esse "annonceur" discreto que nos habituamos a ouvir na onda da Rádio Cruzeiro do Sul, fez seu "debut" radiofônico numa pequena estação do interior, a fim de atender ao pedido de um amigo. Dando certa a história, não mais recuou de enfrentar um microfone, vindo a ser locutor de Transmissora Brasileira. Nesse prefixo permaneceu por longo tempo, só o trocando pelas vantagens que lhe foram oferecidas pela PRD-2. Atuou também, na Rádio Clube Fluminense, quando esta se achava em grande atividade. Na Cruzeiro do Sul, atuando nos principais cartazes da estação, comandou programas de responsabilidade, inclusive o "Carlos Gomes", irradiado aos domingos. No momento, pode ser ouvido na "Hora da Broadway" e demais atrações da PRD-2. Hugo Vergueiro nasceu na capital paulista, vindo para o Rio muito jovem. Concluindo seus estudos ginasiais, cuidou de fazer o vestibular para a Escola de Medicina, pois almejava ser um exímio cirurgião. Também se dedica à corretagem de anúncios, rivalizando com os peritos no assunto. Achando que vale a pena ser locutor, uma vez que tem feito boas amizades, ele não pretende abandonar o rádio, nem mesmo quando estiver de posse do anel de gráu. Também não deseja trocar o "broadcasting" carioca pelo paulista, salvo si este lhe apresentar um contrato astronômico. Seu esporte preferido é a leitura, sendo possuidor de regular biblioteca.



GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

A VIDA DO MAHATMA GANDHI

(Mohandas K. Gandhi — Nascido em 1869)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

GANDHI é um dos mais singulares paradoxos da história — um soldado que peleja com as armas dum santo. Se a sua missão ou os seus métodos são corretos, somente as gerações futuras poderão determinar. Para nós, os da geração atual, contudo é interessante observar a carreira desse místico tão estranho, que procura gravar "a imagem de Deus nos semblantes de brutos."

II

Mohandas Karamchand Gandhi — o nome de Mahatma, Alma Grande, foi-lhe dado por seus partidários — desce de uma raça de "lutadores e perdoadores". Seu pai e seu avô eram líderes do povo que se ufavam de sofrer por seu espírito independente. Sua mãe, por outro lado, era ardente seguidora do princípio religioso do Ahimsa, a abstenção de causar dano a qualquer ser vivo. Desde a mais tenra infância, pois Gandhi foi educado numa atmosfera paradoxal. Seu caráter se tornou o campo de batalha entre a religião e a rebelião. E Gandhi só alcançou a paz intelectual quando conciliou as duas facções contraditórias numa nova doutrina moral — a rebelião através da religião.

Mas antes de chegar a essa reconciliação que devia caracterizá-lo como um homem à parte, Gandhi procurou viver como os outros "cavalheiros indus" da sua época. Tornou-se noivo aos oito anos, casou-se aos doze, cursou as escolas públicas de Porbandar, a "Cidade Branca" da Índia, entrou no colégio de Ahmedabad aos dezessete, e aos dezenove anos foi para a Inglaterra, a fim de completar os estudos na Universidade de Londres.

Enquanto cursava a Universidade, observou aqueles "britânicos singulares" e algumas vezes procurou até imitá-los. Comeu carne em um dos seus "bárbaros" jantares — e quase morreu de asco. "Passei noites sem poder dormir; tinha a impressão de ser um assassino".

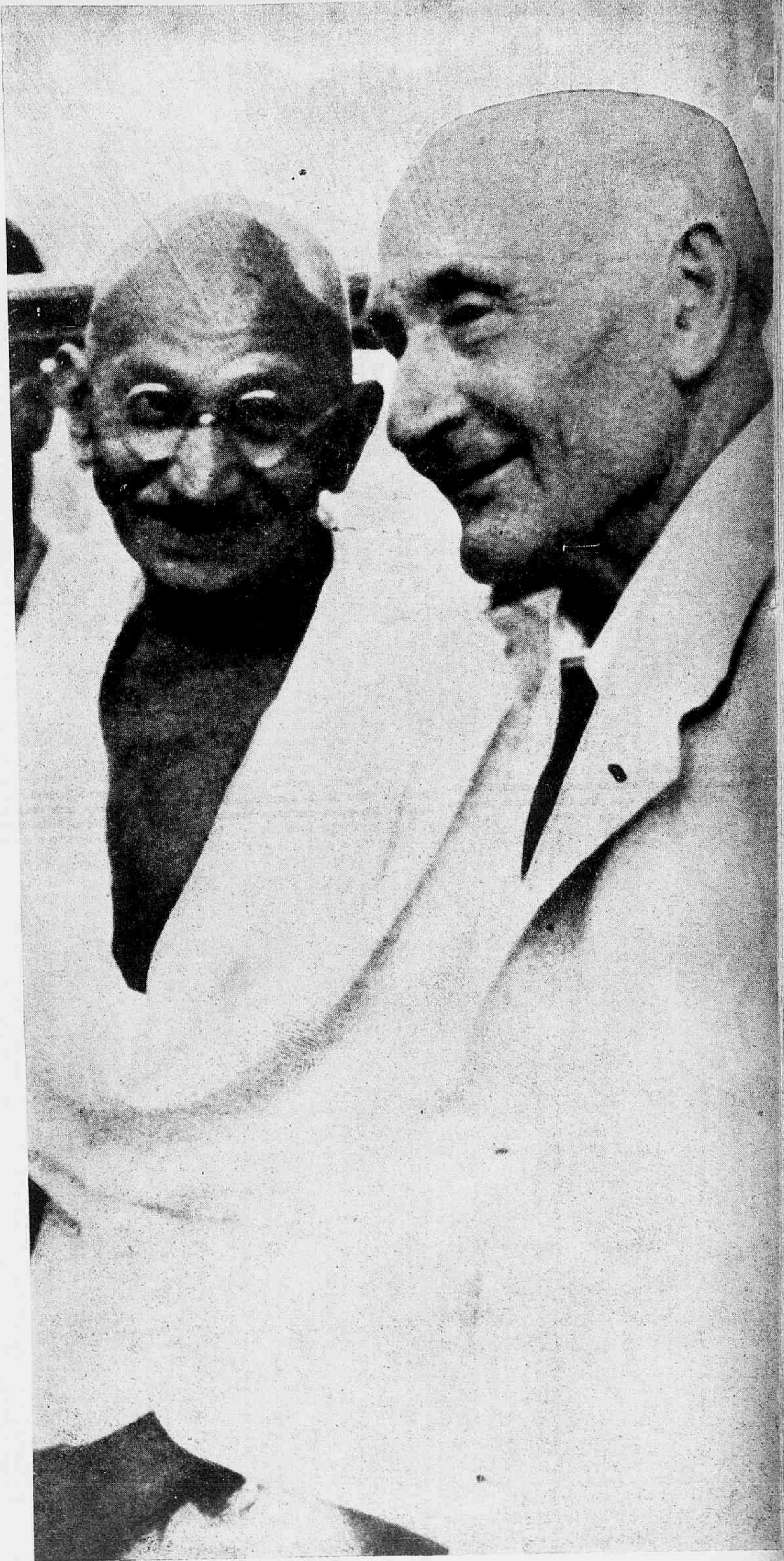
Depois de três anos de estudo em Londres — período em que, segundo nos informa ele, perdeu tempo e dinheiro procurando converter-se num inglês — voltou para a Índia (1891) e entregou-se à prática da advocacia no Supremo Tribunal de Bombaim. Embora recusasse todas as causas que julgava injustas, não tardou a conseguir uma rendosa clientela. Sua renda média, informa-nos seu amigo Gokhale, montava a cerca de vinte e cinco mil dólares anuais. Estava em vias de conquistar riqueza e respeitabilidade — o desejo de todos os jovens ambiciosos da Índia.

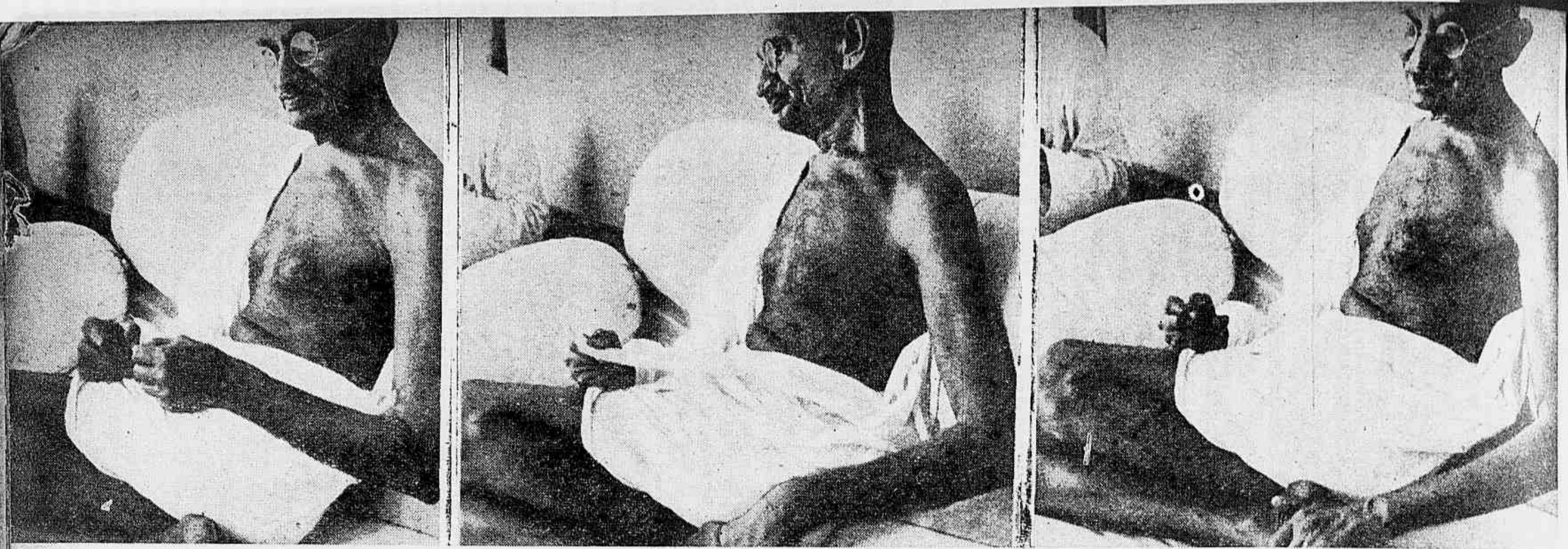
Mas subitamente renunciou a tudo. Descobriu uma nova causa que defender — a causa dos oprimidos contra a injustiça dos opressores. Sua vida estava agora devotada a um serviço, não legal, mas moral. E o único salário que recebeu por tal serviço foi na moeda corrente do insulto. Eis como se deu o fato:

Gandhi foi chamado a Pretoria, África do Sul, para representar um cliente num processo de vulto. Nessa época viviam cerca de 150.000 indus naquela colônia de "brancos civilizados." Os compatriotas de Gandhi sofriam perseguições, de todo gênero, desde o saque até o linchamento. Então, como último vexame, o governo resolveu decretar o Asiatic Exclusion Act — lei destinada, não só a deter a imigração indú na África do Sul, mas a despojar de seus direitos a todos os indianos já estabelecidos ali.

Foi então que Gandhi voluntariamente tomou a si a causa da justiça contra a força. Seu primeiro passo foi provar a ilegalidade do decreto. Conseguiu esse objetivo. O passo seguinte foi abandonar a prática da advocacia — "de qualquer modo, uma profissão imoral" — e tornar-se "um dos esbulhados". Então os habitantes da

Gandhi, o adversário do imperialismo inglês, educado em uma universidade inglesa para a compreensão da liberdade humana, — ao lado de Lord Pethrich Lawrence, da comissão parlamentar de inquérito inglesa, que esteve estudando "in loco" o caso da Índia.





África do Sul o pegaram pela palavra. Cuspiram-lhe, expulsaram-no dos trens, recusaram aceitá-lo nos hotéis.

Mas Gandhi se defendeu. Descobriu uma nova arma secreta — "a greve religiosa contra toda violência." Consistia em cruzar os braços e negar-se a imitar o exemplo do inimigo. Ainda que à ponta de espada. "O soldado nunca deve temer a morte."

Aos que lhe objetavam que a resistência passiva conduz unicamente à derrota, Gandhi afirmava, que, ao contrário a resistência passiva só traz a vitória. A espada pode matar, mas não pode coagir. "O agressor poderá matar alguns de nós, nunca, porém, poderá escravizar os restantes." Pois essa nova arma da não-cooperação pacífica, sustentava ele, era a única arma do mundo que habilitaria os fracos a vencer os fortes. "Foi esta arma que produziu a vitória dos primitivos cristãos contra os opressores romanos." A fé vence a força.

Confiança nessa arma da fé em oposição à força, Gandhi utilizou-a até além do ponto de perder os inimigos. Ajudou-os quando se encontravam em má situação. O novo gênero de guerra destinava-se a matar, não o homem, mas a sua vileza. O objetivo de Gandhi era liquidar o inimigo, transformando-o em amigo.

E, por estranho que pareça, isso deu resultado. Sempre que o governo da África do Sul se achava em apuros, Gandhi suspendia o plano de não-cooperação e oferecia assistência ativa. Durante a Guerra dos Boers, organizou uma Cruz Vermelha indú e foi citado duas vezes por bravura em ação. Em 1904, quando irrompeu violenta epidemia em Johannesburg, ele atendeu pessoalmente as vítimas, sem perguntar se eram indú ou brancos. A princípio, nem brancos nem indú compreendiam aquêle homem singular e seus métodos curiosos. Diversas vezes os seus esforços valeram-lhe o ser espancado por ambas as partes. Em uma ocasião, a turba o tratou tão brutalmente que foi dado por morto e atraído a um fosso.

Mas gradualmente o mundozinho da África Meridional começou a dar tino do "poder da sua arma que curava, em contraposição à impotência das armas que matavam." Gandhi ganhara a batalha incruenta. Em 1914 foi concedida a liberdade aos indú da África do Sul. "Que outra coisa poderia eu fazer convosco?" escreveu o General Smuts, o comandante do exército que lutara contra Gandhi. "Auxiliastes-nos em nossos momentos de dificuldades. Como poderemos tratar-vos com violência?... Recusais fazer mal ao inimigo... Desejais a vitória pelo sofrimento, e nunca transpordes os limites da cortesia e cavalheirismo que vos impusestes. E isso nos reduziu à completa impotência."

III

Gandhi demonstrara uma coisa na África do Sul. Pode-se aprisionar ou destruir milhares de indivíduos, mas não se pode aprisionar ou destruir um povo inteiro. Enquanto a alma de uma nação insiste pela liberdade, não há exército no mundo que lhe arrebathe essa liberdade. Não se pode escravizar uma nação que se nega a imitar a brutalidade dos opressores. "Esse é o esgrêdo da minha nova arma."

E agora, tendo ensaiado a sua arma no pequeno campo de batalha da África do Sul, Gandhi passou a experimentá-la em escala muito maior, na Índia. Os indú sofriam sob o jugo dos imperialistas britânicos. Tinham tentado sublevarções esporádicas, mas sem resultado. "De modo que vim ensinar aos meus compatriotas uma nova espécie de rebellião. O ódio, não aos nossos governantes, mas ao ódio dos nossos governantes. Servir-vos-ei como a irmãos meus; mas não me submeterei a vós na qualidade de amos." Mais uma vez ia opor à violência a não violência. Com efeito, iniciou a sua "guerra" contra a Inglaterra com uma campanha amistosa. Foi a Londres (1914) organizar um corpo indiano de ambulâncias para auxiliar a Inglaterra na luta contra a Alemanha. E a Inglaterra correspondeu-lhe com um gesto igualmente amistoso. Prometeu independência à Índia depois da guerra. Gandhi acreditou na promessa e arriscou diversas vezes a vida por seus "irmãos ingleses."

Flagrantes de Gandhi na intimidade, no seu traje característico, — o de um Diógenes moderno que não precisou sair de lanterna em punho procurando "um homem". Achou-o em si mesmo.

Mas quando se declarou a paz em 1918, os imperialistas britânicos voltaram atrás. Alguns eram movidos pelo espírito de ambição egoísta. A Índia era uma presa rica demais para ser abandonada. Outros, no entanto, criam sinceramente que, se a Índia fosse entregue à sua sorte, cairia na guerra civil. De qualquer modo, foi terrível a desilusão dos indú. O fogo da revolta alastrou-se por toda a península. E Gandhi conduziu a revolta, procurando mantê-la dentro dos limites da não-violência.

Muitos indú, entretanto, opunham-se violentamente a Gandhi. A boa vontade dêste, observavam, fôra retribuída com a irrisão. "Onde está agora a tua arma tão gabada?" motejavam.

Mas Gandhi aprendera a suprema paciência do Oriente. "Esperai e vereis. Vitórias permanentes não se alcançam num dia."

E continuou a sua guerra singular. Agora que a Inglaterra se livrara de suas dificuldades, ele recorreu mais uma vez à tática da não-cooperação. Essa recusa de aceitar ordens não era simplesmente uma forma passiva de resistência. Era uma cruzada ativa de "desobediência à injustiça." Pois Gandhi, à sua maneira estranha, era um lutador. Não queria pacifistas. Adestrava os seus exércitos com tanto rigor como qualquer general. "Eu cultivo nos meus soldados," dizia, "a coragem de morrer sem matar... Acredito que a não-violência é infinitamente superior à violência, o perdão mais varonil que o castigo", a dignidade mais preciosa que a indignação, o silencioso desafio mais potente que a força jactanciosa.

Essas palavras de Gandhi não continham nada de original. Haviam sido pronunciadas mais de uma vez antes dêle. Mas Gandhi deu um passo à frente dos seus predecessores, pondo-as em prática.

Acreditava com obstinação de fanático na vitória final do seu método. "Sei que muitas pessoas no Ocidente — e mesmo aqui no Oriente — julgam impossível uma vitória não-violenta. Reconheço que podemos estar longe de alcançá-la; que talvez não se verifique durante a minha existência. Podem ser necessárias muitas gerações. Mas no fim o triunfo há de vir."

E quando a não-violência se estabelecer — declarava Gandhi — "não só terão sido eliminadas as causas da guerra civil, mas também a agressão por parte de nações estrangeiras será coisa do passado." A força não pode subsistir onde a fé predomina.

Sua fé residia na fraternidade humana. O nosso inimigo é um irmão desatinado. Socorramo-lo quando ferido; desobedeçamos-lhe quando procura ferir-nos. Nenhum inimigo pode ser bastante forte ou bastante feroz — sustentava Gandhi — para resistir ao fogo do amor.

IV

Foi no dia 6 de abril de 1919 que Gandhi lançou a primeira campanha de "afetuosa desobediência" contra seus "irmãos ingleses" empenhados em oprimir-lhe os compatriotas. Declarou nesse dia uma *hartal* — cessação pública do trabalho — em toda a Índia. O povo aproveitou o ensejo para a realização de solenidades religiosas. "A ordem reinava em toda a parte" — exceto na cidade de Delhi, onde houve alguns distúrbios. Gandhi foi a essa cidade para apaziguar os amotinados. O governo mandou prendê-lo, o que provocou a revolta de várias comunidades indú. A inquietação foi particularmente acentuada na cidade de Amritsar. A 11 de abril o general Dyer ocupou a cidade e sufocou facilmente a revolta. "A ordem fôra restabelecida em toda a parte". O dia 15 era feriado nacional. Uma multidão — homens, mulheres e crianças — reuniu-se na praça pública de Amritsar. Nesse ponto, o general Dyer perdeu a cabeça. Abriu fogo de metralhadoras contra o povo

desarmado, e depois bombardeou-o com a aviação. Quinhentas pessoas morreram na hecatombe.

Era uma tragédia que punha à prova a doutrina de Gandhi. "De que serve agora a tua fé, contra as balas e as bombas do inimigo?"

Mas, ao contrário do general Dyer, Gandhi não perdeu a cabeça. Não foi por uma branca estrada que eu prometi conquistar-vos a vitória... Isto é a guerra." Advertiu ao povo que devia "assistir com equanimidade, não a um milhar de assassinios de homens e mulheres inocentes, mas a muitos milhares, antes de alcançarmos no mundo uma posição que não será ultrapassada por nenhuma outra nação." Que importava que perdessem a vida na resistência não-violenta? "Também na resistência violenta muitos milhares de soldados perdem a vida." Na realidade, todos nós perdemos a vida na batalha universal da existência. Mas a batalha dêles — aise aos indú — seria ganha, não pelo número de inimigos que matassem, mas pelo número que inimigos em quem matassem o desejo de matar.

Quanto ao general Dyer, Gandhi não lhe guardava ódio. "Como odiar um homem de espírito enfermo?" Limitou-se a pedir do governo britânico a retirada do general. O governo acedeu ao pedido.

Mas a estranha guerra entre a fé e a força continuou. Pois Gandhi queria nada menos que a liberdade da Índia. "Os estrangeiros são bem-vindos como hóspedes; como "usurpadores, não os desejamos aqui." Escreveu uma carta nesse sentido e endereçou-a ao vice-rei inglês na Índia. Primeiro que tudo, restituiu as suas condecorações e títulos honoríficos: "Não é sem dor que devolvo a Medalha de Ouro, que o vosso antecessor me outorgou pela minha obra humanitária na África do Sul, a Medalha da Guerra Zulu, concedida pelos meus serviços como oficial encarregado do Corpo Voluntário Indiano de Ambulâncias em 1906, e a Medalha da Guerra dos Boers pelos meus serviços como superintendente auxiliar do Corpo Voluntário Indiano de Padoleiros durante a Guerra Boer de 1899." E então, depois de breve referência à chacina de Amritsar, concluiu: "Não posso conservar nem respeito nem afeição a um governo que tem ido de injustiça em injustiça... O governo deve ser levado a arrepender-se. Tomei portanto a liberdade de sugerir a não-cooperação... a qual, se desacompanhada de violência, deverá compellir o governo a recuar sobre os seus passos e reparar as suas injustiças."

O governo recebeu as medalhas devolvidas e mimosecou Gandhi com outra dádiva — uma sentença de prisão. Juntamente com Gandhi, vinte e cinco mil indú foram presos. Cantavam alegremente ao serem conduzidos para o cárcere.

Durante o julgamento, Gandhi reconheceu-se culpado. Tendo-se revoltado contra o governo, confessou, infringira deliberadamente a lei. "Não peço clemência", disse ao juiz Broomfield, que presidia ao julgamento: "Não apresento circunstâncias atenuantes. Estou aqui, portanto, para pedir e receber gostosamente a penalidade de mais alta que se me possa aplicar pelo que a lei considera crime propositado, e que se me afigura o maior dever do cidadão. Não vos resta nenhum caminho, senhor, exceto resignar ao vosso cargo ou cominar-me a pena mais rigorosa."

O juiz Broomfield, para não lhe ficar atrás em cavalheirismo, respondeu: "Seria impossível ignorar o fato de que, aos olhos de milhões de compatriotas vossos, sois um grande patriota e um grande chefe. Até os que divergem de vós em assuntos políticos, vos têm na conta de um homem de ideais elevados e de vida nobre, e até santa."

E então o juiz, tendo louvado Gandhi pela justiça de sua causa, condenou-o à prisão pela ilegalidade de seu procedimento. Conta-se que, certa vez, um professor de direito de Harvard procurava explicar aos alunos a decisão de um caso famoso. "Isto pode ser legal, senhor", objetou um dos rapazes, "mas não é justo". O professor respondeu com um sorriso clínico: "Se quer justiça, moço, atravesse a rua e entre na Escola de Teologia; aqui é a Escola de Direito."

Gandhi fora também educado numa escola de leis, e sabia o que esperar do seu julgamento. Aceitou a sentença de prisão com a mesma atitude de Jesus ao aceitar a crucificação. Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem. "Com os meus sofrimentos", disse Gandhi, "proponho-me conquistar o mundo."

V

Gandhi é um chefe religioso, em cujos ombros relutantes o Destino colocou o fardo da política. Sua preocupação pela independência da pátria é apenas secundária. Seu interesse primário está na Verdade universal. "Estou unido à causa da Índia", declarou, "porque acredito que ela tem uma missão no mundo." Mas a sua procura da Verdade religiosa, prosseguiu, "não conhece limites geográficos. Tenho nela uma fé viva que transcende até o meu amor à Índia". As atividades políticas são-lhe mero complemento da missão religiosa.

"Embora muitas pessoas descreiam do acerto da sua orientação política, pouquíssimas lhe põem em dúvida a nobreza da religião."

Essa religião, o Induísmo, em essência difere muito pouco das outras grandes religiões do mundo. Todas procuram mostrar a paternalidade divina por meio da fraternidade humana. A religião de Gandhi é um tanto mais ampla. Une a todos os seres vivos numa família única. O indivíduo, seja homem, bêsta ou pássaro, não constitui um bloco independente de matéria animada, mas um membro integrante de um único organismo vivo. A vida é uma só. Comer uma criatura viva é, para Gandhi, não menos abominável do que comer uma criatura humana. Um dos mandamentos mais estritos da religião indú, como a interpreta Gandhi, é este: "Não destruirás a vida em nenhuma de suas formas." Todo ser vivo é, para Gandhi, "um poema de piedade", e ele compreende com igual ternura a linguagem da angústia humana e o grito inarticulado do animal. O centro da filosofia religiosa de Gandhi é o carácter sagrado e inviolável da vida e a consequente pecaminosidade do derramamento de sangue. "Uma vez que não temos o poder de criar, não nos assiste o direito de destruir."

A simpatia de Gandhi por todos os seres vivos provém da crença na reencarnação.

A alma individual, assevera ele, efetua uma peregrinação de muitas vidas. Viaja de corpo em corpo, através do azeano da existência, às vezes sob forma humana, outras vezes sob a forma dum animal. Cada ato praticado em cada uma das nossas encarnações deixa a sua marca em nossa alma e determina a forma que ela assumirá na encarnação seguinte. Essa é a doutrina do Karma, a lei do comportamento humano. Se um homem procede com justiça e cultua a bondade, renascerá num homem maior e mais feliz. Mas se se entrega ao mal, será degradado a uma existência de "pária, doninha ou rato." Céu e Inferno, portanto, não estão além da vida terrena, mas dentro dela. A recompensa e o castigo de cada ação ou pensamento humano não são meras abstrações éticas, mas fatos práticos. A história de cada alma é uma narração completa, formada de muitos capítulos — não, como a existência única do indivíduo, uma barafunda sem sentido, mas uma urdidura acabada, racional e obediente a um plano. Se um homem é tratado injustamente nesta vida, é porque procedeu injustamente em existência anterior. Tudo acaba por saldar-se. "Tôdas as virtudes e todos os crimes terão recebido a paga justa quando se completar o ciclo da vida."

Cada homem, portanto é o arquiteto do seu destino. Pode planejar o próprio futuro — não só nesta vida, mas nas vidas porvindouras. E a realização maior — declara Gandhi — é a libertação final da vida. A existência do indivíduo é sempre o inferno; e o paraíso chegará por fim ao homem quando o seu eu estiver morto e a sua alma pessoal for absorvida pela alma impessoal e universal de Deus. Então já não terá de renascer para as dores deste mundo.

Uma vez que todas as nossas almas são finalmente absorvidas na alma universal de Deus, segue-se — afirma Gandhi — que todos os homens são iguais. "O insigni-

O mahatma Gandhi, o homem extraordinário que consagrou sua vida e suas energias à luta pela libertação da Índia, — logrando testemunhar o êxito de sua causa,

ficante tem para mim tanta importância como qualquer outro." Nenhum homem é desprezível. O pária não merece menos consideração que o sacerdote. "E" contra o gênio do Induísmo arrogar-se posição mais elevada ou atribuir a outros posição inferior. Todos nascem para servir à criação." Gandhi sustentou uma cruzada incessante contra a atitude dos seus compatriotas para com os "Irmãos oprimidos", os párias "intocáveis". "Prefixo ser despedaçado a renegar meus irmãos das classes oprimidas... Não quero renascer, mas se tiver de fazê-lo, desejo ser um dos intocáveis, para quinhoar dos seus sofrimentos... e para me esforçar por libertá-los de sua infeliz situação." Como prova da sua sinceridade, Gandhi adotou uma criança "intocável."

O supremo dever do homem — sustenta esse moderno Apóstolo do Induísmo — é aliviar os padecimentos dos seus semelhantes. Quando baixa a maré da fraternidade, quando o homem esqueceu os seus deveres para com o homem. Krishna, o Deus do Amor, desce à terra sob forma humana. "Para a proteção de tudo o que é bom, e para a destruição de tudo o que é mau, para o estabelecimento do Dharma — a Lei da Verdade — Krishna deve nascer e renascer, eternamente." E sofrer e morrer, para a redenção da humanidade.

Jesus, acredita Gandhi, foi uma dessas revelações de Deus em forma humana. Quanto a ele próprio, Gandhi é modesto demais para manifestar pretensões à divindade, ou mesmo à santidade. "Apesar de me chamarem Mahatma, sou um homem comum. Tenho cometido erros." É um soldado acidentalmente promovido a um posto elevado. "Sou, talvez, o general mais pobre que qualquer exército já teve." Mas está convencido de haver descoberto uma nova forma de guerra. A independência da Índia declara ele, não virá "pela força física, mas pela força anímica." Pois tal é o veredicto de todas as grandes religiões do mundo.

VI

Gandhi considera-se o mais insignificante dos homens. E vive de conformidade com essa idéia. Veste uma sim

(Cont. na pág. 56)



O Chá de Lady Blessington

Conto de EDMUNDO LYS



Ilustração de ARMANDO PACHECO

LONDRES, 1832 — é a data. Os diálogos dizem-se em Seamore Place, onde lady Blessington tem o mais requintado "resort" londrinense. No momento, a gentil "hoster" conversa com Disraeli. D'Orsay, chevalier servant de lady Blessington, fez-se anunciar e entrou, belo, elegantíssimo. Não fosse ele o mestre de dandismo do Mayfair, príncipe de moda e príncipe do espírito, dono das mais belas gravatas da Europa e um dos mais agudos amadores de arte do seu tempo... Beijou o pulso de lady Blessington, pedindo-lhe perdão pela demora, cumprimentou afetuosamente o seu "caro Dizzy" que não revira ainda, de volta da França de onde chegara à vespera.

— E diziam...

— Falávamos do visconde de Musset — apressou-se a informar Disraeli — num a propósito sem importância... Preferíamos ouvir as novidades de Paris... Foi mesmo por esse motivo que vim hoje...

— O que o mundo tem de mais importante no momento é a morte de Goethe... Perde a Europa o seu maior espírito e o "Fausto" fica na sua segunda parte... Que desgraça!

— Sim, Goethe... Um espírito universal... E eterno...

— E o mais belo homem do seu tempo! — Pôs a condessa, com emoção...

Mas Disraeli insistiu:

— Goethe tem muitos séculos para ser lembrado... Lady Blessington já me prestou a homenagem desta tarde... Falamos do efêmero momento que passa, das rosas e dos livros da estação, das mulheres e dos aquarelistas de Paris... Notícias de Paris, d'Orsay... Paris e Londres são o que há de interessante no mundo, tudo o mais é paisagem...

— Londres está muito mais interessante do que Paris... Ainda agora, esse baile à fantasia que tanta sensação causa ao nosso jivem sir Berkeley... E por falar nisso, sir Berkeley já aprendeu ao menos a usar bengalas, Vivian?

Sorriram... D'Orsay prosseguiu enquanto lady Blessington mandava servir o chá:

— Teremos o forte Berkeley hoje, n'est-ce pas, Margot?

— Oui, oui, Freddy... E o velho e sábio Rogers e o alegre e venturoso Bwler...

— Que, com o lindo e talentoso Vivian, nos darão uma soirée remplis... Com os adjetivos mais belos que o seu gosto poderia reunir para uma xícara de chá...

— Concorro com o adjetivo que falta à lista, permitindo-me citá-lo num justo superlativo... A tout seigneur... E Disraeli curvou-se:

— O elegantíssimo chevalier d'Orsay! Lady Blessington velou, maliciosa:

— Isto, sem contarmos que Rogers é a sabedoria reunida às finanças, o que é menos fino, mas muito mais cómodo.

— A ciência e o dinheiro, quel confort! suspirou d'Orsay. — Pena é que

Bwler não seja a alegria e a ventura reunidas a um colete de melhor gós...

E depois de breve pausa, depondo sua bengala à pomme d'or: — Novidades literárias, Dizzy?... E artistas?... Qual é a sua impressão dessa "Vida de Byron", de Murray? Inteligente? Acho Murray tão espesso... Imagino que a sua biografia de lord Gordon seja uma exposição fatigante, insensível e sem brilho, tout bonnement alarmada diante do fascínio de Don Juan... Lady Blessington diz que exagero... Possível... E, sabe?... Margarida está imaginando alguma coisa sobre lord Gordon... Alguma coisa que ela não diz, mas que será destinada a dar os aspectos pessoais, íntimos, mundanos, de Child Harold... Qualquer coisa lembrando o nosso encontro com ele em Gênova... Por exemplo, "Conversações com lord Byron", digamos... Naturalmente ilustrado tudo por Maclise... esse gravador está fazendo algo acima do velho gravado...

— Mas lady Blessington deve antes terminar esse seu lindo "Livro da Beleza", não acha?

— Perfeitamente, é o que aconselhei. A "Vida" de Murray absorve toda a atenção no momento... Qualquer outra coisa, mesmo genial, passaria despercebida.

— Os ingleses temos pouco.

— Não suportam, sobretudo, mais de uma celebridade literária por ano... Ainda agora, no décimo aniversário da morte de Shelley, nem um in memoriam, veja...

Lady Blessington, que servira o chá fumegante e perfumado, apartelá:

— Mas é certo que mrs. Shelley está reunindo os esparsos e as cartas de lord Percy para a comovida evocação do seu doce Ariel.

— Linda vivez a dessa rainha Mab — colecionar sonhos...

— E que lindos sonhos os daquele belo anjo, no seu exílio breve aqui entre nós!

E d'Orsay:

— Também sonha, Dizzy?

— Porque?

— Porque... Afinal nem todos nascemos com essa graça sutil de sonhar... Daí, tantos destinos frustrados...

E lady Blessington, os olhos postos nas últimas résteas do crepúsculo sobre o Hyde Park:

— E' o mal do século, talvez... Está em Goethe: "Sonhar é fácil"...

— Mal do século... Se o século fosse nosso, passando-se todo no salão dourado de lady Blessington, em Seamore Place... Mas você, Dizzy, não se seduz por algo diferente, mais empolgante do que a obscura e demorada glória literária?... Sente-se em seus movimentos como o bater-de- asas inquieto de um pombo que ainda não tomou o seu rumo certo...

— Realmente é o que me ocorre... E embora imagine possível repetir as façanhas de Dante, de Homero, acho tam-

bém tardio o fruto glorioso das epopeias. E é belo viver em plena ação, em Trafalgar, em Wagram, mesmo na Câmara dos Lords... A vida é muito curta para ser pequena...

— E até o seu mundanismo irresistível constitui um importante indicio da vida de ação que me parece o seu clima próprio...

D'Orsay acendeu uma perfumada cigarrilha turca e continuou: — Sim, o nosso dandismo, caro Vivian, não será a pura frivolidade com que a gente grave o condena. O mais belo espírito da civilização helênica deixou uma tradição de elegância — Alcebiades... O mais belo espírito da civilização romana, também, legou à posteridade um exemplo de elegância — Petrólio... São lições clássicas, diante das quais não resistem os melhores argumentos invocados contra nós... Ainda agora aí está o visconde de Musset, pelo menos um dos maiores talentos atuais, e elegantíssimo, com as suas capas de veludo azul...

Fez uma pausa e, numa baforada:

— De certo modo, o que me parece é que o dandy deriva nas aparências brilhantes e ruidosas certa incapacidade de ação profunda. O brilho fácil que se compra ao alfalate, o traje apurado constituem o nosso pastiche da luta...

— A luta na maciez das alcantifas — sorriu lady Blessington...

— Em Paris há o termo justo para a nossa classe, quando não temos os seus méritos, é claro: "Viveur", que em vez desse outro sentido sério do dandismo. Veja você o nosso beau Brummel... Para que o amigo de George IV repetisse, digamos, o imperador ou lord Nelson, em vez de estar morrendo melancolicamente no consulado inglês em Caen, bastava-lhe bravura... Daí...

— Perdão, Freddy, — interrompeu lady Blessington — o dandismo tout court já foi definido... E' a arte dos que não são artistas, a poesia dos que não são poetas, a nobreza dos que não são nobres.

— Você generaliza, darling, e tanto eu como Vivian nos sentimos gauches, nessa definição...

— Pois nela está justamente a minha homenagem a vocês... Porque ao homem de talento tudo se permite menos ser dandy. Principalmente ser dandy, já que o dandismo é homenagem muito particular às mulheres.

— Nãoexagere... Ao bom gosto de certas mulheres, diria... O que há, entretanto, é o que no dandy existe uma soma de belas intenções a que falta o heroísmo.

— E grande soma de belas gravatas, Freddy.

— No seu caso Vivian, acho — perdoe — que está mal, insuficientemente à vontade nesses punhos de renda de mero escritor. Se esse seu maravilhoso colete cingisse um busto de "premier", seria muitíssimo mais elegante...

Com a chegada de Samuel Rogers que, pela idade, era uma espécie de decano em Seamore Place, a palestra se animou.

Rogers, banqueiro de profissão, escritor de méritos muito relativos, se plicava por literatura, propriamente pela vida literária, tanto assim que ficava muito envaidecido de seu galante aliado Benjamin Disraeli, desde que ele, moço, manifestara decisiva vocação para o romance. E possuía uma minuciosa cultura clássica que colocava abaixo apenas dos seus reis. Pédiu a d'Orsay todas as novidades literárias declarando que estava cada vez mais "hermanista"...

— Por espírito de blague — concordou o conde... E acrescentou: entretanto, como até Vivian nos promete um conto fantástico gênero "Castle Dangerous", passim... Como se chama a obra, Vivian?

— "Wondrous Tale of Alroy".

— Como vê, sir Rogers... Mas me admiro que vossa senhora não adote em definitivo o romantismo nem mesmo vendo, como ali a lady Blessington, a nota de encanto que os "snoods" das heromas de Walter Scott trouxeram às nossas prezadas contemporâneas.



E como todos insistissem pelas novidades:

— Bem, Gauthier prepara outro drama "Albertus", e faz um romance sensacional que é o assunto de "tout Paris"...

— Paris dos seis ou sete senhores ditos românticos — interrompeu Rogers.

— O Paris que conta em tôda a Europa! — repôs d'Orsay.

— E êsse romance?

— "Mademoiselle de Maupin"...

— Secundo...

— Nossa vitória definitiva na "Comédie"...

— Outra peça?

— Uma intérprete... Uma mulher capaz de determinar outra revolução. Mais importante para a França e para o século do que a senhora duquesa de Berry.

— E chama-se?

— Mlle. Duchesnois. Augustin fez dela um retrato admirável, um dos seus mais belos guaches em marfim e de que a miniatura terá memória. Superior mesmo à sua madame Récamier, tão acabada e grande... apanhou-a num instante maravilhoso de drama.

Uma pausa. Depois:

— Uma novidade ainda — o cólera... Está horrível!

Disraeli indagou:

— Que é que nos conta, de pessoal, sobre madame Sand?

— Um valor, talvez... Tem, entretanto, aqueles achaques de "indiscretions et emportements romanesques" que Walpole censurava à Du Deffend... Ainda neste momento, acaba de raptar o jovem visconde de Musset e o embriaga num quarto de "Danielli" em Veneza, com os vinhos ducalis e os seus beijos venenosos...

— Fala por experiência? — interrompeu lady Blessington?...

— Por experiência histórica... Le poison c'est le prope des femmes...

— Desde a marquesa de Brinvilliers e a condessa de Solssons.

— Desde Eva!

Sorriram. Rogers exigiu:

— Mas, monsieur Hugo, o seu supremo monsieur Victor Hugo?

— "Le Roi s'amuse", uma estréla eclatante... Uma estréla à Victor Hugo. E, para a próxima estação, "Marie Tudor" e "Lucrecia Borgia"... E' gigantesco!... Acresce que, graças à "Notre-

Dame", teremos breve uma "comissão de arte" para conservar e restaurar os monumentos franceses, veja!

— E sobre arte?

— Na pintura, Delacroix, sempre Delacroix... Na escultura, Rude se faz o maior do seu tempo e Barve está dando umas notáveis criações de animais... Na música...

Fez uma pausa. Breve:

— Já ouviram por acaso o nome de Frederico Chopin?

E como ninguém respondesse:

— Não, não ouviram... Pois é um polonês que agora surge em Paris, lecionando piano. E, além de lecionar piano, tem apenas gênio!

— Que facilidade tem você em descobrir grandes homens! Nem Plutarco, dear...

— Verá, Rogers. Para mim constituiu uma revelação quando, para descansar dos "italianos", fui assistir-lhe à estréla. Foi desconfiado. Saí num maravilhamento. Trouxe algumas pequenas peças dele à senhora condessa. Aí está êsse "Concerto em fá menor" e duas "Baladas" que ela nos fará ouvir logo mais... Visite-o, êle é amigo do príncipe Radziwill e um rapaz encan-

tador, embora um pouco tímido e muito reservado.

★

Enquanto esperavam Bowler que só aparecia depois da sessão do parlamento, ainda a companhia tratou de arte, de literatura e de frivolidades. Lady Blessington fez música e leu a pedido um novo capítulo do "Livro de Beleza".

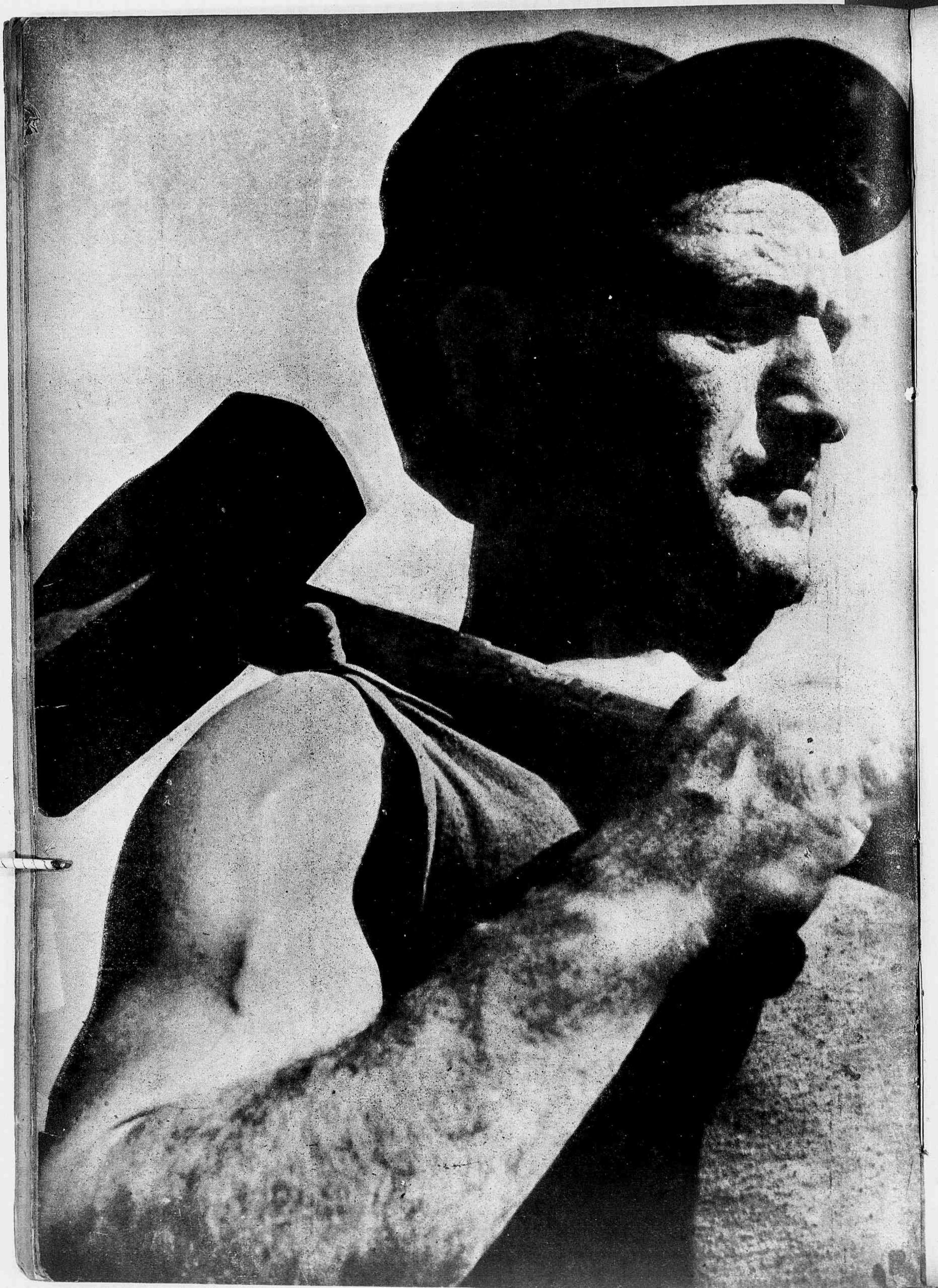
Foi ela ainda que, como se falasse em portas, referiu-se a uma nova poetisa que era a descoberta sensacional do momento e preparava um livro. "Príncipe encadeado"... Ninguém a conhecia, mas dos seus poemas que lera ainda em provas, por obséquio do editor, notara o gênio.

— Também, milady? — agitou-se Rogers... Nesta casa serve-se com chá gênios!... E até femininos, quando a mulher lhe basta ser bela... Quando o gênio é coisa que de maneira alguma se reflete nos espelhos...

— Não, caríssimo Rogers, talvez nem seja bela... Diz-se que é enferma, desde que teve uma queda de cavalo. Mas tem gênio. Creia no meu instinto, já que faz tão pouco do espírito das mulheres...

(Cont. na pág. 52)





SURGE UMA NOVA NAÇÃO: O ESTADO JUDEU DA PALESTINA!

TEL-AVIV, A CAPITAL DE ERETZ ISRAEL, É A MAIS BELA E A MAIS MODERNA CIDADE DO ORIENTE PRÓXIMO — UM VERDADEIRO ÉDEN BOTÂNICO — CONVERSACÃO COM UM JUDEU SOBRE O CASO DA PALESTINA — AS MASSAS ÁRABES SÃO PACÍFICAS — REAÇÃO CONTRA O FEUDALISMO — A MORTALIDADE INFANTIL DECRESCER ENTRE OS ÁRABES DA PALESTINA.

Reportagem de NELSON VAINER

(Enviado especial da "REVISTA DA SEMANA")

TEL AVIV, novembro (Pelo "Bandeirante" da Panair do Brasil, via Cairo) — Depois de uma viagem aérea de cerca de vinte horas, chegamos de Londres a Tel Aviv, a mais moderna e uma das mais belas cidades do Oriente Próximo.

Só mesmo depois de ver com os próprios olhos como os judeus, graças ao sacrifício e esforço dos pioneiros da Palestina, transformaram um deserto numa cidade que caminha para se tornar uma metrópole, compreende-se perfeitamente a sua obstinada luta pela defesa da terra que é sua e, mesmo os que são contra quaisquer atos de terrorismo, — e diga-se de passagem, este é o caso do autor desta reportagem — chegam não só a perdoar os terroristas, mas também a admirá-los. Afinal, que eles fazem, muitos outros povos já o fizeram, conseguindo o seu objetivo, entre os quais figura, em primeiro plano, o povo irlandês, que, graças à sua luta, conseguiu libertar-se das algemas opressoras.

Pensal bem na significação da Palestina para o povo judeu, e tira a vossa conclusão. Vimos em França milhares de túmulos de judeus, que tomaram na luta pela libertação daquele grande país. "Mort pour la France", — está escrito nas pedras que cobrem as sepulturas desses infelizes. Em todos os países europeus, onde se travaram as maiores batalhas contra o nazifascismo, se encontram milhares de covas

O povo de Israel acaba de conquistar uma grande vitória, — sobretudo porque essa vitória foi um triunfo contra forças ponderáveis e contra preconceitos ferrenhos, obtido por uma gente sem bandeira nacional reconhecida e sem representação diplomática oficial. A Assembleia da Organização das Nações Unidas, pelo voto de 23 nações contra o de 13, — e 10 abstenções, — resolveu aprovar a partilha da Terra Santa entre os árabes e os judeus. Releva notar que o voto do Brasil foi favorável à medida, juntamente com os da Austrália, Bélgica, Bolívia, Rússia, Canadá, Costa Rica, Dinamarca, Checoslováquia, República Dominicana, Equador, França, Guatemala, Haiti, Islândia, Libéria, Luxemburgo, Nova Zelândia, Nicarágua, Noruega, Panamá, Paraguai, Peru, Filipinas, Polónia, Suécia, Ucrânia, África do Sul, Uruguai, Estados Unidos, Venezuela e Rússia Branca. A Inglaterra ficou entre as nações que se abstiveram. A notícia da partilha da Palestina despertou a mais viva alegria nos círculos israelitas do mundo inteiro, inclusive no Rio de Janeiro, onde vive uma comunidade judaica de cerca de 50.000 almas. Na Sinagoga do Rio de Janeiro, à rua Conselheiro Josino, se realizaram cerimônias especiais, para solenizar a vitória da velha aspiração dos judeus, — a da formação de uma pátria, de um Estado soberano, na terra de onde são originários e de onde foram expulsos pelas guerras, ideal que tomou o nome de "sionismo". O delegado da Arabia, Feisal Saud, lançou veemente protesto contra a partilha, — e juntamente com ele votaram todas as nações árabes, — Afeganistão, Iraque, Egito, Líbano, Índia Muçulmana, Yemen, Síria e Irã. Declarou que havia sido rasgada, com essa decisão, a própria carta das Nações Unidas. E o presidente da Liga Árabe, — que se propõe a estabelecer uma unidade racial e religiosa entre os países arábicos, — Abdun Rhaman Azzan Pashá, declarou que, para ele e seus correligionários, a partilha significa apenas uma coisa: a guerra contra os judeus. Assim, a solução da ONU está perigando no terreno prático, com as perspectivas de uma luta armada, — e só os dias futuros nos dirão o que poderá resultar desse passo dado com o intuito de solucionar uma velha e irritante questão. Enquanto isso, eis aqui o resultado de uma interessante reportagem, realizada na Palestina especialmente para "REVISTA DA SEMANA".

Nosso enviado especial à Europa, Nelson Vainer, deu um pulo de avião a Tel-Aviv, às vésperas da decisão da ONU, em que a comunidade judaica não acreditava muito. É precisamente esse estado de espírito que é fixado neste interessante e oportuníssimo trabalho.

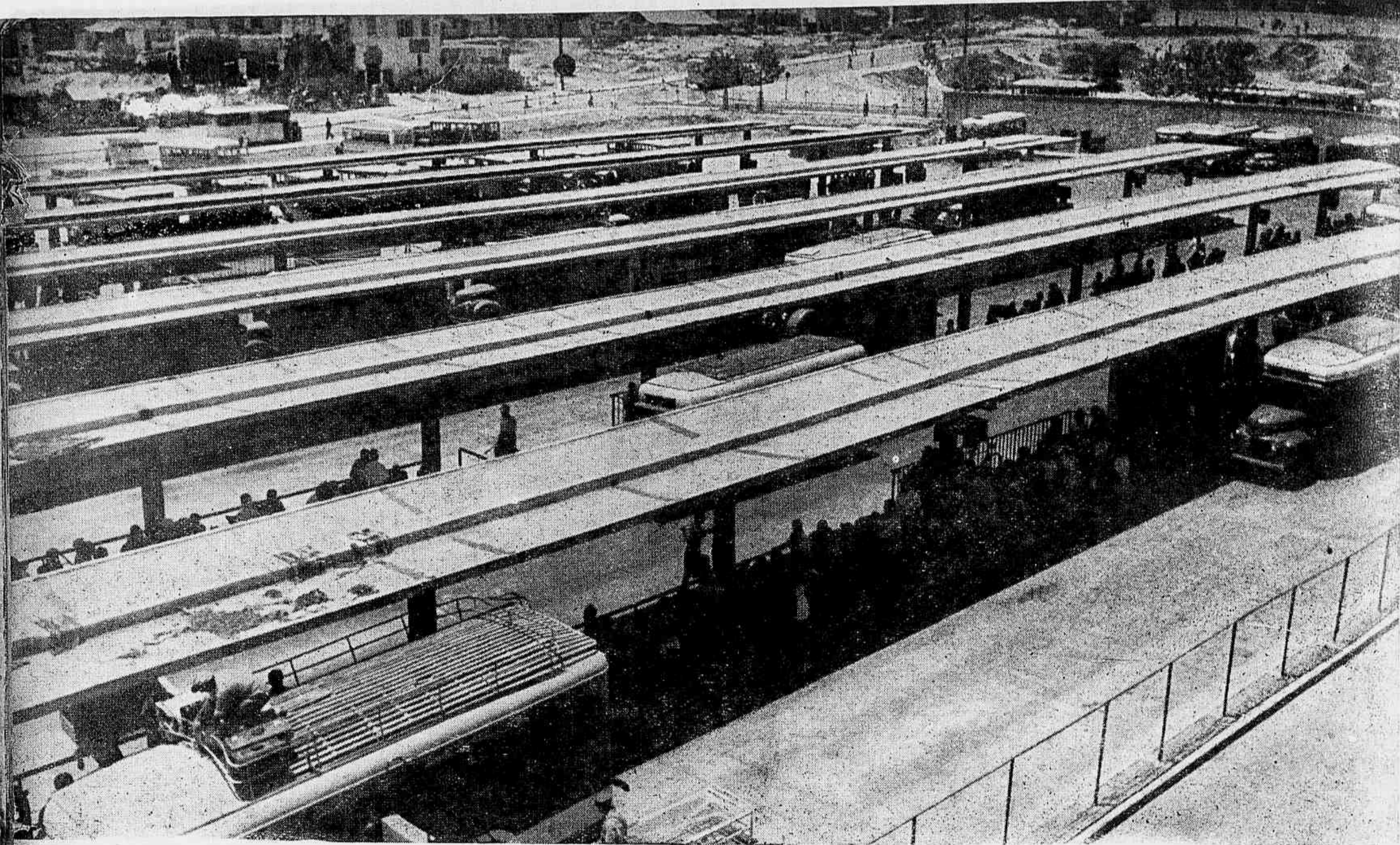
onde jazem os restos mortais de judeus que caíram na luta pela liberdade humana. O deserto africano e as ilhas do Pacífico também estão cheios de túmulos de soldados judeus de várias procedências. Existe ainda, o que é muito mais trágico, o maior túmulo judaico de todos os tempos, que se perde alhures, no imenso NADA... Encerra seis milhões de israelitas queimados nos fornos crematórios que a Kultur ge mânica criou em pleno século XX...

E qual a recompensa do povo judeu por todos esses sofrimentos? Todo o mundo o sabe, o que pode ser resumido em poucas palavras: do campo de concentração da Alemanha ao campo de concentração da Alemanha, via Hamburgo. EXODUS 1947!...

Sobre a política inglesa com relação à Palestina, sugeriram-nos em Londres entrevistar três grandes figuras dos três povos empenhados na luta pela posse da Terra Santa: um inglês, um judeu e um árabe. Repelimos essa sugestão. Que adianta ouvir a opinião de Fulano, Cícero e Beltrano? Temos absoluta certeza de que se o caso da Palestina dependesse do povo inglês, e não de seus políticos, já de há muito teria sido resolvido a favor dos israelitas. Mas o povo inglês também tem aspirações que dependem dos seus políticos e as quais ainda estão bem longe de serem preenchidas... O caso da Palestina depende, pois, da boa vontade da humanidade, se é que a humanidade ainda tem

Em baixo: Vista aérea de Tel-Aviv, a pérola do Oriente Próximo, fundada em 1908, e contando hoje mais de 200.000 habitantes, cidade construída rigorosamente, de acordo com a época atual, será esta cidade a capital de Eretz Israel, o novo Estado Judaico da Palestina. Na página ao lado: O ferreiro de Ein-Charor, coletividade israelita típica da atual Palestina, com teatro, cinema, biblioteca, discoteca, manufaturas, fábricas de ferramentas, etc.





o que estamos habituados a chama, de "bôo vontade"...

Não sendo o escôpo desta reportagem tratar de política, passaremos a falar sôbre o que vimos nessa maravilhosa pérola do Oriente Próximo, que é a cidade de Tel Aviv.

TEL-AVIV DE ONTEM E DE HOJE

Na primeira década do nosso século, Tel-Aviv não passava de um ponto perdido no deserto, onde se encontravam apenas alguns casebres. Em 1913 ali

Estação rodoviária de Tel-Aviv, a moderna capital do Estado Judaico, ora em organização.

estavam fixados uns dois mil habitantes, os quais, devido à guerra, se viram obrigados pelos turcos a se dispersarem. Mas no decorrer do tempo, os judeus regressaram pouco a pouco àquele núcleo de vida. Assim, em 1920, a sua população era novamente composta de duas mil almas. A partir daquele ano, começou um verdadeiro afluxo de judeus à Pa-

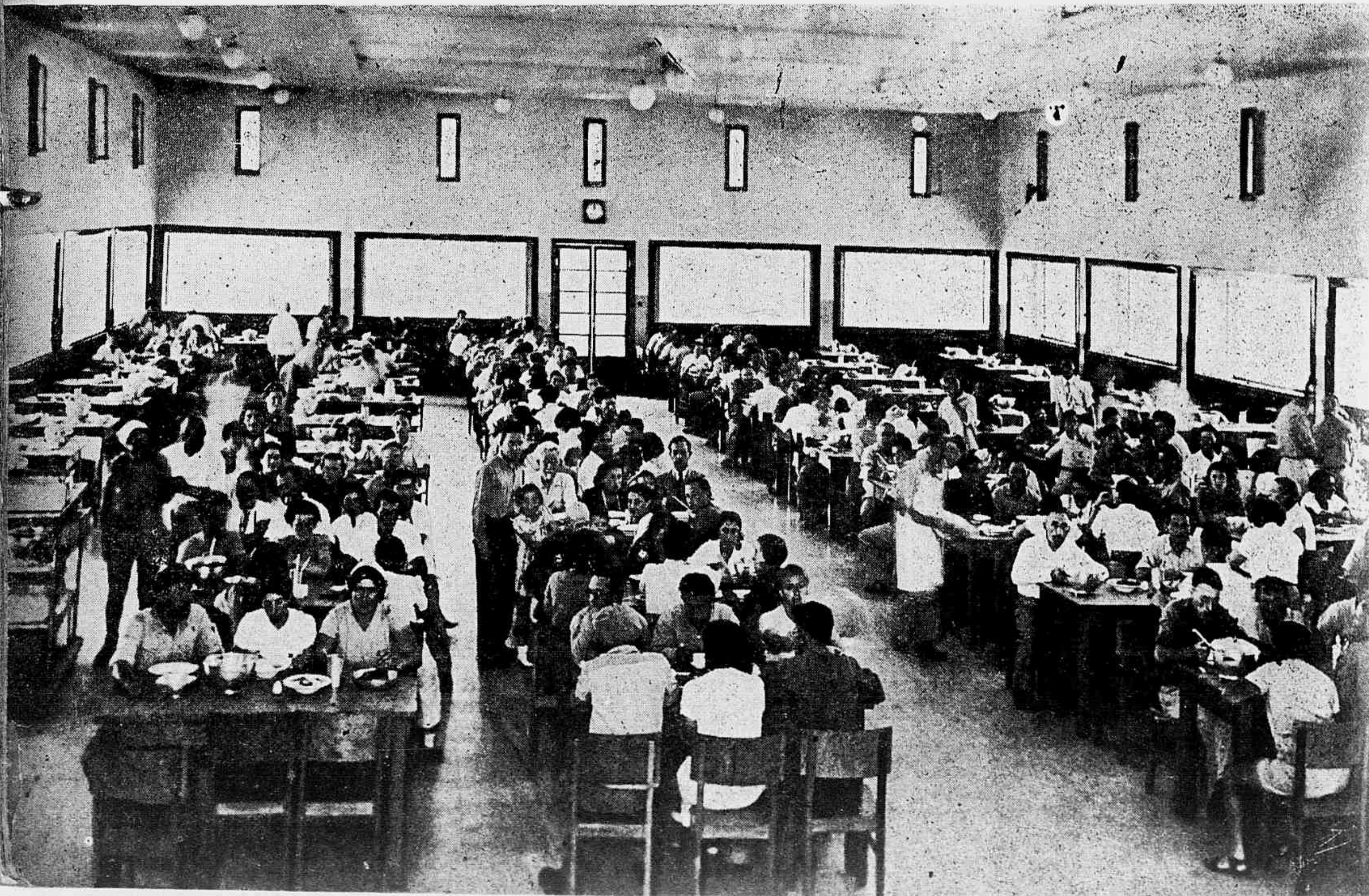
lestina, dos quais a maioria se estabeleceu em Tel-Aviv. Em 1925 a sua população atingiu a cifra de 30.000, em 1933 pouco mais de 70.000 e em 1939, por ocasião da declaração da segunda guerra mundial, Tel-Aviv já era uma grande cidade, com 160.000 habitantes. Atualmente, sua população passa de 200.000.

O refeitório de Jagur, da coletividade israelita, quase destruído pelos ingleses.

ONTEM E HOJE

O nome de Tel-Aviv apareceu pela primeira vez num livro semi-utópico sôbre um Estado judaico, de autoria do criador do sionismo, dr. Theodor Herzl. Tel-Aviv quer dizer "Colina Primavera!" nome que justifica plenamente a grandeza dessa extraordinária cidade.

Tel-Aviv é antes de mais nada um verdadeiro Éden botânico. Suas setenta ruas se cruzam em perfeitos quadriláteros, entre parques e jardins que lembram os contos de Mil-e-Uma-Noites. Seus edifícios são moderníssimos e



toda a cidade é ótimamente iluminada. Os inúmeros anúncios luminosos lhe são um aspecto de metrópole, constituindo um tremendo contraste no meio de mesquitas e ruínas de uma era tão remota...

O centro da cidade é muito movimentado. O transporte é feito por meio de confortáveis ônibus e automóveis. A artéria principal é a Allenby Street, onde se encontram teatros e cinemas de primeira categoria, magazines luxuosos, restaurantes, quiosques, casas bancárias, prédios de escritórios. Uma avalanche de frutas inunda toda a cidade. São extremamente gostosas e seus preços acessíveis a todas as bolsos.

As ruas de Tel-Aviv, como também os jardins e os parques, têm nomes de heróis e grandes vultos da história dos judeus. Citaremos um nome, sobretudo conhecido no meio dos israelitas: Mapu, o pai do romance na literatura israelita. A língua oficial, como aliás, em toda a Palestina, é a hebraica.

Os judeus de Tel-Aviv se dedicam ao comércio e à indústria. A cerâmica e as indústrias têxteis são muito desenvolvidas. Mas, além disso, se dedicam também à lavoura. Embora os ingleses tivessem proibido a venda de terras aos judeus, estes continuaram a comprá-las aos árabes, — que vendiam, no entanto, regiões árabes, ou aparentemente árabes. Lembrei-me de uma entrevista que foi dada, no Brasil, pelo líder sionista Josef Kreleboim, que era, precisamente, o delegado do "Keren Kayemeth" (organização israelita para a compra de terras na Palestina), cujo texto vim a conhecer através dos bons ofícios do sr. Anatol H. Rosenfeld, residente em São Paulo. Nessa entrevista, dizia o líder sionista:

— Apesar do livro branco dos ingleses e apesar de certas dificuldades criadas pelos chefes feudais árabes, continuamos comprando terras. Isso prova que os árabes no-la vendem. O fato é que há, entre os árabes, interesse em vender terras áridas e inúteis para nós. Empenhamo-nos principalmente em comprar terras no assim chamado "Neguv", que ocupa cerca de 50% do terreno sul-ocidental da Palestina. Essas terras desertas, onde só poucos berberes levam uma vida nômade, são para nós de grande importância e isso precisamente por causa do seu miserável estado. Provamos em outras partes da Palestina que estamos dispostos a transformar regiões desoladas em jardins e solo fértil, graças ao nosso anseio de nos fixarmos na nossa própria terra e ao idealismo dos jovens que não temem uma vida de sacrifícios e finalmente, a disposição de empatarem capital em um empreendimento tão difícil e complicado. Nesse terreno do "Neguv" que se totalmente abandonado, podem viver um e meio milhão de judeus, número esse cuja localização naquela zona aliviaria a situação penosa dos judeus em outras partes do mundo. Quanto às nossas relações com os árabes, acho que é preciso discernir entre árabes e árabes. Isso não é nenhuma novidade. Há os chefes semi-fascistas, feudais, infelizmente armados e apoiados pelos ingleses, não obstante terem sido provados as suas relações com Hitler e Mussolini. E há as massas árabes, massas pacíficas, com as quais queremos viver em paz. Aqueles chefes feudais são os maiores inimigos do seu próprio povo, o qual, aliás já demonstrou que deseja colaborar conosco. Relações pacíficas entre o povo árabe e o povo judeu interessam a ambas as partes, principalmente aos árabes da Palestina, cujo nível de vida, devido à imigração israelita, se tornou o mais alto no Oriente Médio. Basta dizer que a mortalidade infantil entre os árabes palestinos baixou, graças ao serviço de saúde dos sionistas de 50% nos últimos quinze anos. Ou seja, de 192 óbitos sobre mil nascimentos, passou a ser 100 apenas, ao passo que nos outros países árabes a mortalidade continua sendo a mesma de antes, isto é, aproximadamente 200 sobre mil. O sa-



Em cima: Arabes em visita a um sítio judeu no sul da Palestina. As relações entre as massas árabes e israelitas são boas, embora sujeitas a elementos perturbadores. Em baixo: Assistência médica da organização israelita "Kupat Holim", em Ein-Charod, que atende também a árabes. Existem várias regiões totalmente árabes servidas por médicas da organização, que representam o único serviço de saúde a que podem recorrer essas populações abandonadas.





Ao alto: Vista de uma aldeia judaica próxima de Tel-Aviv, onde já chegaram os benefícios da indústria moderna. Na página ao lado: Soldados da Brigada Judaica, que se distinguiram durante a guerra como parte do Oitavo Exército Britânico, com pesadas perdas, pela sobrevivência da Inglaterra.

lário dos operários árabes da Palestina é quatorze a quinze vezes mais alto do que o dos árabes de qualquer outro país do Oriente Médio. O que nós fizemos em benefício da Palestina pelo reflorescimento de vastas zonas não pode ser expresso em números."

Aqui, pude me certificar de que essas informações eram verdadeiras. O que os judeus fizeram e estão fazendo na Palestina é um verdadeiro milagre. Milagre de tenacidade, de progresso, de vida cultural, de desejo de criar na nova

nação que desejam fundar condições de vida condignas, decentes, à altura do nível de vida que se pode encontrar nas mais modernas capitais do mundo.

CONVERSAÇÃO COM UM JUDEU

Numa esquina da rua Allenby, dirigimo-nos a um israelita, que aguardava a chegada do ônibus. Aproximamo-nos dele e fizemos uma pergunta em "idich".

O judeu não respondeu, como se nada lhe dissessemos. Tornamos a pergun-

tar, mas o judeu era esfinge... Enfim, depois de muita insistência, virou a cabeça e disse secamente: — "Fale em hebraico, se quiser conversar comigo".

— Mas essa língua me é completamente estranha! — explicamos.

— Então, aprenda-a! — respondeu.

Já que nossas perguntas não ficaram como antes, sem resposta, tornamos clara a nossa situação e qual a finalidade da nossa viagem. O judeu resolveu atender-nos, depois de apertar fortemente a nossa mão. Primeiro, queria

saber o que se fala sobre a Palestina nos países que visitamos e finalmente passou a responder às nossas perguntas.

— Desde quando o senhor vive em Tel-Aviv? — inquirimos.

— Oh! há muitos anos.

— Onde veio?

— Da Rumânia. Foi onde nasci. Cidadão rumeno, legítimo, do Velho Reino da Rumânia, cumpri todos os meus deveres. Prestei o serviço militar e, ape-

(Cont. na pág. 50)

A esquerda: O teatro hebraico está bem desenvolvido em Tel-Aviv, Chana Rovina, antiga atriz da "Habima", no papel da rainha Isabel, na peça "Os Marranos". A direita: Outro artista famoso da "Habima", Meskin, no papel de Torquemada, em "Os Marranos".





EM fins de 1864, obedecendo à tabela de navegação da Companhia Brasileira de Paquetes a vapor saía da barra do Rio de Janeiro, rumo sul, o vapor Marquez de Olinda.

Passageiros, à tolda acompanhavam, como de hábito em princípio de travessia, a gradual perda de vista do Rio de Janeiro cercado de montes e merros, prateado de praias.

Fatidicamente, porém, sem ninguém saber a bordo, a contemplação da cidade carioca seria derradeira.

Com máquinas novas, construído de pouco, o vapor desenvolvia boa marcha e vencia milhas sem esforço, tudo prometendo viagem sem incidente, embora de contar os dias por naturalmente longa.

Deixando mares do sul, nem sempre aquietados, o Marquez de Olinda entrou em águas fluviais que de passagem pelo Paraguai, o deviam levar a Mato Grosso, levando a bordo, principal passageiro, novo presidente para aquela província então, como a de Goiás, tida por de quase mistério a poder de longínqua.

O recém-nomeado presidente de Mato Grosso, oficial de engenheiros, era o coronel Frederico Carneiro de Campos, já senhor de prática administrativa, tendo presidido a Paraíba do Norte, que o enviara como seu representante na Câmara dos Deputados, o nome Carneiro de Campos de tradições até históricas no Brasil.

Escalando em Assunção, o Marquez de Olinda deixou-lhe o porto, cortou de novo águas fluviais na certeza de chegar a destino, embora corresse notícias de não andarem o Brasil e o Paraguai muito às boas por motivo da antipatia votada pelo presidente Solano Lopez a um país que zelara pela independência do Paraguai e até, por meio de instrutores militares, concorrera para a organização das forças armadas paraguaias.

Mas onde, mais do que em História, o dia do benefício é a véspera da ingratidão?

Mal recomçara viagem, foi o Marquez de Olinda aprisionado rio acima, voltando o vapor a Assunção em presa de guerra, até nesse carácter 400 contos de réis em numerário metálico e notas de papel moeda com a efigie de D. Pedro II, tudo destinado a suprimento das finanças provinciais matogrossenses, não se compreendendo a utilidade da apreensão de numerário e papel moeda brasileiro para circulação monetária no Paraguai.

Salvo três passageiros, quantos vinham a bordo foram quanto antes levados a prisão e é de imaginar o prazer satânico de Lopez ao saber encarcerado o coronel Carneiro de Campos no lobrego de um cárcere em vez de detentor da cadeira presidencial em Cuiabá, onde o esperava para transmissão de governo o general Alexandre Manuel Albino de Carvalho.

Viana de Lima, ministro do Brasil em



SOLANO LOPEZ

Assunção, protestou contra o ato de um presidente da república criado na ambiência ditatorial de um Francia e na de seu próprio pai Carlos Antonio Lopez. Ver um mandar à vontade e todos obedecerem a contra gosto ou por gosto, isto era para Solano Lopez de educação por assim dizer caseira conhecida desde infância.

Nem viagem à Europa, a centros de civilização como a França, nem o exemplo de países organizados, venceram em Solano Lopez o frenesi de onipotência em pátria de há muito anolgada na tirania.

Retirada de Assunção a proteção aliás inócua da legação do Brasil, fechada por entrega de passaportes ao ministro Viana de Lima, ficou Lopez à vontade para torturar seus prisioneiros do Marquez de Olinda, naturalmente mais visado pela maldade o coronel brasileiro Carneiro de Campos.

A Igreja tem seus mártires, para os seus altares e para o seu Flos Santorum. Também a vida leiga conta mártires e ao número deles pertence Frederico Carneiro de Campos.

Despojado de farda, de direitos humanos, reduzido a pária, sujeito às mais baixas humilhações, faminto, andrajoso, andando de prisão em prisão, resistindo ao que parecia impossível resistir, sem que a morte se apressasse em cerrar-lhe os olhos, ela tão pronta em fechá-les em mocidades promissoras.

Quanto a Carneiro de Campos, a própria morte parecia aliada de Lopez ao obstinar-se em prolongar a vida de mísero prisioneiro de um déspota ao qual a natureza se comprasera em conceder certo ar de mansidão ao dar-lhe imerecida forma humana.

Vários foram os prisioneiros de Lopez que mesmo no cativoiro confiaram ao papel a lembrança dos vexames pelos quais tinham passado.

Não chegaram a nós tôdas as narrativas daquele cunho dantesco. Uma houve do triste punho de Carneiro de Campos, chegando às mãos de Caxias quando ao seu comando as forças aliadas já iam mostrando a Lopez estar por pouco a libertação do Paraguai.

A nem todos os seus prisioneiros conseguiu Lopez extirpar a vida por meio

de contínuos sofrimentos. Burlando-lhe a incoercível maldade, consentiu a sorte que alguns torturados por aquele que, conforme divisa nacional, Lopez governava pátria — licença para uma interrogação — em nome de Paz y Justicia.

Principalmente o coronel Cunha Matos, sobrevivendo bastante à guerra do Paraguai teve ensejo de dizer à posteridade o que era ser prisioneiro de Lopez, e do seu séquito de verdugos odiosos a muitos de seus próprios compatriotas zelosos de dignidade humana, sem excluir da condenação o sexo feminino a repelir do seu convívio a amásia que Lopez lhe impunha. E muitas paraguaias pagaram com a vida aquele repúdio corajoso de heroínas.

A tal grupo pode ajuntar-se no Brasil o de quantas mulheres durante cinco anos de guerra curtiram dias e noites de saudade pelos seus que combatiam no Paraguai, ansiosas por notícias que tantas vezes chegavam para cobri-las de luto pesado.

Uma de tais senhoras foi a esposa do coronel Frederico Carneiro de Campos, d. Auta. Moradora solitária num sobrado da rua do Lavradio, tornára a casa verdadeiro asilo de silêncio e saudade.

No seu quarto de dormir uma tábua servia-lhe de leito estendido sobre caixotes, impondo-se d. Auta tôda a espécie de sacrifícios para corresponder com eles ao que o marido padecia no Paraguai onde o chão de terra batida servia de cama ao cônjuge prisioneiro, comendo do que lhe queriam dar, vestindo o insuficiente para resguardá-lo da chuva ou do frio.

A sociedade carioca da época admirava d. Rosa da Fonseca, mãe de vários filhos militares e de alguns recebendo à espartana notícia de sua morte em combate, heroísmo de coração materno até hoje publicamente celebrado, tudo muito justo, muito de exemplo cívico.

Mas ao lado de d. Rosa da Fonseca há lugar para d. Auta Carneiro de Campos. O que cabe a d. Rosa qual mãe deve igualmente pertencer a d. Auta como esposa que da gente de escól ao seu tempo mereceu homenagem, pois o conhecimento da morte do marido continuou a deixá-la no recolhimento, entre lágrimas e orações mandadas a uma sepultura longínqua, aberta em terra alheia e fechada por indiferentes.

Há no Rio de Janeiro uma escola municipal chamada Rosa da Fonseca, memorando Mãe, outra se honraria com o nome de Auta de Campos, lembrando Esposa, quando ser mãe e esposa já anda em desapareço, o amplo espaço do lar de outrora substituído pelos metros ou metrinhos quadrados de um apartamento com possível vista sobre trecho exiguo de paisagem, ela própria condenada a desaparecer quando menos se esperar e mais falta vai fazer.

ESCRAGNOLE DORIA

NO ROLAR DA HISTÓRIA

NOS BASTIDORES FEMININOS

SI pudéssemos retroceder um pouco, gostaríamos de voltar aos tempos em que existia um certo cavalheirismo dos homens para com as mulheres. Retrocederíamos só neste ponto, é claro! Dizem os homens que são as mulheres as únicas responsáveis pelo atual estado de coisas; "elas competem conosco nos escritórios, nas fábricas, nas repartições, nos laboratórios científicos, e então por que não podem competir também para a conquista de um lugar no ônibus ou no bonde? Sim, tudo isso seria muito lógico se não existisse a questão de educação. Não é por falta de educação ou por grosseria que a mulher compete com o homem no trabalho, mas exclusivamente por necessidade. Sei que existem algumas mulheres para quem o trabalho não passa de um pretexto para estar fora de casa, mas o número destas é reduzidíssimo. A grande maioria, quase que a totalidade, podemos dizer, trabalha porque precisa; seja para manter os pais, para auxiliar o marido, para educar os filhos ou os irmãos mais novos ou ainda para manter a si própria, aliviando assim a respon-

sabilidade dos pais ou do esposo — o fato é que ela trabalha porque precisa. Justamente por isso, pelo seu esforço e pelo seu sacrifício é que ela deveria ser admirada; no entanto, é o homem, um dos beneficiados por esse esforço que se nega a conceder-lhe a mesma consideração que lhe era concedida em tempos passados. Acho justíssimo que eles não cedam os seus lugares a essas senhoras que não tendo o que fazer em casa, vão à cidade para comprar fitinhas e rendinhas e depois resolvem dar umas voltinhas, regressando à casa justamente à hora de maior movimento, quando os que trabalharam o dia inteiro correm em busca de uma condução que os leve de volta ao lar. Não, essas senhoras podem muito bem viajar de pé; estão ali porque querem! Mas que isto não sirva de desculpa para agir grosseiramente com todas as mulheres! Já não se satisfazem os "cavalheiros" em ficar sentados enquanto elas ficam de pé; tratam também de empurrá-las para ocupar o lugar de quem se levanta. Nem mesmo as senhoras em estado de gestação merecem melhor tratamento. Si

uma outra mulher não lhe oferece lugar, elas têm mesmo que ficar de pé, viajando aos trancos e empurrões, enquanto os homens, de todas as idades e condições sociais, continuam calmamente sentados. Aida há dias assistimos uma dessas cenas no "bonitão". Uma mulher do povo, já em estado bastante adiantado, viajava de pé enquanto que na sua frente estavam sentados um colegial, um homem de quarenta anos e um mais idoso. Os três lançavam olhares curiosos sobre a criatura mas nenhum teve a delicadeza de lhe oferecer o lugar. Um então, fixava o olhar no ventre volumoso e parecia perguntar: "Como é que a senhora sai com "isso" à rua?" E' que "isso", meu caro senhor, não pode ser deixado em casa e si ela saiu assim é porque teve necessidade. Ninguém, naquele estado, se mete num ônibus cheio só pelo prazer de dar um passeio, sabendo, de antemão, que o cavalheirismo anda tão escasso...

KITTY

Para as festas, "reveillons" e para as ceias elegantes que se aproximam, os mais notáveis figurinistas têm lançado lindas criações para maior realce da elegância feminina, aqui temos, por exemplo, Virginia Field, da Paramount, ostentando um deslumbrante modelo em seda preta com franjas, caíndo do decote, e terminando mais ou menos na altura da barra da saia. Pendendo dos ombros as franjas formam longas "echarpes".



A PERSONALIDADE da Semana

CONCEIÇÃO SANTA MARIA



— Não sou propriamente uma deputada feminista. Sou simplesmente uma deputada feminina. — declarou-me de início Conceição Santa Maria, ao sentar-se numa das mesas da sala de café da Câmara Estadual de São Paulo.

— Não é necessário que a mulher tome o lugar do homem, continuou. Homens e mulheres devem trabalhar paralelamente. É a mulher que é a grande

culpada pelo lamentável estado de coisas atual no mundo, as guerras e tudo o resto.

Perguntel-lhe como achava que seria possível demonstrar à mulher quão grandes são as suas responsabilidades.

— Elevando o nível da mulher para que produza homens melhores! Disse estas mesmas palavras na mensagem que mandei ao Congresso Pro-Paz, reunido em Paris, acrescentando que, infelizmente, a mulher não sabe ainda a força que tem.

Perguntel à única deputada do Brasil se sempre se interessou pela política.

— Absolutamente não. Há muito tempo que me preocupo com o trabalho social. Durante a guerra, dirigi a Cruz Vermelha. Fui obrigada pelas circunstâncias a fazer política. Vi que somente assim conseguiria ajudar efetivamente os leprosos a conseguirem o lugar que merecem. Acredito que em três anos poderei fazê-lo.

Explicou-me a que ponto tudo mudou desde que existe, para os leprosos uma esperança de cura.

— O Promin tem feito milagres. Está sendo experimentado nos Estados Unidos há cinco anos. Acredito que conseguiremos curar 80% dos casos. Graças ao Promin, os doentes não entram mais no leprosário como num campo de concentração no qual cumprirão uma pena perpétua, mas como num sanatório. Agora só queremos recolher os doentes realmente contaminantes. Mas é preciso que todos se apresentem desde o início da doença, para que possamos curá-los, sem interná-los. Evidentemente, há mais probabilidades de êxito quando a doença não está ainda muito adiantada, sem falar na economia de Promin, pois precisamos de quantias enormes do remédio milagroso. Recebi 15 milhões de cruzeiros para a compra de Promin. Também consegui 6 milhões para a construção do leprosário, 300.000 cruzeiros para um grupo escolar (Temos perto de 300 crianças). Estamos ainda tomando diversas outras providências, entre outras, a compra de jeeps para os médicos que percorrem a zona rural para recolher os doentes.

— Não é uma tarefa muito árdua? Tenho a impressão de que os doentes não se apresentam espontaneamente como o fariam pessoas atingidas de outra moléstia, pois o velho preconceito contra a lepra, considerada como um castigo de Deus, ainda existe, quando na realidade, — a lepra é menos contagiosa que a maioria das outras doenças.

— Com efeito, muito menos que a tuberculose, por exemplo. Mas o preconceito já não está mais tão enraizado. Quero pedir o auxílio do Executivo para a difusão de uma campanha educacional do povo e dos próprios doentes, que considero da maior importância.

— E as famílias dos leprosos? Ainda se cogita de reuni-las para ajudá-las?

— Isto foi necessário outrora. Não o é mais hoje porque nossa única preocupação é curar o leproso. Não há mais segregação, a não ser nos casos muito adiantados. Eis a grande transformação. Por isso, o sanatório deve ser atraente: o doente virá espontaneamente desde que não é para ficar nele.

Conceição Santa Maria contou-me diversos casos, entre outros o de uma velha que perdera as duas mãos e inventara um amarelo de couro que adaptava aos braços e lhe permitia cuidar da sua casa, que era limpiíssima.

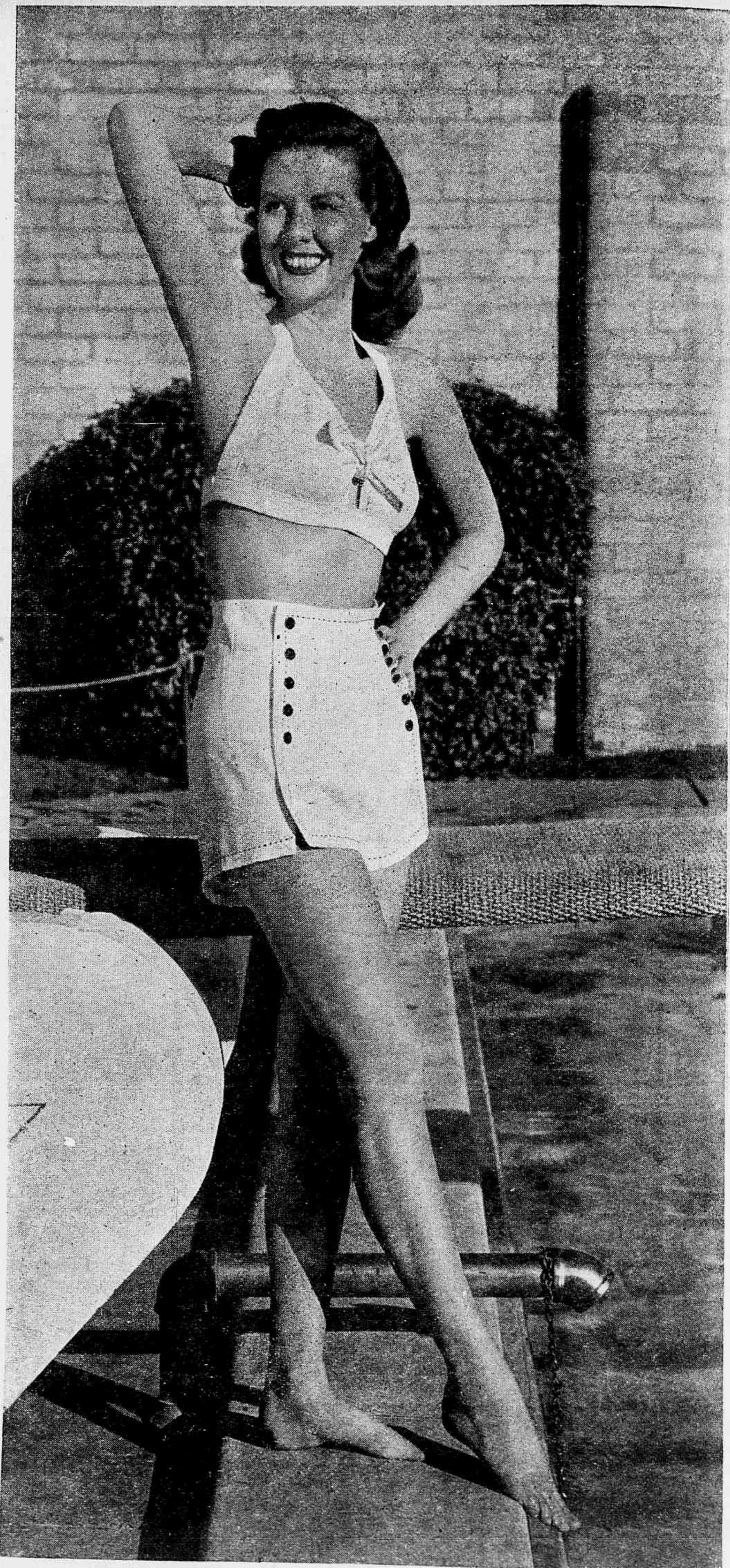
— Não é piedade que tenho para eles. É admiração. Uma grande admiração.

— A solução do problema da lepra é sua preocupação principal?

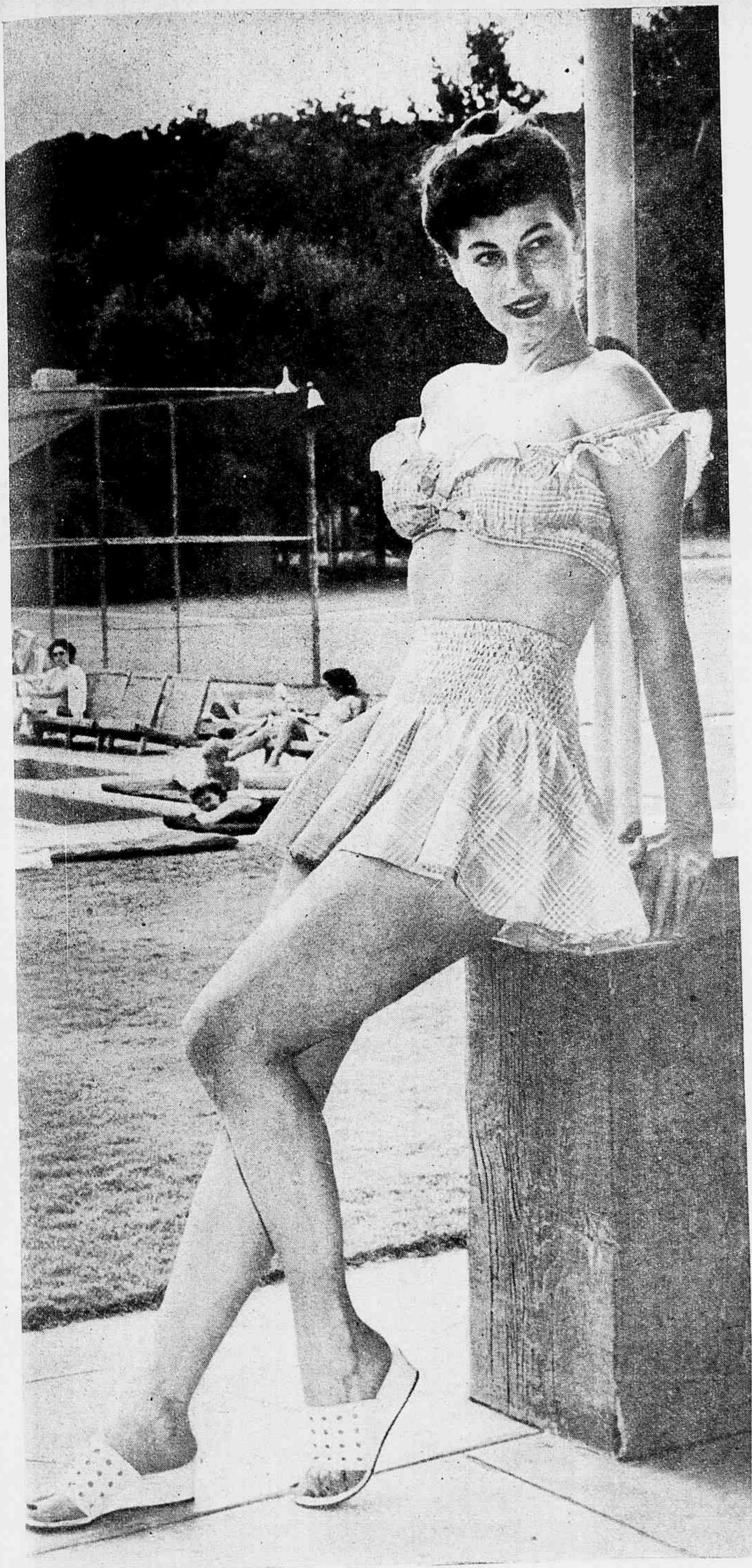
— Esta campanha foi iniciada por uma mulher. Deve ser continuada, e talvez resolvida por uma mulher. Alice Tibiriçá organizou a campanha da lepra há mais de vinte anos e encontrou muita oposição, como também eu encontrei. É natural, primeiro porque sempre há pessoas que enriquecem à custa dos infelizes e defendem seus lucros pessoais!

Um contínuo veio chamar a deputada para a contagem de votos. Segui com o olhar a elegante silhueta que ia sumindo. Nosso breve encontro bastou para me comprovar que esta lutadora sabe o que quer e, por isso, conseguirá levar a bom fim a obra iniciada por Alice Tibiriçá.

YVONNE JEAN



MODELOS ESPORTIVOS



Dois lindos trajes esportivos para você usar nas suas férias no campo, ou nas suas estações de água, são aqui exibidos, por duas encantadoras figuras de Hollywood. O primeiro em fustão branco, simples porém bem original, é exibido por Janis Paige, da Warner. O segundo executado em tecido lavável, quadriculado verde e branco, é um modelo mais complicado porém interessante também, exibe-o Ava Gardner, da MGM.

O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

O PRAZER DE CANTAR

Caterina Gabrielli foi uma das maiores cantoras do século dezoito. Além de belíssima, sua voz possuía tamanho encanto que toda a Europa pagava a peso de ouro suas audições. Catarina, a Grande, chamou-a certa vez para exibir-se na Rússia. O preço exigido pela Catarina artista era astronômico e a Catarina imperatriz não se conformou.

— Essa quantia é o ordenado de um marechal de campo!

— Então mande o marechal de campo cantar, — retrucou impassível a artista.

Tanto fazia dinheiro como o gastava. Certa ocasião sua irmã chamou-lhe a atenção para seus gastos desmedidos.

— Que importa! — exclamou a Gabrielli, tranquila. — Ganho isso sem esforço algum!

★

BARGANHA

Diante de Helvetius, que, quando jovem, era belíssimo, a famosa atriz francesa do século XVIII, madame de Gaussin, recebia uma proposta que não se pode chamar propriamente de galante de uma ilustre figura do mundo financeiro, tão firme nos seus propósitos quanto direto e claro em suas expressões:

— Madame, — dizia ele, — acaso lhe agradaria receber um presente de seiscentos luizes em troca de alguma complacência para comigo?

— Senhor, — respondeu a atriz, indicando Helvetius, a certa distância, — eu lhe daria seiscentos luizes para obter eu mesma sua complacência... se amanhã pela manhã me aparecesse com aquela cara!

★

A DIFERENÇA

Júlia, filha do imperador Augusto, mulher de Agrippa, e, depois, de Tibério, um dia entrou nos aposentos de seu pai com um vestido que ele considerou escandaloso. E, por isso, recebeu-a friamente. No dia seguinte, ela se apresentou ao pai com um vestido severo e sem concessões, simples e discreto.

— Ah, se soubesses como esse vestido simples é bem mais digno da filha de Augusto! — exclamou o imperador.

— Mas ontem, — respondeu a filha, — eu me havia vestido para meu marido, ao passo que hoje me vesti para meu pai...

O próprio Augusto devia, mais tarde, castigar-lhe a conduta leviana, desterrando-a numa ilha, proibindo-lhe o uso do vinho e tornando-lhe inacessíveis todos os prazeres da vida. Mas isso é já outra história.

★

AS VELAS

A famosa ballarina francesa Marie Guimard, que deslumbrou Paris com suas danças na segunda metade do século XVIII, vivia num luxo espetacular, embora sua pensão na Ópera fosse apenas de 600 luizes por ano. Quando Luís XV chamou-a para dançar para Mme. Du Barry, acreditou recompensá-la magnificamente, elevando essa pensão para 1.500 luizes. A Guimard respondeu, então, arrogantemente:

— Mas, Sire, essa quantia não daria senão para pagar anualmente aos criados que acendem as velas na minha casa...

★

A INTERMEDIARIA

Madame de Chalais, dama francesa que viveu na segunda metade do século XVII, descobriu um meio de viver à larga, sem maiores preocupações. Procurava cada uma de suas amigas e lhe pedia que contribuísse com algum dinheiro para socorrer uma dama necessitada, que procurava esconder sua pobreza. Era ela a intermediária da pobre envergonhada. Assim, arrecadava belas somas, com as quais atendia fartamente às despesas de sua própria casa...

★

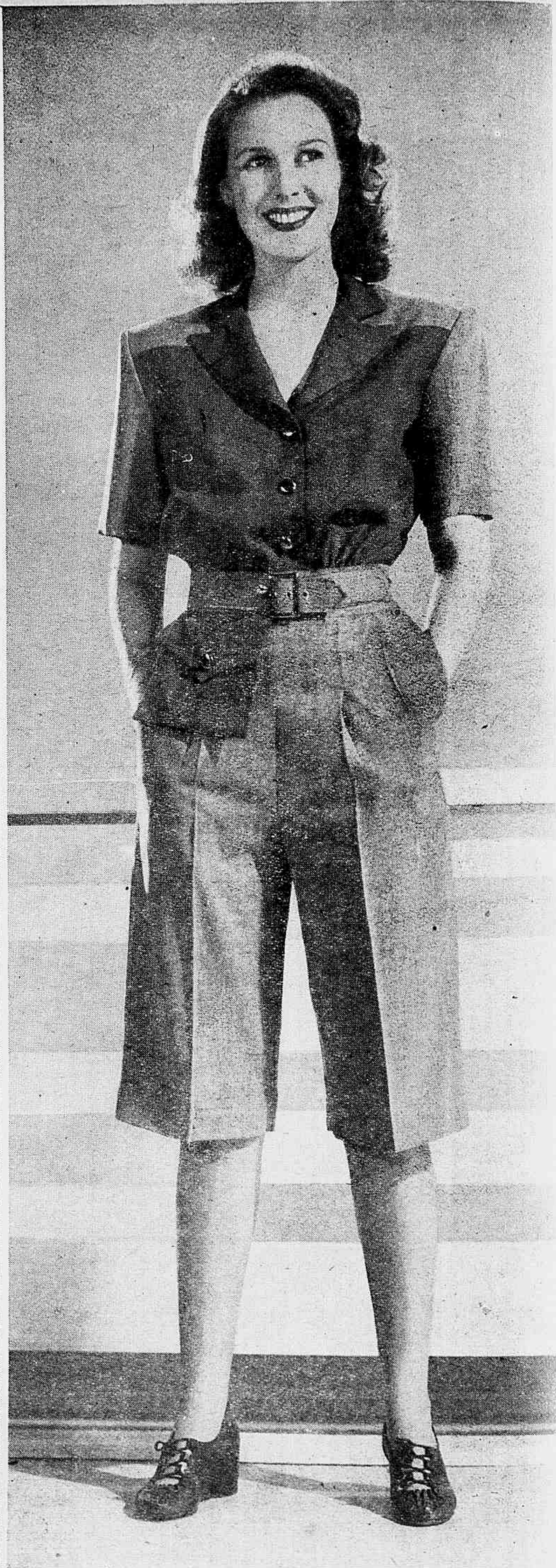
NOBREZA DE CARACTER

Madame de Chatelet, escritora francesa do século XVIII, amiga de Voltaire e mulher de grande inteligência, tinha uma grande nobreza de caráter. Uma vez, mostraram-lhe um opúsculo no qual se falava mal a seu respeito.

— Se o autor perdeu o seu tempo em escrever essas tolices, não quero perder o meu em lê-las, — replicou.

Mais tarde, porém, o autor do opúsculo foi preso e a marquesa de Chatelet fez o possível para que esse colega de letras fosse posto em liberdade. E, finalmente, conseguiu a soltura dele, mas exigindo que não lhe dissessem que fora ela quem intercedera em seu favor. Não queria constrangê-lo...

(Seleção de L. B., especialmente para "REVISTA DA SEMANA").



PARA O CAMPO

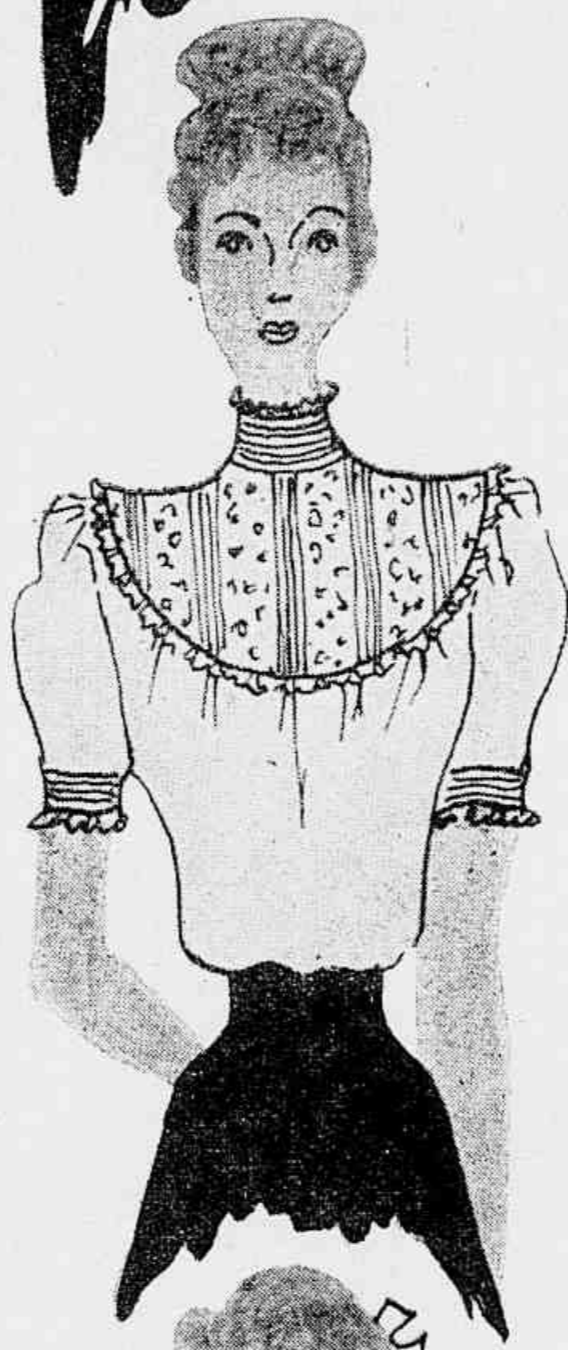
VOCÊ naturalmente espera somente que passem os dias de festas para embarcar para uma fazenda afim de recuperar as forças dispendidas com os estudos, trabalhos ou atividades sociais. O seu guarda-roupa deverá ser adequado e farto e para isso contribuímos com a nossa sugestão. Ao alto à esquerda: Com uma saia preta branca, com decote redondo, babado "godet" ao redor do mesmo, terminando com bordado inglês. A direita: Para os bordados na blusa. Na página ao lado: Novamente Lynn Roberts, com um interessante traje em dois tons. Visto: E' prático e muito elegante.



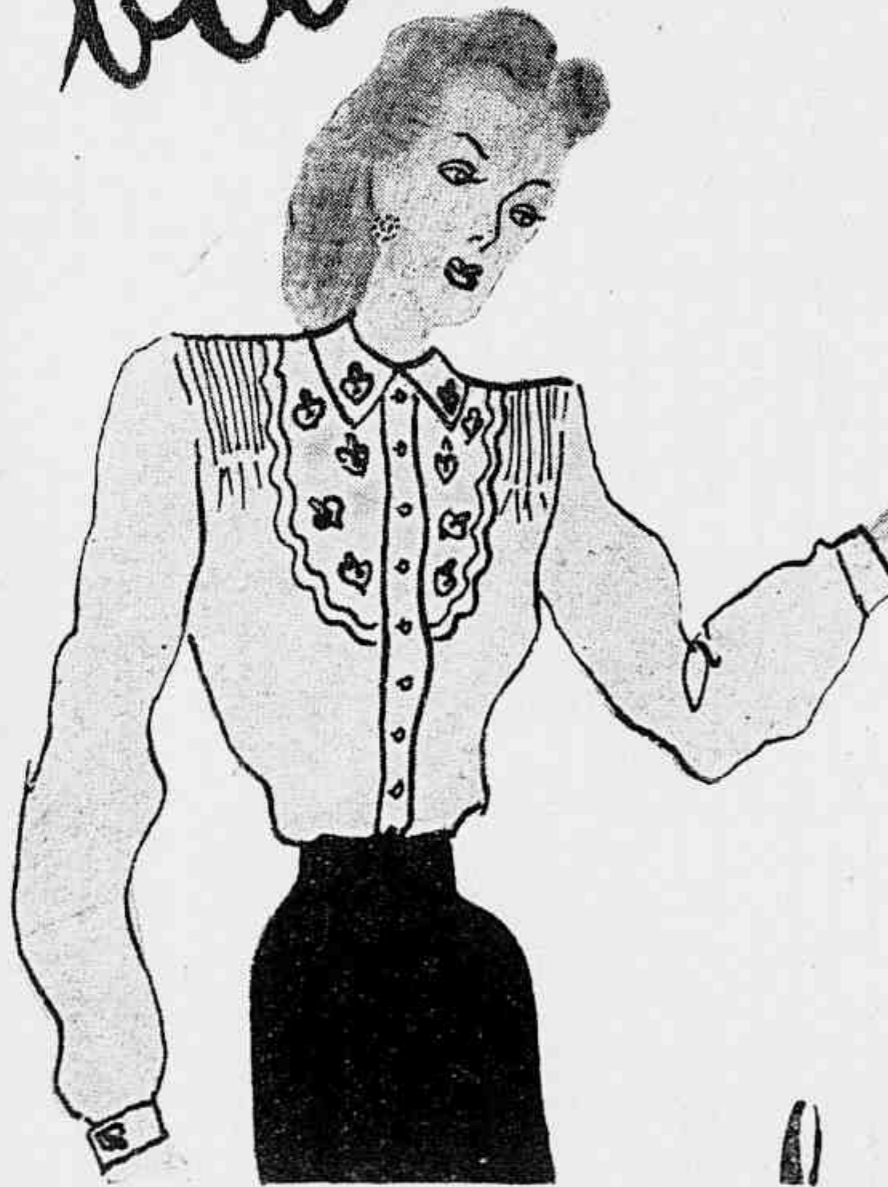
blusas



blusas



blusas



NÃO ROUBAR

A noção rígida de propriedade alheia não se estabelece prontamente na criança; mas quando ela se apodera de um objeto, veremos que ela tem mais a intenção de usá-lo que de retê-lo definitivamente; por isso, toda a manifestação de roubo até a idade pré-pubertária deve ser encarada com bastante cautela. Nada de dramatizações imprudentes como: "Meu filho é um ladrão! Prefiro vê-lo morto! Que desgraça!" e outras que tais.

No adolescente, quando os juízos éticos já têm uma forma mais definida, o roubo deve ser examinado sob um aspecto mais grave. Em cada caso, cumpre, no entanto, averiguar a motivação do ato, como e do que se apropriou a criança ou o adolescente; porque, assim como há várias formas de furto, desde o simples bater de carteira até a granfina apropriação indébita, há também uma multiplicidade significativa de causas e explicações desta transgressão.

★

Entre os objetos mais cobiçados figura, por exemplo, o material escolar; o estudante desprovido de recursos sente por ele a mesma urgente necessidade que o faminto pelo pão que lhe matará a fome; não é demais insistirmos neste assunto, porque a sua alta frequência nos educandários revela que o fato precisa de exame. Lapis, livros e cadernos são o instrumental do estudante e a sua utilização é que capacita o aluno a um bom rendimento nos estudos; poderemos imaginar qual seja a angústia da criança, que não dispõe de dinheiro para adquiri-los e enfrenta diariamente colegas mais afortunados, que os possuem.

Quando retiramos o pecaminoso da questão para estudá-la melhor, é claro que não estamos autorizando o ato, mas procurando analisá-lo em suas origens e de acordo com o conjunto de circunstâncias que costumam envolvê-lo. A análise imparcial do assunto nos leva a considerar uma curiosa situação: a da retenção de um livro emprestado, que por ninguém (salvo nas bibliotecas públicas) é julgado como roubo; pode-se até dizer que haja uma cessão benevolente do proprietário em favor do amigo relapso, como se fôsse uma esmola do seu intelecto, caindo sobre a indigência alheia. Leva-se sempre o caso com humorismo, e nunca a gravidade da falha vai além de comentários irônicos.

Trata-se, portanto, não de perdoar ou transigir, (quando cometido por crianças), mas de compreender as várias modalidades do fato.

São muito variadas as causas que motivam esta perturbação de carácter e, entre elas conta-se uma espécie de compensação por uma outra tendência oculta e frustrada.

★

É claro que a análise destes casos só poderá ser feita por uma pessoa capacitada para tal, como psicólogos, por exemplo. É de bom conselho, portanto, que pais e mestres, diante de fatos semelhantes, renunciem às violentas reações da rotina e entreguem o caso a psicoterapeutas, da mesma forma porque entregam o indivíduo ao médico, quando se trata de uma perturbação fisiológica.

Julgamentos apressados poderão acarretar, como já tem concorrido, perversões irremediáveis no futuro, enquanto que orientações adequadas ao momento transformarão o crime num pequeno deslize venial.

Um psicoterapeuta não focalizará apenas o crime, mas o transgressor; estudará reações e possibilidades, permitindo que o indivíduo se reerga da falta e construa a sua vida futura em bases mais sólidas.

A tolerância aconselhada no caso é uma advertência aos educadores, para que se recordem de que, quando um indivíduo erra, nunca erra sozinho, porque o meio em que vive é de alguma forma responsável pela falha; assim como as vitórias de um homem célebre não lhe pertencem exclusivamente, mas à família e ao povo com os quais ele conviveu.

ZOIA DE LAET

Nervuras, rendas e bordados tornam estas blusas verdadeiros encantos. Qualquer uma se presta tanto para o "tailleur" como para ser usada só com sáia. Estas outras, mais "habillée", podem ser usadas com sáia comprida, fazendo traje de noite. Foram inspiradas, como se pode ver nos pequenos desenhos, nas "toilettes" das elegantes de séculos passados.

Muro das LAMENTAÇÕES

MEDO DA SOLIDÃO

ESTAMOS sós. Nasce-mos sós, e no entanto, ainda não nos conformamos com a idéia da nossa solidão! Passamos a vida num esforço inútil para nos reunirmos, nos integrarmos, nos confundirmos com os outros. A amizade e o amor não passam de desejo de compreensão; queremos ser queridos, queremos que os outros, que alguém, ao menos, possa entrar em nosso coração para ver as maravilhas que lá guardamos escondidas. Fazemos desesperados esforços para que esse alguém termine tão identificado a nós mesmos que possamos matar para sempre o pavor à solidão que nasceu conosco no berço.

Por que esse medo à solidão, que arrasta o homem cada vez mais para a aglomeração das grandes cidades, dos ruidosos divertimentos, de todos os processos de atordoamento que nos impecam de nos sentirmos a sós conosco mesmos? A resposta é fácil. Temos medo à solidão porque temos uma noção errada de nossas forças, em primeiro lugar, e em segundo lugar porque colocamos errado o problema da comunicação entre os homens.

Quanto às nossas forças, temos o deplorável costume de subestimá-las. Intimamente nos consideramos fracos, desprotegidos, abandonados, e para nos sentirmos falsos fortes procuramos inconscientemente a companhia de outros. Esses outros, pensamos nós, são igualmente fracos, "mas todos juntos estaremos em maior número e, pela quantidade, ficaremos mais fortes".

És um grande erro, porque ninguém fica mais forte por estar junto a outras criaturas igualmente fracas. Nesse terreno, a força não é bem uma questão de quantidade e sim de qualidade. Há criaturas menos ou mais fortes, de acordo com o seu modo de pensar. É essa qualidade de força no pensamento que distingue os homens destinados ao comando em todos os campos da vida. Mas o que faz a força mental desses homens? — Simplesmente a consciência de sua individualidade solitária, a certeza de que só podem contar consigo mesmo, a convicção de que são independentes e de que nessa independência podem perfeitamente viver.

Esse homem, digamos "independente", é aquele que teve a inteligência de voltar-se para si mesmo ao querer resolver os seus problemas, e que assim verificou o quanto de força latente trazia dentro de si. Aprendeu que ao se sentir mais forte ia perdendo paulatinamente o medo, e ao perder o medo não se sentia mais só. Descobriu, alegremente, que o sentimento de solidão existe apenas através do nosso medo de permanecermos sôzinhos em nossa imaginária fraqueza.

Nesse momento, descobre também que havia colocado errado o problema de sua comunicação com os outros homens. Já não se sente insulado, perdido numa região ignota que nenhum outro ser humano pode alcançar. Já não está mais numa ilha deserta, rodeado de trevas, tentando enviar mensagens de um farol cuja luz é uma velinha de sebo. Não, a força do seu pensamento, a certeza de sua personalidade fazem-no sentir-se como uma lâmpada potente, à luz da qual enxerga a proximidade dos outros rostos. Por meio dessa luz se comunica com eles, tem a segurança de que os vê e de que está por eles sendo visto. Não está mais só.

Ninguém está só, aliás. Essa luz que clareia a nossa personalidade é a mesma para mim, para você, para todos. Através dela nos enxergamos uns aos outros, quebrando as trevas que pareciam nos cercar, e identificamos em todos uma origem comum. Não estamos sós, não podemos estar sós apenas porque corpos diferentes descrevem pelo mundo trajetórias aparentemente separadas: em cada homem está um pouco de nós mesmos, e nós estamos presentes em cada ser humano. Por isso, todos os crimes cometidos pela humanidade são também de nossa responsabilidade. Por isso, todo o bem que pudermos fazer contribui para o progresso da humanidade inteira. Ninguém está só. Deus é a soma de nós todos. Todos nós somos uma parte de Deus. Nele estamos reunidos para todo o sempre. Ninguém está só.

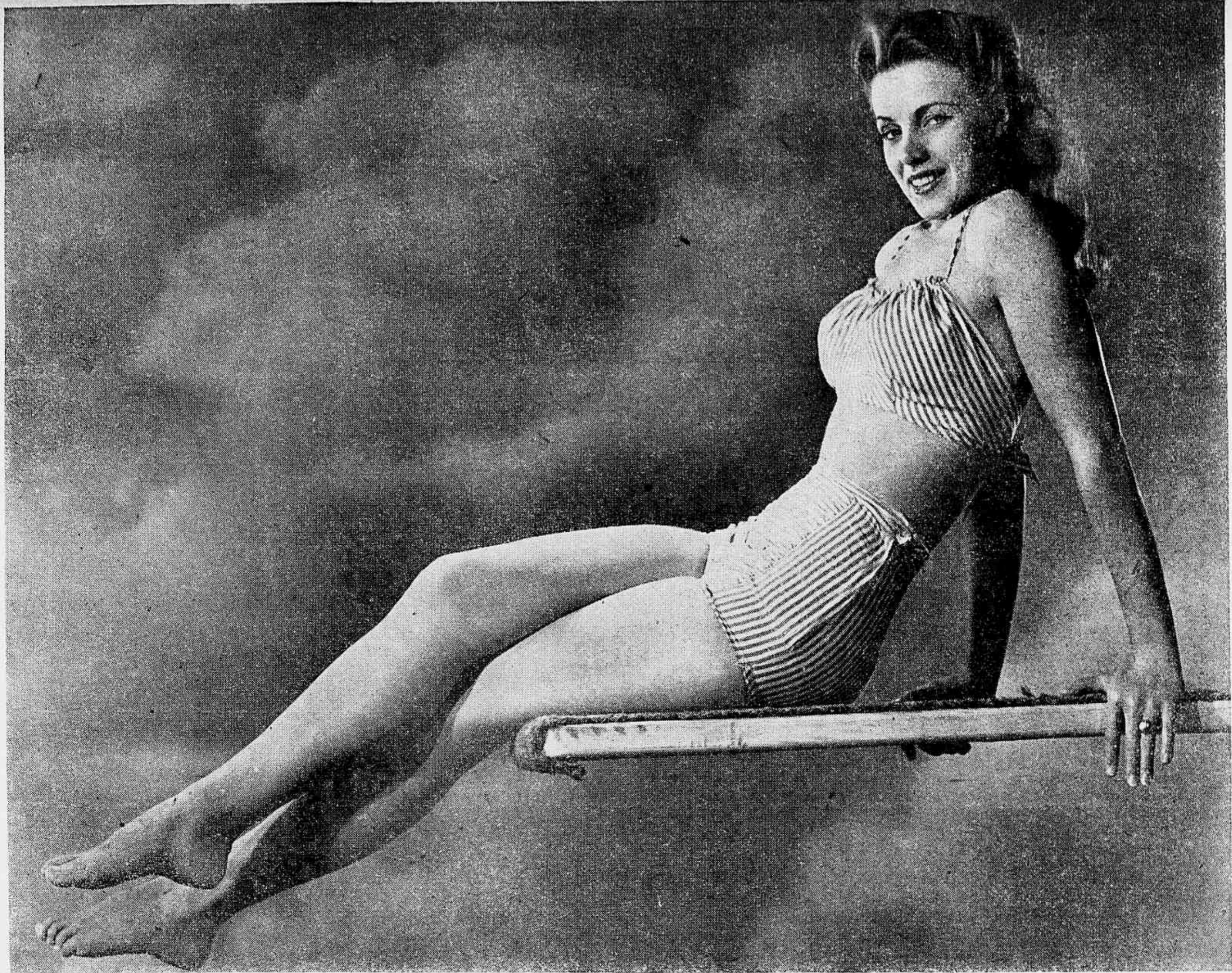
CONFIDENTE

CORRESPONDENCIA

Estamos às ordens dos leitores que desejem nosso auxílio para a solução de algum problema. Escreva-nos para "Muro das Lamentações", aos cuidados da "REVISTA DA SEMANA", rua Visconde Maranguape, 15, Rio, contando-nos o seu caso.



Os modelos aqui apresentados são todos muito originais, dos mais variados estilos, poderão ser executados em cambray, "tulle", organdi e "voile". Há aqui modelos leves, próprios para passeio, como também modelos mais sólidos e elegantes para serem usados à noite.



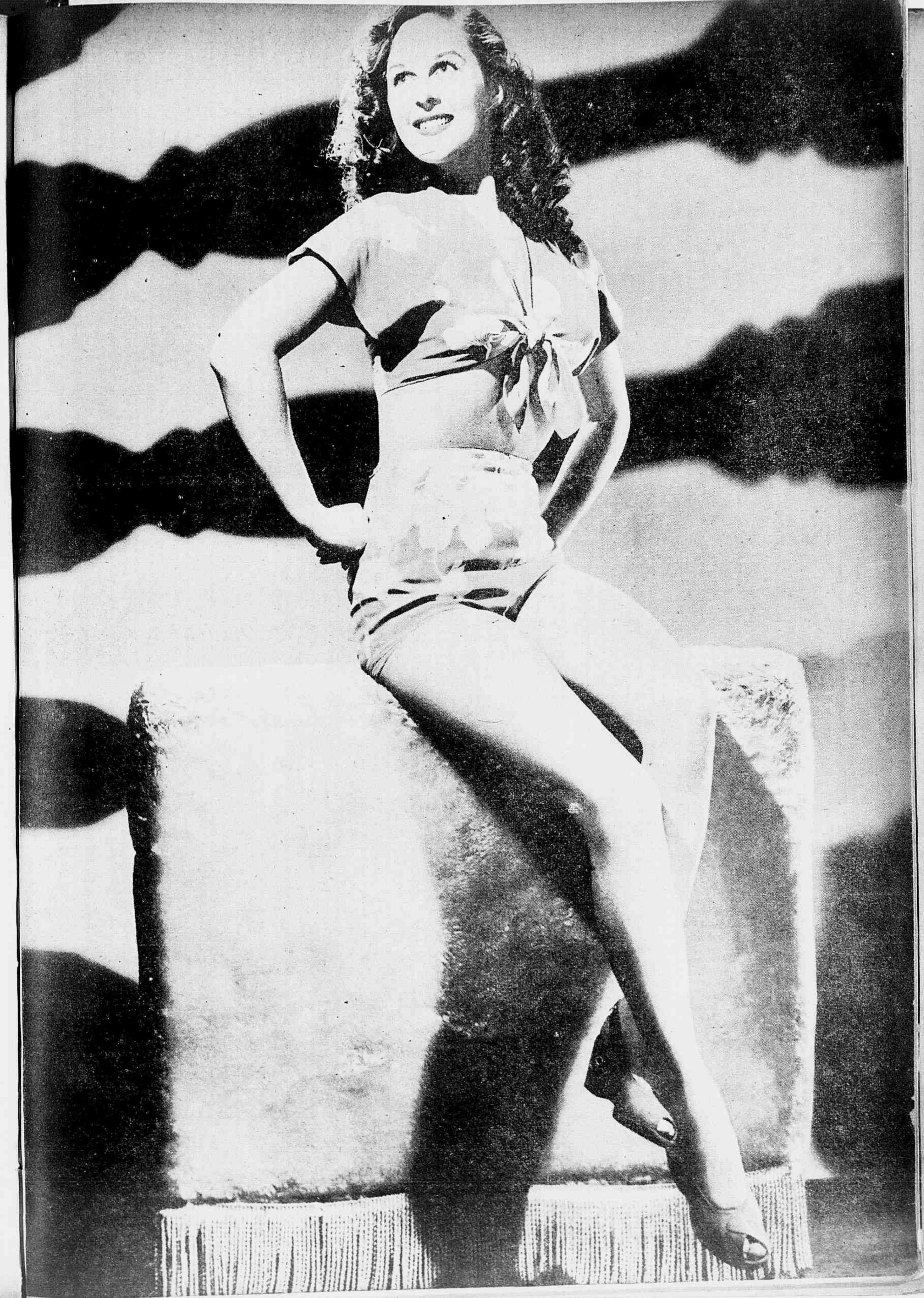
NA praia ou em qualquer outra parte, a obrigação da mulher é estar sempre atraente. E' isto exatamente o que pensam estas garotas bonitas. Ao alto: Impecável! O "maillot"? Não, a garota! Ela é Madge Meredith, da RKO. As listrinhas são verdes e brancas. Em baixo, da esquerda para a direita: Vejam Myrna

SOL E MAR

Dell. O seu "maillot" causou sensação em Santa Monica. Ela não descuida um só instante da sua beleza. Adele

Mara encontrou um estampado bem tropical para o seu conjunto de praia. Para que tanto trabalho, Miss Mara? Não há mais nada a acrescentar sobre Susan Hayward. O que aí está já diz bastante... Na página ao lado: Eis novamente Susan Hayward, da RKO. Sorri como um anjo, mas está se especializando em papéis de mulher fatal...





Caixa de ASSONÂNDA

PROCÓPIO FERREIRA E O TEATRO NACIONAL



SRAVEMENTE enfermo, Procópio Ferreira viu-se forçado a deixar seu posto, no Serrador, em pleno sucesso de "Divórcio", a vigorosa peça dramática da autora inglesa Clemence Dane, que viveu ao lado de Bibi Ferreira, Alma Flora e Belmira de Almeida em uma das noites memoráveis do nosso teatro. Enquanto ia visitá-lo, um destes dias,

em sua residência temporária, em Ipanema, recordei-me da época em que, pela primeira vez, vi Procópio representar, no antigo Trianon, — na fase das farças alemãs, que Mateus da Fontoura e Osvaldo de Abreu Filho traduziam. Foi em "A sapequinha" (Das extemporalle), que o vi representar pela primeira vez, há precisamente vinte anos, com sua companhia, de que Hortensia Santos e Restier Junior, eram, então, dois estelões. Desde então, tenho acompanhado com interesse a carreira de Procópio. De espectador, tive-o como intérprete de minhas comédias, quando me deu a comichão da literatura teatral, comichão crônica, de que ninguém consegue se curar, uma vez contagiado. E admirei-o, não só pelo seu talento natural de ator, como, principalmente, pela sua constância ao trabalho. Procópio — que por vezes tem errado, como tantos outros, mas que tem sempre em mira o desejo de satisfazer aos pendores do público, mesmo quando se equivoca em relação a esses pendores — é um autêntico combatente de primeira linha do teatro nacional. Ainda um desses dias, no seu camarim, enquanto dava risos de baton no rosto, ele me dizia:

— Sabe de uma coisa? Tenho trinta anos desta vida! E' uma existência, não acha?

— Sim. E' uma existência — é uma existência por vezes heróica, num país como o nosso, onde não se dá apreço à cultura, onde quase não existem teatros, onde as companhias estão permanentemente ameaçadas de dissolução, por não saber ao certo para onde irão, ao terminar seus compromissos aqui ou em São Paulo. Esfolados pelos empresários desse vasto Brasil, que muitas vezes preferem dar às populações filmes medíocres, em vez de espetáculos teatrais bons ou razoáveis os que mantêm companhias, com carácter permanente, como Procópio e Luis Iglesias, por exemplo, sabem das lutas que têm de enfrentar para manter-se íntegras e em atividade constante. Alguns, têm o processo, mais cômodo, de organizar elencos que, ao fim de algum tempo, são dissolvidos para ser mais tarde reorganizados, segundo as conveniências do negócio, os teatros que forem obtidos, etc. Mas Procópio mantém uma companhia que representa ano após ano — trinta e sessenta e cinco dias quase a fio, excluído apenas o período carnavalesco. E' um esforço ingente, para servir ao público. Esse esforço é muito bem compensado quando há um êxito como "Divórcio", cujo movimento de bilheteria tem sido verdadeiramente miraculoso, ou quando há êxitos como os de "Deus lhe pague", "Maria Cachucha", "O vendedor de ilusões", "O rei do petróleo", "Um beijo na face", "A Locandiera", "O avarento", "O canário", etc. Mas é triste, por exemplo, ir à cena uma deliciosa comédia, como "Quick", de Felix Gandera — e o público dela não tomar conhecimento. Vivendo após os mais variados, interpretando os nossos melhores autores, de Joraci Camargo e Armando Gonzaga, de Oduvaldo Vianna a Henrique Pongetti, de Paulo Gonçalves a Viriato Correia, de César Leitão a José Wanderley, de Eurico Silva a Amaral Gurgel, de Ferreira Rodrigues a Dias Gomes, Procópio Ferreira tem suscitado, ao longo desses trinta anos, o aparecimento de uma verdadeira legião de atores, de atrizes, de autores e de cenógrafos. Agora mesmo está ele sendo substituído, em "Divórcio", por um ator da mais alta envergadura, Rodolfo Mayer, que ao seu lado, recebeu, de Cristiano de Souza, os primeiros ensinamentos e, ao seu lado brilhou em muitas peças. Num momento em que a saúde lhe faltou, em que a companhia poderia paralisar sua atividade, se não encontrasse um ator com essas duplas qualidades — a de coragem e a do merecimento — capaz de substituí-lo, Procópio é recompensado pelo esforço dos seus trinta anos de teatro, encontrando um antigo discípulo que tomou provisoriamente o seu posto, sem deslustrar o espetáculo.

R. MAGALHÃES JUNIOR



CHAPÉUS FRANCESES PARA O VERÃO





Acima, à esquerda: Em palha branca com véo preto pontilhado, passando sobre o rosto. Aba interessantíssima. A direita: Modelo de Le Monnier em palha preta com crina ao redor. Uma rosa pilida é aplicada sob a aba. Em baixo, à esquerda: E' de Rose Valois este modelo de seda estampada. A aba é larga, e um grande laço do mesmo tecido é aplicado sob a mesma. A direita: "Turbant" em tecido Estrado, criação de Rose Valois.



WEEK-END na Cozinha

É sempre bom preparar para o sábado e o domingo alguma coisa especial como bolos, doces, biscoitos, etc., porque pode você receber visitas imprevistas e naturalmente será desagradável não ter nada para lhes oferecer. Por outro que você queira depois se desculpar, parecerá sempre que não houve, da sua parte, a necessária consideração. Assim, estando preparada, as visitas levarão sempre uma ótima impressão de você e, mesmo que sejam pessoas das quais você não goste, a sua obrigação é recebê-las bem. Tendo prontos bolos, biscoitos ou doces, bastará que a ocasião em que as visitas chegarem você prepare um chá ou um refrigerante, tudo dependendo da temperatura, ou então poderá adquirir refrigerantes já prontos se não quiser ter mais esse trabalho.

E se as visitas não aparecerem com certeza os seus saberão apreciar os seus doces.

BOLO OURO

Batem-se 8 gemas com 250 grs. de açúcar, e depois juntam-se-lhes 135 grs. de manteiga e 100 grs. de passas. Continua-se a bater e em seguida acrescentam-se as claras batidas em neve e por último 125 grs. de farinha de arroz. Mistura-se tudo muito bem, põe-se numa fôrma untada com manteiga e assa-se em forno regularmente quente.

PUDIM DE COCO

Põe-se 1 quilo de açúcar numa caçarola, junta-se-lhe um pouco de água e leva-se ao fogo para fazer calda em ponto de fio. Em seguida retira-se, deixa esfriar e acrescentam-se 10 ovos batidos, 1 coco ralado, 10 colheres das de sopa de melão ralado, 3 colheres das de sopa de farinha de trigo e 1 colher das de sopa de manteiga derretida. Mistura-se tudo muito bem e põe-se em fôrma untada com manteiga, cozinhando-se em forno regularmente quente.

QUINDINS

Põe-se numa vasilha 500 grs. de açúcar, juntado em seguida 12 gemas, 1 coco ralado e 50 grs. de manteiga. Mistura-se tudo muito bem, despeja-se em forminhas, untadas com manteiga e assam-se em forno regularmente quente.

AMANTEIGADOS

Batem-se bem 150 grs. de açúcar em seguida juntam-se-lhes 3 gemas e continua-se a bater. Adicionam-se então, pouco a pouco, 330 grs. de farinha de trigo peneirada com 1 colher das de chá de fermento Royal e mistura-se tudo até ficar bem ligado. Fazem-se com as mãos pequenas bolas que se passam depois nas claras sem bater e em 150 grs. de amêndoas anteriormente peladas e socadas. Põem-se em tabuleiros untados com manteiga e assam-se em forno quente.

MÚSICA

MÚSICA VIVA E MÚSICA MORTA — UM CONVITE AO DEBATE — A CULTURA ARTÍSTICA E AS VERDADES DEFINITIVAS — NOVOS RUMOS DA TÉCNICA.

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

QUANDO a atividade de pesquisa e experimentação dos artistas vai cedendo, diante das fórmulas consagradas, as suas prerrogativas de criação da obra de arte, o sentido elevado das escolas artísticas se degrada até atingir o nível das "panelinhas" e das "igrejinhas". Formam-se as sociedades anônimas do menor esforço, governadas pela mãe preguiça, perfeitas organizações que visam assegurar os direitos dos que aspiram a dormir tranquilos, empoleirados na glória...

O ímpeto renovador do inconformismo choca-se contra a parede dos preconceitos. Os "homens consagrados", muito satisfeitos com a sua posição de sumos pontífices da Arte, repetem, entre bocejos, as suas preciosas regrinhas de retórica musical, tidas e havidas como a perfeição cristalizada...

Estes, porém, esqueceram que as "verdades definitivas", que estão pregando, outrora lutaram pelo progresso, impondo-se à revella da resistência organizada de outras "verdades definitivas" mais antigas...

Para que não se torne irrespirável o ambiente, torna-se, então, necessário o aparecimento de guerrilheiros da renovação que vão combatendo, com desassombro e idealismo, os falsos mestres, os mestres estereis. Não importa se, a luta, a reação salutar comporta um ou outro excesso. Este será corrigido, mais tarde, no trabalho demorado do aperfeiçoamento. O mais urgente é estabelecer o entrosamento das idéias, examinar, com o espírito crítico alerta, todas as teorias, sem temor, com a fecunda irreverência dos que põem em discussão os seus próprios fundamentos.

MÚSICA VIVA E MÚSICA MORTA...

Tenho acompanhado, desde a fundação de Música Viva, o progresso desse grupo, cuja função, no nosso meio musical, tem sido, principalmente de provocar esses debates, tão importantes para o desenvolvimento de nossa cultura artística. Não é necessário adotar, sem restrições, os princípios que orientam os componentes desse grupo, para poder-se verificar que, sejam quais forem os pontos de divergência ou coincidência, Música Viva nem por isso deixa de ser esse precioso órgão de divulgação de música contemporânea, laborioso trabalho de pesquisa e construção técnica e estética.

Adotando o nome de Música Viva — o que pressupõe a existência de uma Música Morta, ou, pelo menos, Morta Viva... — o grupo, certamente, desejou dar uma idéia dessa feição dinâmica que o caracteriza.

Aquí, mesmo, nesta seccção, registrei os primeiros passos da agremiação. Agora, ela já conta com um bom saldo de realizações. Empenhou-se em polémicas, algumas de grande vivacidade. Organizou concertos, trazendo à apreciação do público carioca parti-

turas de compositores contemporâneos. Promoveu cursos de apreciação musical, procurando introduzir os leigos nos mistérios do atonalismo.

De Música Viva surgiram, para obter vitórias em concursos internacionais, compositores como Guerra Peixe e Cláudio Santoro. Dêste, aliás, tivemos, recentemente, notícias. Acha-se ele em Paris e já conquistou um lugar no aprêço e na consideração daquele formidável centro de cultura musical, onde encontrou um ambiente favorável ao desenvolvimento de seu talento vigoroso e original.

INCOMPREENSÃO, IRONIA E TRISTEZA

E' preciso salientar, aliás, que Música Viva nem sempre tem sido bem compreendida. Não quero dizer, com isso, que esperava uma aceitação pronta e uma repercussão muito

grande dos esforços desse grupo. Porém, é triste que não se tenha medido o alcance da obra de divulgação musical realizada por ele.

Compatível com uma grande diversidade de tendências individuais, Música Viva tem trazido excelentes contribuições, contribuições importantes no sentido de resolver o problema máximo da música contemporânea, que é descobrir, na meada estética, o fio que, no emaranhado das escolas e sub-escolas, representa a direção, o sentido das novas aquisições da técnica musical, em seu desenvolvimento perpétuo.

Não creio que os componentes do grupo Música Viva se acreditem portadores da Sabedoria, da Onisciência. São, simplesmente, homens entregues à pesquisa que formulam hipóteses e teorias baseadas na experiência cotidiana do tratamento com o material plástico e variado da música.

Assim, a função de Música Viva, como seria a de qualquer outro grupo representando uma tendência divergente, é a de despertar, entre nós, o gosto por essas pesquisas, para construção, em bases firmes, de um lastro de cultura artística que nos habilitará a participar ativamente em pósto de vanguarda das elaborações mais usadas, das inovações mais audazes.

E' esse desejo de criar em torno de si um ambiente de debate é que devemos reconhecer em H. J. Kollreutter, culto, inteligente, homem de convicções firmes, incansável batalhador, cuja competência é indiscutível e cujas idéias — tanto para os que as adotam, como para os que as repelem — representam um convite ao debate e uma provocação à controvérsia, conduzidos ao plano elevado da especulação científica. Renato de Almeida, Andrade Muricy, musicólogos das orientações mais diversas têm aceite esse convite e o resultado da troca cortês de impressões e opiniões foi, como não poderia deixar de ser, sugestão para novas discussões, criando, assim, esse clima cultural de que estamos necessitando. Graças à Música Viva.



H. J. Kollreutter

Conversão de um Avaro

(Cont. do núm. ant.)

Gil Gomes saiu dali meia hora depois, num estado de agitação como nunca estivera em todos os longos dias de sua existência. Não foi logo para casa, era-lhe impossível dormir, e andar na rua sempre era economizar a vela. Andou cerca de duas horas, a ruminar umas idéias, a correr atrás de umas visões, a evaporar-se em fantasias de toda a espécie.

No dia seguinte, á hora do costume, estava na loja sem saber o que fazia. Custava-lhe a reconhecer os seus colchões. O dia, a agitação dos negócios, o almoço puseram alguma surdina ás vozes do coração. O importuno calou-se modestamente ou, antes, velhacamente, para criar mais forças. Era tarde. Rufina tinha cravado no peito do colchoeiro a seta da dominação.

Era preciso vê-la.

Mas como?

Gil Gomes pensou nos meios de satisfazer essa necessidade imperiosa. A figura esbelta, forte, rechonchuda da prima de José Borges parecia estar diante dele a dizer-lhe com os olhos: Vai ver-me! vai ter comigo! vai dizer-me o que sentes!

Por fortuna de Gil Gomes a viúva fazia anos dali a três semanas. Ele foi um dos convidados. Correu ao convite da dama de seus pensamentos. A vizinhança, que conhecia os hábitos tradicionalmente caseiros de Gil Gomes, entrou a comentar as suas saídas frequentes e a conjecturar mil cousas, com a fertilidade da gente curiosa e vadia. O facto, sobretudo, de o ver sair com uma sobrecasaca nova, por ocasião dos anos da viúva, pôs a rua em alvoroço. Uma sobrecasaca nova! era o fim do mundo. Que querem? A viúva valia a pena de um sacrifício por maior que ele fosse e aquele foi imenso. Três vezes recuou o colchoeiro estando á porta do alfaiate, mas três vezes insistiu. Ir-se-lhe embora, se fosse possível varrer-se-lhe da memória a figura da dama. Mas se ele a trazia presente! Se ela estava aí diante dele, a fitá-lo, a sorrir-lhe, a moer-lhe, a alma, a despedaçar-lhe o coração! Vejo a sobrecasaca: ele vestiu-a: achou-se elegante. Não chorou o dinheiro, porque só o dominava a idéia de ser contemplado pela viúva.

Esse novo encontro de Gil Gomes e Rufina foi a ocasião de se entenderem. Tantas atenções com ele! Tantos olhares para ela! Um e outro caminhavam rapidamente até esbarrarem no céu azul, como dois astros errantes e simpáticos. O colchoeiro estava prostrado. A viúva parecia vencida. José Borges favoreceu essa situação, descobrindo-a a ambos.

— Vocês estão meditando alguma coisa, disse ele, achando-os uma vez a olhar um para o outro.

— Nós? murmurou Rufina.

Este nós penetrou a alma do colchoeiro.

O colchoeiro fez duas ou três visitas á viúva, em ocasião que lá ia a família d'esta. Uma vez apresentou-se, sem que a família lá estivesse. Rufina mandou dizer que não estava em casa.

— Sériamente? perguntou ele á preta. Tua senhora não está em casa?

— Ela mandou dizer que não, senhor, acudiu a boçal escrava.

Gil Gomes quis insistir: mas podia ser inútil; saiu com a morte em si. Aquela esquivança era um agulhão, que ainda mais o irritou. A noite foi cruel. No dia seguinte apareceu-lhe José Borges.

— Pódes falar comigo em particular? disse este.

— Posso.

Foram para os fundos da loja. Sentaram-se em duas cadeiras de pau. José Borges tossiu, meditou um instante.

Custava-lhe ou parecia custar-lhe a entabular a conversa. Enfim, rompeu o silêncio:

— Tu foste hontem á casa de minha prima?

— Foi.

— Passaram-te que ela não estava em casa...

— Sim, a preta...

— A preta disse mais; deu a entender que minha prima estava, mas dera ordem de te dizer que não.

— Era falso?

— Era verdade.

— Mas então?...

— Eu te explico. Rufina sabe que tu gostas dela; tu deves saber que ela gosta de ti; todo o mundo sabe que vocês gostam um do outro. Ora, se lá fores quando nós estamos, bem...

Gil Gomes tinha-se levantado e dera quatro ou seis passos na salinha, sem ouvir o resto do discurso de José Borges, que teve em si o seu único auditério.

No fim de alguns minutos, o colchoeiro sentou-se outra vez e inquiriu o amigo:

Dizes então que eu gosto de tua prima?

— E' visível.

— E' que ela gosta de mim?

— Só um cego o não verá.

— Ela supõe isso?

— Vê e sente-o!

— Sente-o?

O colchoeiro esfregou as mãos.

— Gosta de mim? repetiu ele.

— E tu gostas dela.

— Sim, confesso que... Parece-te ridículo?

— Ridículo! Essa agora! Pois um homem como tu, dotado de verdadeiras e boas qualidades, ha de parecer ridículo por gostar de uma senhora como Rufina?...

— Sim, creio que não.

— De nenhum modo. O que te digo é que toda a circunspeção é pouca, até o dia do casamento.

Ouvindo esta palavra, Gil Gomes sentiu um calafrio e perdeu momentaneamente todas as forças. A idéia talvez lhe passasse alguma vez pelo espírito, mas vaga e obscura, sem se fixar nem clarear. José Borges proferia a palavra em toda a sua realidade. O colchoeiro não pôde resistir ao abalo. E' vivia em uma agitação que o punha fora da realidade e sem efeitos. A palavra formal, na boca de um parente, quando já ninguém ignorava a natureza de seus sentimentos, era um golpe quase inesperado e de efeito certo.

José Borges fingiu não reparar na impressão do amigo, e continuou a falar do casamento, como de uma coisa indeclinável. Teceu os maiores elogios á viúva, á sua beleza aos seus pretendentes, ás suas virtudes. A maior destas era a economia; pelo menos, foi o que ele mais louvou. Quanto aos pretendentes eram muitos, mas ultimamente estavam reduzidos a cinco ou seis. Um deles era desbarbador. No fim de uma hora, José Borges saiu.

A situação do colchoeiro complicava-se; sem o pensar achava-se ás portas de um casamento, isto é, de uma grande despesa que viria abalar o edifício laborioso de suas economias.

Passou-se uma semana depois daquelle diálogo, e a situação de Gil Gomes não melhorou nada. Pelo contrário, agravou-se. No fim desse tempo, tornou a ver a viúva. Nunca lhe parecia mais bela. Trazia um vestido simples, nenhum ornato, salvo uma flor ao seio, que ela em ocasião oportuna tirou e ofereceu ao colchoeiro. A paixão de Gil Gomes foi-se convertendo numa embriaguez; ele já não podia viver sem ela. Era preciso vê-la, e quando a via, tinha ansia de lhe cair aos pés. Rufina suspirava, falava; quebrava os olhos, trazia arrastado o pobre Gil Gomes.

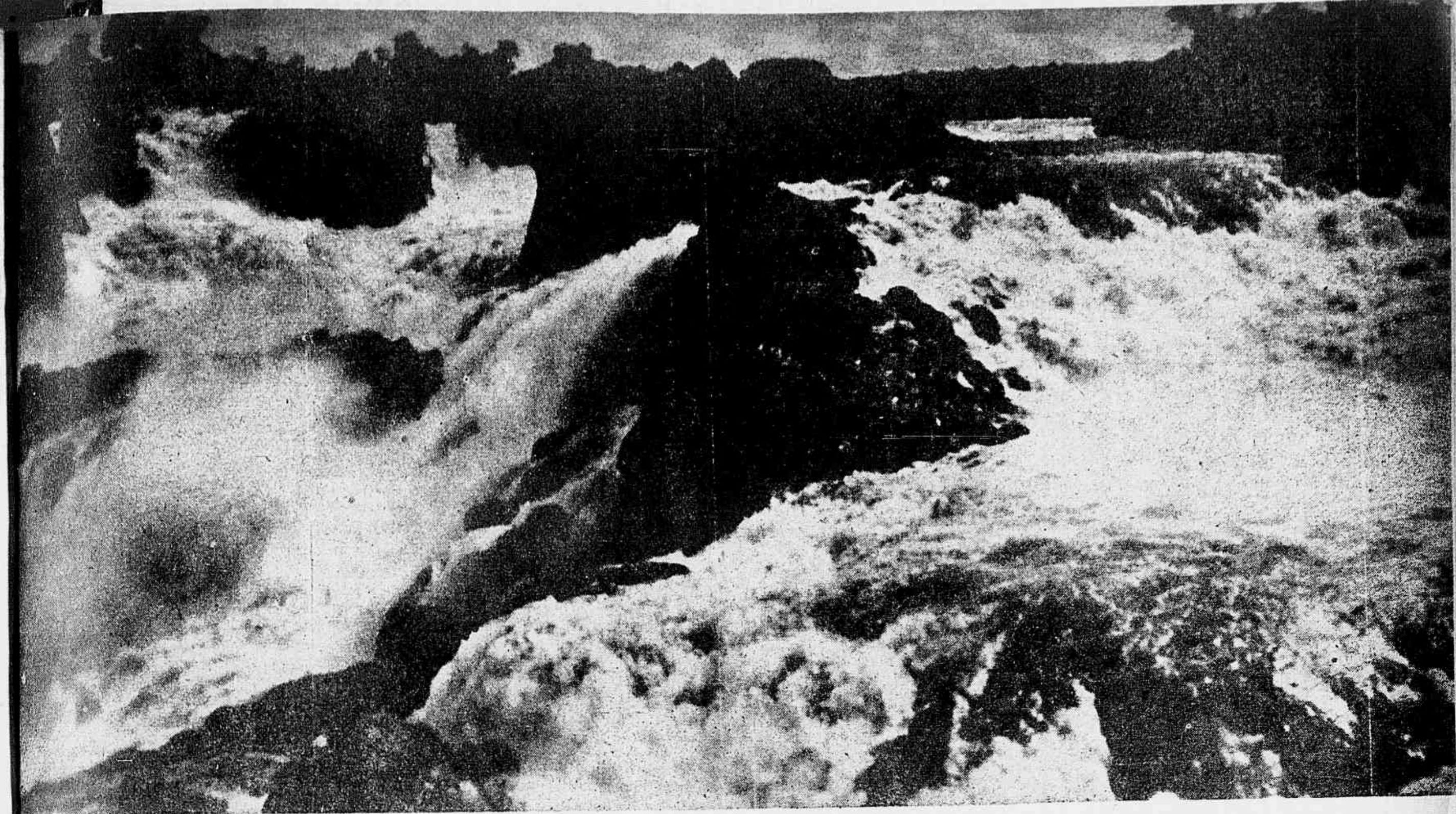
(Continua na pág. 50)

BONS PRESENTES

OCULOS DE METAL
DOURADO OU NIQUELADO
COM ESTOJO ESPECIAL DE COURO
VIDROS LEGITIMOS AMERICANOS
CR\$ 80,00

PULSEIRAS
PARA RELOGIOS
TIPO MILANESA
DOURADA CR\$ 70,00
CROMADA CR\$ 60,00

PELO REEMBOLSO POSTAL "A FORNECEDORA" RUA DO OUVIDOR, 169 RIO DE JANEIRO ARTIGOS DE FINO ACABAMENTO



MÁXIMA ASPIRAÇÃO DE TODAS AS CLASSES DO NORDESTE

MAIOR INTERCÂMBIO COM O SUL — CONSEQUÊNCIAS DO APROVEITAMENTO DA CACHOEIRA DE PAULO AFONSO — O QUE SE PODE ESPERAR DA COOPERAÇÃO NACIONAL ENTRE O GOVERNO E O POVO, INÍCIO, DIA 1.º DO CORRENTE, DA SUBSCRIÇÃO POPULAR, NO BANCO DO BRASIL, DAS AÇÕES PREFERENCIAIS DA CIA. HIDRO-ELÉTRICA DO S. FRANCISCO.

O aproveitamento do potencial hidro-elétrico do São Francisco e seus afluentes é velha aspiração de todas as classes sociais do país, especialmente daquelas mais diretamente ligadas às atividades econômicas do nordeste. Como natural reflexo desse desejo, os Constituintes de 1946 incluíram, nas Disposições Constitucionais Transitórias, o art. 29, contendo obrigação de ser reservada determinada porcentagem da renda tributária nacional para atender aos trabalhos necessários ao desenvolvimento econômico dessa promissora região.

Os primeiros estudos para a captação do potencial hidráulico do São Francisco datam de 1921, mas só depois de 1943 é que tais observações receberam maior impulso, obtendo-se os elementos técnicos indispensáveis ao projeto de uma grande usina geradora de eletricidade nas proximidades da Cachoeira de Paulo Afonso. Como tarefa preliminar, foi construída pequena usina capaz de proporcionar 5.000 KW. aproveitada pequenina parte da energia hidráulica da queda, cuja primeira unidade de 2.500 KW. entrará em funcionamento dentro em breve.

Partindo dessa pequena usina, chegaram os técnicos da Divisão de Aguas do Ministério da Agricultura à evidência da possibilidade de construção, em Paulo Afonso, da grande usina de 440.000 KW., objeto da exploração da novel Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco.

CUSTO DAS OBRAS

Com o capital inicial de quatrocentos milhões de cruzeiros, dos quais duzentos milhões corresponderão à contribuição do Governo, a Companhia fornecerá energia elétrica abundante e barata, primeiramente, aos Estados de Pernambuco, Sergipe, Bahia, Alagoas e Paraíba, através de três linhas troncos, com centro de irradiação em Caruaru (Pernambuco), Propriá (Sergipe) e Feira de Santana (Bahia). Tais linhas de transmissão custarão Cr\$ 157.000.000,00, ficando as obras da Usina de Paulo Afonso em Cr\$ 167.500.000,00. O que falta para completar Cr\$ 400.000.000,00 será dispendido em estações transformadoras e eventuais.

Haverá mercado, no nordeste para toda a energia produzida. O KW. sairá, segundo os cálculos já feitos, a Cr\$ 0,30, o mais barato do

Brasil, levando em conta apenas a remuneração de metade do capital, com dividendo de 6%. A medida que o consumo subir o preço do kilowatt descera.

NOVAS INDÚSTRIAS SURGIRÃO

Convém frisar que a disponibilidade de energia elétrica evitará que sejam devastadas as matas em busca de carvão e lenha e fará com que a instalação de novas indústrias, principalmente no terreno da química, se faça sem demora, obtendo o Brasil azoto retirado do ar atmosférico e soda eletrolítica. Eletrificação ferroviária, eletrificação rural, irrigação pelo bombeamento das águas do São Francisco e seus afluentes e muitos outros empreendimentos se tornarão possíveis com a energia de Paulo Afonso.

200 MILHÕES DO GOVERNO E 200 MILHÕES DO POVO

O capital de 400 milhões de cruzeiros da Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco está dividido em duzentas mil ações ordinárias de subscrição total do Governo e de outras duzentas mil preferenciais de subscrição pública, todas no valor unitário de mil cruzeiros. O Banco do Brasil e suas Agências no Distrito Federal e nos Estados de Minas, S. Paulo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba venderão as ações preferenciais, entrando cada comprador com dez por cento apenas, no ato da subscrição, e os restantes serão pagos em sete anos, à medida das chamadas.

ORGANIZANDO A COMPANHIA

O Governo criou sem demora a empresa. A tarefa de organizador da Companhia coube ao engenheiro Antônio José Alves de Souza, diretor-geral do Departamento Nacional da Produção Mineral, que está à disposição dos interessados, para quaisquer informações na sede do Departamento, à Avenida Pasteur, 404, Praia Vermelha, Rio de Janeiro.

O lançamento das ações preferenciais será feito entre 1 de dezembro e 15 de janeiro de 1948. Encerrado aquele período, será convocada a Assembleia Geral da Companhia, dentro de 30 dias para tomar providências que lhe competem, de acordo com o projeto de Estatutos já publicado no Diário Oficial da União, dos dias 12, 13 e 14 de novembro.

Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!
diz
William Marshall

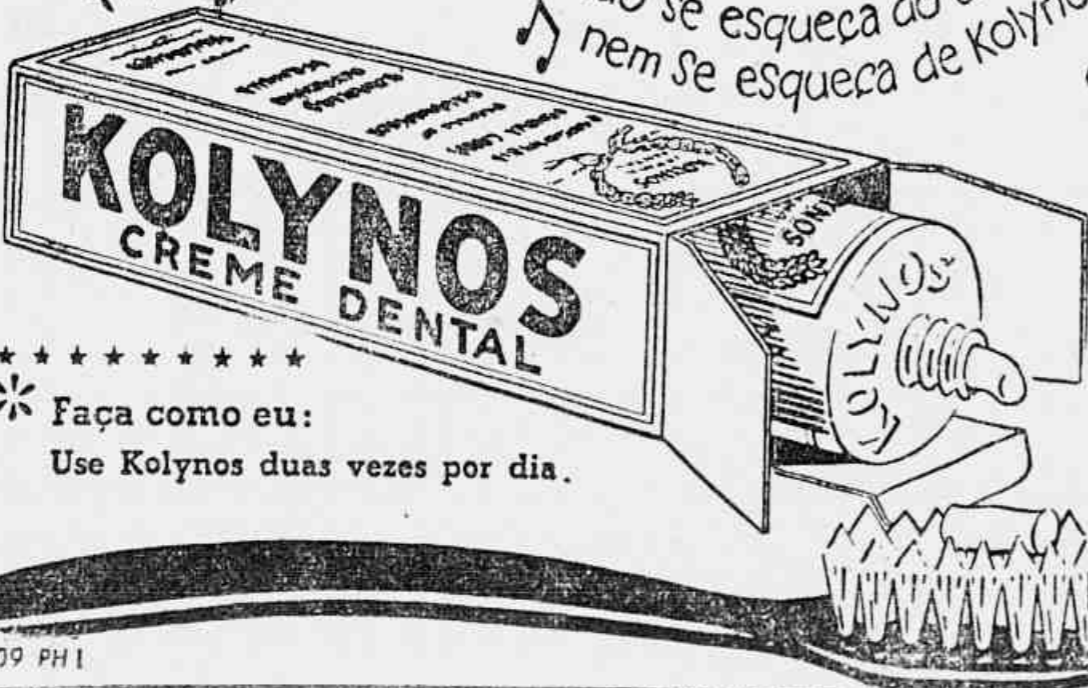
famoso as no da R public Productions que ap...ce em
"EU NUNCA ME ESQUECI"

E quem não gosta de Kolynos? Kolynos é um creme dental concentrado que limpa profunda e suavemente. Sua abundante espuma é ao mesmo tempo penetrante e agradável. E Kolynos é também econômico. Para a limpeza dos dentes basta usar um só centímetro sobre a escova seca. Compre hoje mesmo um tubo e verá como Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia.

K-409 PH 1

McCann

Conversão de um avaro

(Cont. da pág. 49)

Veio mais uma semana, depois outra e mais outra. O amor trouxe algumas lespezas nunca usadas. Gil Gomes sentiu que a avareza afrouxava um pouco as rédeas; ou, por outra, não sentiu nada, porque nada podia sentir; foi alongando os cordões á bolsa.

A idéia do casamento aferrou-se-lhe levêras. Era grave, era um abismo que ele abriu diante de si. As vezes assustava-se; outras vezes fechava os olhos disposto a mergulhar nas trevas.

Um dia, Rufina ouviu ao colchoeiro o pedido em regra, ainda que timidamente formulado. Ouvia-o, fechou a cabeça nas mãos e recusou.

— Recusa-me? clamou o infeliz aturdido.

— Recuso, disse firmemente a viúva. Gil Gomes não contava com a resposta; insistiu, rogou, mas a viúva não parecia ceder.

— Mas por que recusa? perguntou. Não gosta de mim?

— Oh! interrompeu ela apertando-lhe as mãos.

— Não é livre?

— Sou.

— Não compreendo, explique-se.

A viúva não respondeu logo; foi d'ali a um sofá e meteu a cabeça nas mãos, durante cinco minutos. Vista assim era talvez mais bela. Estava meio reclinada, ofegante, com alguma desordem nos cabelos.

— Que é? que tem? perguntou Gil Gomes com uma ternura que ninguém era capaz de supor-lhe. Vamos lá; confie-me tudo, se alguma coisa há, porque eu não compreendo.

— Amo-o muito, disse Rufina erguendo para ele um par de olhos belos como duas estrelas; amo-o muito e muito. Mas vacilo em casar.

— Disseram-lhe de mim alguma coisa?

— Não, mas tremo do casamento.

— Por que? Foi infeliz com o primeiro?

— Foi muito feliz, e por isso mesmo receio que seja infeliz agora. Parece-me que o céu me castigará se eu casar segunda vez, porque nenhuma mulher foi ainda tão amada como eu fui. Oh! se soubesse que amor me teve meu marido! Que paixão! que delírio! Vivía para fazer-me feliz. Perdi-o; casar com outro é esquecê-lo...

Tornou a cobrir o rosto com as mãos, enquanto o colchoeiro ferido por aquele novo dardo, jurava a seus deuses que havia de casar com ela ou o mundo viria abaixo.

A luta durou três dias, três longos e estirados dias. Gil Gomes não cuidou de outro coisa durante o combate; não abriu os livros da casa; talvez chegou a não afagar um freguês. Pior que tudo; chegou a oferecer um camarote de teatro á viúva. Um camarote! Que decadência!

Não podia ir longe a luta e não foi. No quarto dia recebeu elle uma resposta decisiva, um sim escrito em papel bordado. Respirou; beijou o papel; correu á casa de Rufina. Ela esperava-o ansiosa. Suas mãos tocaram-se; um ósculo confirmou o escrito.

Desde aquêlle dia até o do casamento foi um turbilhão em que o pobre colchoeiro viveu. Não via nada; quase não sabia contar; estava cego e tonto. De quando em quando um movimento instintivo parecia fazê-lo mudar de cami-

nho, mas era rápido. Assim, a idéa d'ele era que o casamento não tivesse aparato; mas José Borges combateu essa idéa como indigna dos noivos:

— Demais é bom que todos o invejem.

— Que tem isso?

— Quando virem passar o préstito todos dirão: Que maganão! Que casamento! Rico e feliz!

— Rico... isto é... interrompeu Gil Gomes, cedendo ao costume antigo.

José Borges bateu-lhe no ombro, sorriu e não admitiu réplica. Ainda assim, ele não teria vencido, se não fosse o voto da prima. A viúva declarou preferir um casamento aparatoso; o colchoeiro não tinha outra vontade.

— Vá lá, disse elle; coupés, não é?

— Justamente; cavalos brancos, arreios finos, cocheiros de libré, coisa bonita.

— Mais bonita do que você, é impossível, acudiu o colchoeiro com um ar terno e galante.

Outro ósculo que o fez ver estrelas ao meio-dia. Estava decidido que o casamento teria o maior aparato. Gil Gomes reconhecia que a despesa era enorme, e intimamente pensava que era inútil; mas desde que ela queria, toda a discussão estava acabada. Mandou preparar a roupa d'ele; teve até de sortir-se, porque nada possuía em casa; apresentou os dois velhos rodacues, as três calças de quatro anos. Pôs casaca. A viúva guiou-o nesse tarefa difícil; indicou o que elle devia comprar; escolheu ela mesma a mobília, os tapetes, os vasos, as cortinas, os cristais, as porcelanas. As contas chegavam ás mãos do colchoeiro rotundas e pavorosas; mas elle pagava, quase sem sentir.

Na véspera do casamento, tinha elle deixado de pertencer a este mundo, tão alheado andava dos homens. José Borges aproveitou esse estado de sonambulismo amoroso para lhe pedir duzentos mil réis emprestados. Coisa miraculosa! Gil Gomes emprestou-os. Era verdadeiramente o fim do mundo. Empréstou os duzentos mil réis, sem fiança, nem obrigação escrita. Isto é a derrota do primeiro Napoleão são os dois factos mais estrondosos do século.

Casou no dia seguinte. A vizinhança toda sabia já do casamento, mas não podia crer, supunha que era boato, apesar das mil provas que os noivos espalhavam de loja em loja... Casou; quem o viu entrar no coupé, ainda hoje duvida se estava sonhando naquêlle dia.

Uma vez casado, estava passado o Rubicon. A ex-viúva encheu a vida do colchoeiro; ocupou em seu coração o lugar que até então pertencera á libra esterlina. Gil Gomes estava mudado; fôra uma larva; passava a borboleta. E que borboleta! A vida solitaria da loja dos colchões era agora o seu remorso; elle mesmo ria de si. A mulher, só a mulher, nada mais que a mulher, era o sonho da vida do colchoeiro; era o modelo dos maridos.

Rufina amava o luxo, a vida estrondosa, os teatros, os jantares, os brilhantes. Gil Gomes, que vivera a detestar tudo aquilo, mudou de sentimento e acompanhou as tendências da esposa. De longe em longe tinha um estremeção na alma. "Gil! exclamava elle, aonde vais? Que destino te leva á prodigalidade?" Mas um sorriso, um afago de Rufina dissipava as nuvens e atirava o colchoeiro á carreira em que ia.

SURGE UMA NOVA NAÇÃO

(Continuação da pág. 34)

sar de tudo, era sempre tratado como um intruso... Sentia-me estrangeiro no meu próprio país; daí o motivo da minha vinda para a Palestina.

— E agora?

— Agora, embora estrangeiro na Palestina, pois nem sequer sou naturalizado, sinto-me, no entanto, como em minha própria casa. Olhe, moço — os judeus da Palestina andam de cabeça erguida. Pisamos firmemente a terra que é nossa, a terra que pertenceu aos nossos remotos antepassados.

— E a luta nestes últimos tempos? Que acha de tudo isso?

— A luta que agora se trava na Palestina não é somente a luta pela libertação d'este pedaço de chão que abriga apenas cerca de um milhão de judeus, ao passo que no mundo inteiro existem onze milhões de correligionários nossos. Lutamos por um direito, um direito que nos cabe como POVO, onde quer que seja, e isso só se torna-

rá possível quando tivermos um país, não importa se pequeno, mas um Estado judaico, como o são os demais Estados pequenos, cujos habitantes, não estrangeiros, gozam da proteção dos seus corpos diplomáticos.

— E os árabes?

— Os árabes em geral são nossos amigos, creia. Esses árabes, que são nossos inimigos, também o são para os seus próprios correligionários. Lutam entre si democratas contra reacionários. Um dia verá em que judeus e árabes são ótimos vizinhos e que trabalharão juntos, lado a lado, auxiliando-se mutuamente em suas crises...

A nossa palestra foi interrompida com a chegada do ônibus. O nosso interlocutor tinha pressa e não podia esperar por outro carro. Despedimo-nos. Lembremo-nos, depois, das nossas conversas mantidas com judeus de vários países, que atualmente se encontram em Paris e em Londres, á espera de um visto para qualquer país, já que não podem entrar na Palestina, dos seus sonhos. Desnorteados, partem para onde os de-

(Cont. na pág. 52)



PELA DEFESA DO TANGO...

A "SADAIC" — Sociedade Argentina de Autores e Compositores de Música — acaba de dirigir uma circular a todos os seus associados, da qual destacamos os seguintes trechos: "Um possível declínio do interesse pelo tango, — deslocamento paulatino em benefício de outras formas populares, na sua maioria estrangeiras, — concitou a atenção de prestigiosos diretores de orquestras especializadas em seu cultivo, que se agruparam sob a bandeira de uma Junta pela difusão do tango". Grito de alerta lançado com toda a oportunidade, coincide com a necessidade de reunir esforços para se conseguir uma reação do favor popular, esse organismo está organizando uma seleção dos melhores tangos, que serão intensamente executadas por todas as orquestras a ele filiadas, sem favoritismos, interesses mesquinhos, nem compromissos "amistosos". Todos os sócios estão sendo instados para que entreguem suas novas obras àquela Junta e a SADAIC assinala a necessidade de uma sobrepujança musical e literária em cada trabalho, como o melhor caminho para se chegar ao re florescimento definitivo do tango. Que os nossos compositores atentem bem sobre tão importante medida porque, infelizmente, em nosso país, o panorama é completamente diferente. A começar por certas sociedades de compositores ditas brasileiras que, apenas, se interessam pela divulgação e pela cobrança de obras estrangeiras...

F. CORREIA DA SILVA
EM ABROJO

WARM KISS (And a Cold Heart)

Fox de Allan Roberts e Doris Fisher. — Canción Ranchera de Guillermo Bermejo.
Do Filme THE CORPSE CAME C. O. D.,

da Columbia.

He's got a warm kiss but a cold heart,
A fondle and fold me caress;
Ah yes! He's got the key to my
heart's address.

He's got a soft touch but a hard mind,
That St. Louis look in his eye;
Oh my, I'll never trust him,
'Til the day I die.
Don't know why I'm so 'tached to that
man.

That I'm so latched to:
Makin' love to him is like a game
of solitaire,

They say I should have more sense:
Why talk to me of horse sense;
I know I'm miserable when he isn't
there;

So I take his warm kiss and his cold
heart.

Cross my fingers and hope for the best:
Ah yes! That is that thing called love
I guess.

★

COCKTAILS FOR TWO

Fox de Sam Coslow e Arthur Johnston.

In some secluded rendez-vous,
That overlooks the avenue
With someone sharing a delightful chat,
Of this and that
And cocktails for two.

As we enjoy a cigarette
To some exquisite chansonette,
Two hands are sure to slyly meet
Beneath a serviette.

With cocktails for two,
My head may go reeling,
But my heart will be obedient
With intoxicating kisses

For the principal ingredient,
Most any afternoon at five
We'll be so glad we're both alive
Then may be fortune will complete her
plan

That all began with cocktails for two.

★

DEEP VALLEY

Fox de Charles Tobias e Max Steiner.

— Do filme DEEP VALLEY, da
Warner Bros.

Deep valley is calling green meadows
and lanes,
Spring waters that flow by sing rippling
refrains;

How deep can my hert ache,
For someone I love so;
And if I have my way,
Then some day I will be back home in
deep valley;
Where she's waiting for me.

Me encontraste en el camino
ya seco como un abrojo
quien diria que mi destino
lo cambiarías a tu antojo.
Yo era humilde, fiel y bueno,
vivi pegado a tu vida
pero me diste veneno
por tenerte consentida.

Ay! yo soy como el abrojo
que se prende a "cualquer" vida;
doy amor a "quen" lo pida
y al que no ni le echo el ojo.

Vale más ser como ortiga
y que ninguno lo "quera",
ni tener ninguna amiga
que esté deseando se muera.
El que "quera" que me "quera"
no más me dice hasta cuando
pa' no caer como pera
cuando ya está madurando.

Ay! yo soy como el abrojo, etc.

★

ESE SOS VOS

Tango de Ricardo Tanturi e F. García
Jiménez.

I

En yunta con mi cigarro
y a los labios bien prendido,
te muerdo y te beso, tango,
con mi canto y mi silbido...
Y si oigo sonar tus fuelles
me tenés entreverado,
chispeando en el encerado
las cien quebradas de mi emoción...

II

Salir a ballarte, tango,
es empezar a quererse...
es mucho decir... callando
dejando que hables... tan sólo vos...
Tu música es Buenos Aires:
amor, guapeza y dolor!
Ternura y pinta compadre,
querido tango...
ese sos vos!

I (bis)

Si luego el destino negro
una carta falsa juega,
tu strofa dará consuelo
por la suerte que se niega...
Ladero que siempre llevo:
tango fiel, noble y derecho,
sos copa de alcohol que bebo
si estoy de fiesta... si triste estoy.

II (bis)

Salir a bullrte, tango,
etc., etc.

Epoca

Bem femininos

Adequados à
sensibilidade feminina, pela
sua delicada composição!

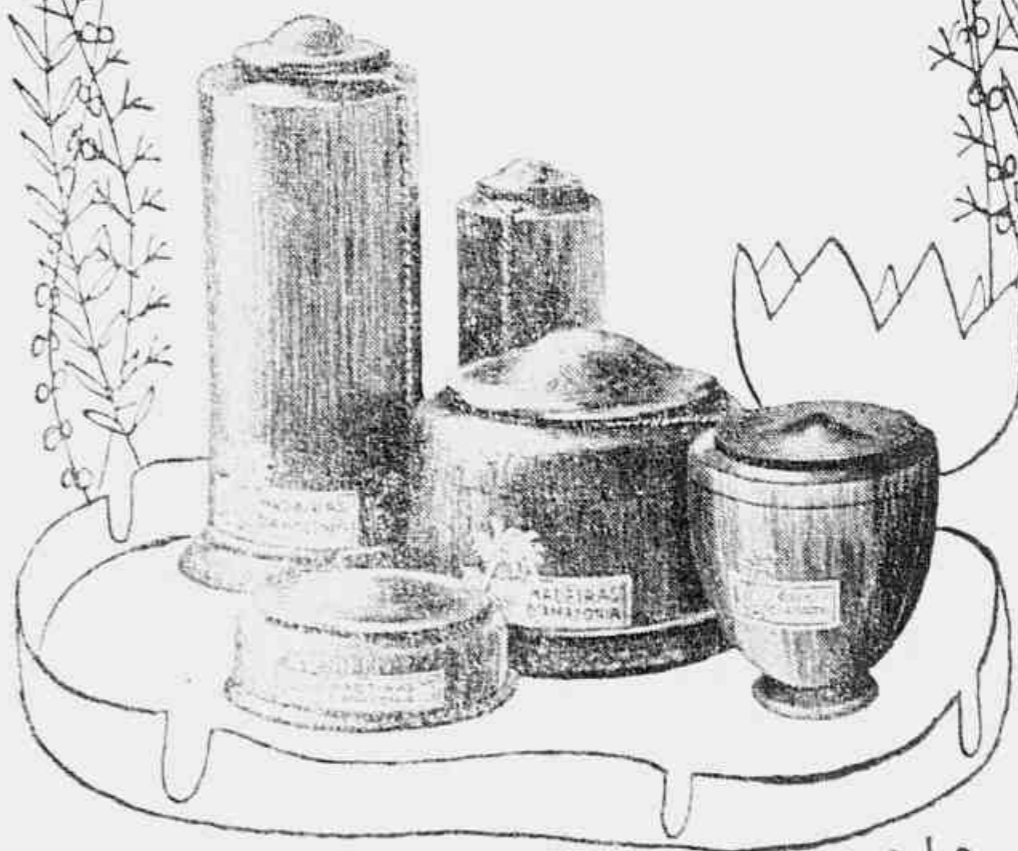
Perfume... maior sedução!

Madeiras d'Amazonia
eis a sensação do momento
criada por PHEBO.

Uma linha de beleza
nascida na selva
amazônica.

EXTRATO — LOÇÃO
PÓ DE ARROZ
ROUGE E BRILHANTINA

MADEIRAS D'AMAZONIA



PERFUMARIAS PHEBO LIMITADA





Metrolina

antisséptico.
adstringente
baclericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro
tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Contra dores

ACETASPIRINA

O remedio de confiança



Surge uma nova Nação

(Cont. da pág. 50)

xam entrar — tratados aqui e ali como indesejáveis, apesar de terem prestado serviços aos países nos quais nasceram, apesar de serem técnicos, operários especializados ou de estarem dispostos a se dedicar à lavoura. Não os deixam entrar em parte alguma, não os deixam ficar onde estão. E tudo isso porque são judeus — nada mais!...

Sim, repetimos — o caso da Palestina depende da boa vontade da humanidade, se é que a humanidade ainda tem a que estamos habituados a chamar de "boa vontade"...

O CHÁ DE LADY BLESSINGTON

(Cont. da pág. 29)

— Se insiste, acredite que reconheço o espírito... de controvérsia das mulheres... E quem é ela, milady

— Chama-se... chama-se, sim, Elizabeth, Elizabeth Barret, de certa família Barrett, de Wimpole Street.

— E por tratarmos de inéditos — interrompeu d'Orsay — que me informa sir Rogers sobre um jovem poeta universitário de que tanto me fala agora em Paris — Roberto Browning, parece-me?

— Outro gênio, com certeza!

— Conhece-o?

— Como aos dois outros, à moça que caiu do cavalo e ao professor de piano...

— Não gracieja, Rogers... Dizem que Browning tem vinte anos mas que só não será o maior poeta inglês deste século, porque há Byron e Shelley... Publicou ou fez ler a alguém de Paris algumas estrofes que estão causando furor em todos os salões. Conhece, Dizzy?

— Não, não o conheço.

— E' curioso que ninguém o conheça aqui. Falei a sir Berkeley, ignora o também. Entretanto, é lido e admirado em Paris...

— Não estranho — voltou Rogers — em Paris sabe-se mal o inglês...

E d'Orsay, agastado, porém no mais gentil dos seus sorrisos:

— Mas, sabe-se bem o talento, sir Rogers! Ai está, por exemplo, Paris descobrindo o maior paisagista inglês deste Constable que Regent Street já não acha tão vulgar assim, que os pares do reino já admitem e que, para orgulho da França, terá, de futuro, o primeiro lugar entre os pintores da Albion, que certo....

E como o merdome anunciasse o jovem conde George Cariot Grantley Fitzharding, lord Berkeley:

— Mas ai temos lord Berkeley, meus amigos, e com ele as últimas novidades do box, da politica e da aristocracia inglesa...

*

Sir Berkeley entrou radioso e jovial como sempre. Cumprimentou a todos efusivamente, no seu "shake-hands" de "sportman", e enquanto Disraeli continuava um pouco afastado, num dos seus costumeiros momentos de esma, posando o seu silêncio de jovem dandy inclinado ao largo fogão, dirigiu-se a d'Orsay:

— Preferia encontrá-lo sem milady de Blessington, meu caro conde...

— Greve contra a beleza? — interrompeu Rogers.

— Pelo contrário. Apenas, desejava notícias do Continente e preferia notícias femininas...

— Nada o impede, George — retrucou lady Blessington. Ainda Freddy nos falava com entusiasmo em mademoiselle Maupin, em mademoiselle Duchenois, em madame Sand. Tudo como vê, muito feminino.

Riram-se. Ela prosseguiu:

— E, como sabe, Alfredo fala sempre "en connaisseur"... E, como pintor, sabe retratar bem os seus modelos.

Uma pausa e, logo:

— Como vai a sua encantadora lady Londonderry?

— A procura de diamantes e esmeraldas...

— Sempre esse baile à fantasia?

— Toujours... E lady Londonderry irmã de "Cleópatra", nada menos... Quer cobrir-se de pedras...

— Uma perfeita lapidação, com certeza...

Berkeley sorriu da maldade e dirigindo-se a Disraeli que se aproximou.

— A marquesa quer conhecê-lo, Dizzy...

Disraeli animou-se, com aquele interesse espontâneo de lady Londonderry. Falaram ainda daquela festa que agitava os salões do Mayfair.

— Pena que a sua mrs. Temple não vá, Dizzy... — reticenciou lady Blessington...

— Mrs. Temple? Aquele seu pequenino Lawrence da recepção de lady Cork? Irá sim, palavra de nadador. E, mais, irá também de "Sultana" como lady Chesterfield que, aliás, está desesperada com a coincidência...

*

Depois chegou Bowler, trazendo da Câmara todas as novidades políticas os últimos informes sobre a situação da luta cada vez mais acesa e a notícia sensacional de que os "Whigs" caminhavam para a conquista da "reforma eleitoral". Passaram à biblioteca, — "um cenário a propósito para coisas sérias", lembrou lady Blessington... E, conduziu-os ao quadro severo da "library".

— Mas, isto é extraordinário! — exclamou Disraeli, logo que Bowler descreveu a marcha dos acontecimentos... E interrogou, animando-se, interessado:

— Em que bases está assentada?

— Radicais... Sirva-se...

— C'en est fait de feudalismo — comentou d'Orsay. Estamos no século dos "ultra", aqui como em França. E ainda bem que se chegue a isso apenas com as "Unions", dispensando as incômodas e sujas barricadas de S. M. Luis Felipe.

Disraeli estava interessadíssimo e interrompeu, dirigindo-se ao parlamentar:

— Quer dizer que nas próximas eleições não teremos leilão de cadeiras, nem "patrões", nem "burgos pobres", nem representação privilegiada para os condados.

— Tudo por terra!...

— Aumento de deputados para a Escócia e a Irlanda?

— E Manchester, Liverpool, Birmingham?

— Vinte cadeiras a cada uma!...

A mulher brasileira
prefere
Alterosa
A revista da família do Brasil



— Belo! E' o meu momento, d'Orsay!...

— Caudatário do sucesso? Disraeli sorriu:

— Ora, d'Orsay, como francês, você continua a ignorar a velha Inglaterra. E no silêncio curioso de todos:

— Tudo isto não passa de um acesso de liberalismo romântico. Os radicais ora, teria graça!... Temos muito mais medievo nestas Ilhas do que poderia compreender um miniaturista francês, mesmo do seu valor, d'Orsay... A derrota dos "tories" acordará todo o conservantismo que por aí cochilava e o Império emergirá do pó, armando-se de novo, como em 1783, para reivindicar os direitos dos "gentlemen"... Verá! Decidam-me pelos vencidos!

— Val victis! — exclamou Rogers.

E Disraeli:

— Na velha Roma, talvez. Aquil, não. E salbam: vou fazer-me amigo de Lord Lyndhurst e sócio do "Carlton"...

Depois, para d'Orsay:

— E com que contam os legitimistas na França? Com a morte de Perrier, com certeza?

— Ou com o cólera — insinuou Rogers... Desde Heródoto que se firmou a providência sobrenatural. O sagrado chama o castigo de Deus...

— Para mim — interveio Berkeley — contam, com a duquesa de Berry. Na França sempre se contam muito com as mulheres... Desde Joana d'Arc.

E dirigindo-se a Disraeli:

— E você que se fará "old English" é bom que também conte com elas. Bowler está no Parlamento, irá a par do Reino, porque se casou cedo...

— E por amor — acrescentou d'Orsay — o que é uma rara felicidade...

— Tão rara, — respondeu Bowler — que não aconselho ninguém a tentá-la... A felicidade é sempre possível fora do casamento, não acha d'Orsay?

— Será completa? — interrogou o cavalheiro...

E lady Blessington pondo naquelle dialogo a claridade do seu sorriso:

— Vocês, os homens... O amor não é nem feliz, nem infeliz, é apenas belo;

— fala como autora — respondeu-lhe Disraeli: — incluía esse achado no "Livro de Beleza". Quanto à minha opinião, milady, é de que tanto o amor como o casamento, de que a felicidade e a glória de nosso destino também dependem, não podem atemorizar um homem de gênio...

— E a que chama o destino, Dizzy?

— Uma obra nossa, construída au jour le jour, de acôrdo com a nossa natureza. Ainda agora pouco, esse arguto d'Orsay descobria o meu segredo, o meu penhor para a luta... O destino está na nossa vontade...

E lady Blessington:

— Justamente como no "Contarini Fleming"! "Fate is our Will"... Sim, também me parece que tudo está em nós, como em Deus, de que somos feitos à imagem e semelhança...

★

Só muito tarde, naquela noite apagaram-se as luzes na casa da condessa de Blessington, aquele puro Reynolds animado que, no "resort" de Seamore Place, entre encadernações de Simer e vasos de ambar, servia chá com gênios, no fundo cinza das tardes de Londres, em 1832...

UMA TRISTEZA, O SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES

(Cont. da pág. 11)

reza, no parágrafo único do artigo 10. "A admisão independe do julgamento do juri quando o candidato já tiver sido premiado em Salão anterior pelo menos com a medalha de prata". Evidentemente, assim compreende-se a exhibição "obrigatória" daquele incrível nú. "Solidão" (n. 261), do sr. Manuel Madruga, que é um pintor que já teve medalha de prata e de ouro e está, portanto, duplamente blindado contra as decisões do juri. Do mesmo modo, temos de aceitar a presença, no Salão, daquele terrível retrato de Olegário Mariano pela senhora Sarah Vilela de Figueiredo, sob o número 352. Dona Sarah já teve antes uma medalha de prata, — e está blindada... Como, entretanto aceitar o número 271, — "Brinquedos", de Maria Helena de Oliveira Castro? Como admitir a inconcebível "Manhã de outono", do sr. Luis Carlos de Andrade Filho, sob o número 248? E como justificar outros cochilos da mesma espécie?

Terá prevalecido o critério de que, podendo os medalhados expôr o que é ruim, os não-medalhados devem ter o mesmo direito? Afinal, não é um critério puramente artístico, mas não se pode deixar de dizer que é equitativo.

Presentes de fino gosto

CRISTAIS DA SUÉCIA

Uma das grandes atrações de nossa tradicional exposição de Natal é a variada coleção de CRISTAIS DA SUÉCIA que acabamos de receber.

VISITEM NOSSA SECÇÃO DE UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS

Publicidade Mesbla

HOJE E DIARIAMENTE VENDAS de 22 h.

★ *um Credi-MESBLA*

RESOLVE SEU PROBLEMA

MESBLA

Rua do Passeio, 48/56

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — B. HORIZONTE — PORTO ALEGRE — PELOTAS — RECIFE — NITERÓI

Distinção

★

Plac de peroba

O RENOVADOR DOS MÓVEIS

MANTENHA A DISTINÇÃO DO SEU LAR, COM SEUS MÓVEIS LIMPOS E BEM CUIDADOS



Ginosedol



O "REMÉDIO DAS SENHORAS"

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida por embranquecer, afinar e refrescar a cutícula.

Depois de aplicar este creme observamos como a sua cutícula ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o!

É um produto dos Laboratórios A. VIM & FREITAS.



Senhoras!
Se a
Natureza Falhar

MENAGOL

REGULAR

NA SEÇÃO MODERNA O EXPURGO TERIA SIDO MAIS FÁCIL...

Na Divisão Moderna o expurgo teria sido mais fácil do que na chamada Divisão Geral, porque é menor, muito menor mesmo, o número dos "intocáveis", susceptíveis de se converterem em estragadores de Salões. Querem uma prova? Aí estão os "intocáveis" do modernismo: Bruno Giorgi, Armino Almeida Lopes Ribeiro, Honório Peçanha, Max Grossmann, na seção de escultura, e Da Veiga Guignard, Armando Balloni, Quirino Campoflorito, Fayga Ostrower, Frank Schaeffer, Hilda E. Campoflorito, N. Nóbrega, Roberto Burle Marx, Tadashi Kaminagai, Joaquim Albuquerque Tenreiro, Orlando Teruz, Ubi Bava, Vittorio Gobbi, Iberê Camargo, José Pancetti, Athos Bulcão, E. P. Sigaud, Rebol, Gastão Worms, José Moraes, Leonardo Lima, Marlo Zannini, e Pereira Ramos. Os dez últimos concorrem aos prêmios de viagem ao país e ao estrangeiro. Não parece ser difícil a outorga desses dois prêmios. Indiscutivelmente José Pancetti, com sua forte individualidade, sua técnica despojada e vigorosa, leva a dianteira aos demais expositores da divisão moderna. É um nome que se pode considerar desde já vitorioso, — e, como já foi laureado antes com o prêmio de viagem ao estrangeiro, obterá sem dúvida o de viagem ao país. Entre os concorrentes ao prêmio de viagem ao estrangeiro, na seção de pintura, da divisão moderna, é Iberê Camargo o que mais se destaca, com seus três quadros, — 831, 832 e 833, — "Lapa", "Moça sentada" e "Demolição". Parece não haver dúvida quanto à sua vitória.

A Divisão Moderna nos revela algumas surpresas. É natural que nessa divisão exponham alunos de Portinari, de Segall, de Guignard, de Marcier, de Arpad Szénes, etc. Mas o que nos surpreende é que, no catálogo, alguns dos expositores da seção moderna se apresentam como alunos de Lucillo de Albuquerque, de Marques Junior, de Georgina de Albuquerque, de Chambelland, de Manuel Santiago, e até de Oswaldo Teixeira! São anjos rebeldes, espíritos independentes, artistas que não se deixaram influenciar pelos mestres que os guiaram no abecê das belas-artistas. Alguns deles verterão lágrimas de desgosto, ao pensarem que contribuíram, sem o saber, para formar mais alguns cultores daquilo que, para o sr. Oswaldo Teixeira, por exemplo, não passa de "arte degenerada"...

Tendo pouco mais que metade do número de trabalhos da "divisão geral", a "divisão moderna" estaria mais limpa, mais apresentável, mais digna de ser vista, se tivesse reduzido ainda mais a quantidade, em favor da qualidade. Sendo fácil, o expurgo, faltou, no entanto, o "animus expurgandi" aos membros da juri de pintura...

A POBREZA DAS SEÇÕES DE ESCULTURA

As seções de escultura, tanto na "divisão geral", como na "divisão moder-

na", são bastante pobres, excetuada, em cada uma delas, meia dúzia de trabalhos, o que é bem pouco, um grupo de cerca de noventa. A maioria destes trabalhos são bustos, mas há alguns grupos e figuras de grandes dimensões. Está nesse caso o grupo de número 20, "Descida da Cruz", do sr. Edgard Duvivier, discípulo de Carlos Chambelland e Paulo Mazzuchelli, sem nada de particularmente interessante, e figuras como as do "Morubixaba", — n. 548, — de José Rangel Sobrinho, e "Atleta em repouso", — n. 526, de Batista Ferri, estes dois últimos concorrentes a prêmios de viagem. O sr. Flory Gama, outro concorrente a esses prêmios, apresenta na seção de escultura da "divisão geral" o trabalho sob o n. 539, "Delírio de Pã", um lugar-comum, em matéria de inspiração, sem nada de individual e de marcante na execução. É o Oswaldo Teixeira da escultura. Na seção de escultura, da "divisão geral", passaram alguns "gatos"... Por exemplo: o n. 63, — "Minha filha", de Matheus Fernandes, teria ido muito bem para o "necrotério"... O "Fauno", de Albino Baldisarra, idem... Como explicar a fartura de bustos? Talvez em razão do imediatismo que norteia o trabalho dos nossos escultores, — os artistas, de resto, que mais precisam cavar para comercializar sua arte e viver à custa dela. Há no Salão bustos do general Dutra, do cardinal Dom Jayme de Barros Câmara, da poetisa Maria Sabina, de Tiradentes, do ex-prefeito Hildebrando de Góes (não houve tempo para um deles fazer o general Mendes de Moraes...), do ator Plácido Ferreira, do médico Sacino Theodoro, do coronel Aristarco Pessoa e do vereador Moura Brasil, do médico Vital Brasil e de Cristo. Ninguém sabe porque o busto de Vital Brasil, do escultor Honório Peçanha, está na seção de escultura da divisão moderna. Poderia, perfeitamente, estar na "divisão geral". Os juris de escultura, na "divisão geral", é constituído pelos srs. Humberto Cozzo, Erbo Stenzel e Paulo Mazzuchelli e, na "divisão moderna", pelos srs. Max Grossman, Orlando Teruz e Percy Lau.

PARA RESUMIR: "O LII SALÃO É FRACATIVO!"

Para resumir: foi muito bom que o Salão tivesse sido restabelecido, nas bases em que foi. Mas não se pode esconder a realidade. É um Salão fracativo. Um Salão que não traz nada de excepcional, em que não se distinguem revelações extraordinárias. Há valores autênticos, postos em certames individuais, e que, numa e noutra divisão, mas em número precário em relação ao conjunto, alguns deles representados por trabalhos em muitos casos, não são os melhores que não são novos, que já estiveram ex-que os artistas em questão nos poderiam dar. Esse Salão deve se ter ressentido da falta de realização do Salão do ano passado. Os nossos pintores e escultores não tiveram uma visão de conjunto da produção de seus competidores, perderam o ensejo de fazer a crítica dos demais e sua própria auto-crítica, delira-

Pernas que fazem parar Automóveis...



Quem assistiu a "Aconteceu naquela noite" lembra-se da cena da estrada, em que Claudette Colbert, depois de tentar fazer parar os carros que passavam, usando várias maneiras, só o conse-

guiu, quando mostrou suas pernas. Eis aí uma prova do quanto podem pernas bonitas e perfeitas... A beleza das pernas da mulher tem, porém, um grande inimigo: as varizes. Para debelar esse mal, entretanto, existe Hemo-Virtus. Com o uso desse poderoso medicamento vegetal as pernas ficam livres das terríveis varizes. Hemo-Virtus, tomado na dose de três colheres ao dia, restitui às pernas o seu estado normal e a perfeição estética. Siga as instruções contidas na bula. Para tratamento completo, use Hemo-Virtus em líquido e em pomada ao mesmo tempo. Não encontrando nas farmácias, escreva para o Depositário, Caixa Postal 1874 São Paulo.



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras-pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. NICOIAN, Creme Dental especial para fumantes.

ram de examinar tendências e de constatar erros de orientação. Pela ausência de vigor, pela predominância da quantidade sobre a qualidade no atual Salão, vemos que o crime do sr. Oswaldo Teixeira contra a arte nacional é muito maior do que se julgava. O próprio sr. Oswaldo Teixeira se ressentiu disso, enviando para o Salão algumas telas que não são as melhores que produziu nos limites de sua arte irritantemente acadêmica, mas muito apreciada pelos burgueses endinheirados e sem bom gosto.

Desejamos melhor sorte ao LIII Salão, — o Salão de 1948...



Faça do livro o seu presente de Natal. V. fará assim, com o mínimo de dispêndio, o melhor e mais duradouro dos presentes! Livro — presente de amigo, uma inesquecível lembrança. Algumas edições que lhe sugere a

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO
EDITORA - OUVIDOR, 110
Rio

O mais empolgante romance da famosa autora de "Rebecca", **DAPHNE DU MAURIER**
O General do Rei

A 1.^a edição americana do sensacional romance foi de 826.000 exemplares e em 6 meses apenas foram vendidos 1 milhão e 560 mil exs.! Em filmagem com James Mason, o astro de "A Madona das 7 Luas" e "O Sétimo Vêtu". É a emocionante história de um grande amor. Preço 40,00.

Imitação de Cristo

Primerosa tradução do **PE. LEONEL FRANCA**, S. J. Linda edição da imortal obra. Um livro para todas as mãos, um livro que não deve faltar em seu lar, um companheiro para toda a vida, 40,00.

A vida de Jesus para a infância e a juventude

pelo ilustre e popular escritor **PE. A. NEGROMONTE**. Pela 1.^a vez em língua portuguesa, a vida maravilhosa de Nosso Senhor narrada à infância e à juventude. Belíssima edição a 2 cores, admiravelmente ilustrada por Santa Rosa. Preço 35,00.

Euridice

Grande romance de **JOSÉ LINS DO REGO** — Dramática história de amor que tem como cenário o Rio moderno. Esgotou-se em 30 dias sua 1.^a edição de 16 000 exs. Vivamente recomendado pelas escritoras **LUCIA MIGUEL PEREIRA** e **RACHEL DE QUEIROZ**. Preço 35,00.

Coleção Menina e Moça

PARA AS JOVENS DE 10 A 16 ANOS
SÃO OS UNICOS ROMANCES
EXISTENTES NO BRASIL

Nada mais perigoso que a má leitura na formação moral da juventude. Dê bons romances à sua filha — romances que a encantem, mas que o ajudem na formação moral sã da "entre-aberto botão, entre-fechada rosa" de que fala o poeta. A Coleção Menina e Moça é calorosamente aconselhada por escritores como **TRISTÃO DE ATHAYDE** — **RACHEL DE QUEIROZ** — **PE. NEGROMONTE** — **LUCIA MIGUEL PEREIRA** — **VIVALDO COARACY (V. CY)** — Alguns romances: **Sir Jerry, Detetive** — **O Jardim das Gilieinas** — **A Casa dos Cravos Brancos** — **Nanette, a apanhedora de lampões** — **O tesouro maravilhoso** — **O mistério do Castelo de Morande** — **A fugitiva** — **O quarto misterioso** — **Aventuras de Carlota** — Todos os meses saem novos romances — Lindas capas e cuidadosas traduções. Preço de cada um 16,00.

A. J. CRONIN.

A Dama dos Cravos

Da pena do mais querido romancista moderno surge uma de suas mais absorventes histórias. Preço 35,00.

Almanaque Eu Sei Tudo
à venda brevemente

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de **ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE.**
Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe de Clínica de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

Eram duas...

(Cont. da pág 19)

Gilda foi ouvindo a decompostura do noivo, ouvindo, ouvindo até que se esqueceu de ouvir. Desafôro! O que ele lhe fizera era inqualificável! Chegara atrasado e agora usava o velho estertagem de dizer-lhe que ela é que se atrasara... Só ela sabia o que tinha passado naquela praça, esperando-o durante mais de três horas! Com o coração apertado a cada vulto masculino que surgia: será ele? Não era. Era um safado qualquer que se julgava no direito de lhe dirigir gracejos boçais. Nove horas. Dez. Onze. Vira-se abandonada, largada ali como um objeto à toa que não tem dono. A revolta... A solidão... A necessidade de se desferrar incontinenti daquela derrota... Ricardo não viera porque, naturalmente, ela fôra sincera demais para com ele. Acabara tomando-a por uma leviana qualquer, com certeza. Lembrava-se de gestos seus, de palavras brutais que ele lhe dissera em diferentes vezes, duvidando dela, de uma porção de pequenos nada que mostravam o quanto ele não compreendia a sua franqueza sem artifícios...

Cortou bruscamente o discurso do noivo para explodir também:

— E você, fingindo que chegou cedo, hein? Se tivesse chegado às oito e quinze, como havíamos combinado, ter-me-ia encontrado junto àquela mesma árvore onde me encontrou três horas depois, exasperada e disposta a tudo. Três horas! Três séculos de inferno!

— Não minta porque nós combinamos foi na figueira do lado de lá. Foi lá que eu a estive esperando até há pouco.

— Esperou coisíssima nenhuma! Naturalmente você se encontrou com alguém antes de vir, perdeu a hora e agora me vem com essa mentira descarada.

— Descarada não senhora!

— Descarada, sim, e infame.

— Não diga isso, Gilda, olhe que eu...

— Hipócrita!

— E' você.

— Crápula!

— Mas eu não andei provocando homens...

— Suje!

Xingaram-se, xingaram-se para toda a santa eternidade, amém. Numa casa

próxima apareceu à janela, escancarada com furor, uma cara inchada de sono:

— Vão dormir, seus indecentes! Por que não vão brigar na casa da mãe?

O súbito aparecimento daquela entidade estranha foi como água na fervura. Muito encalifados, os dois desceram a rua de queixo baixo, sentindo palpitar entre eles, a separá-los, a sombra visíssima da Traição.

Andaram, e sem querer, talvez instintivamente, voltaram à praça do fatídico desencontro. Passaram primeiro, silenciosos, pela árvore onde Gilda ficara esperando Ricardo não pôde deixar de notar que era uma figueira grande e velha.

Quando passaram pela figueira onde ele esperara, Ricardo não se conteve e recomeçou:

— Veja se eu minto! Aqui nesta figueira foi que marcamos encontro, e foi aqui que eu esperei três horas. Olhe os tócos dos cigarros que eu fumel.

— Bela prova! Como se outros homens também não fumassem e não deixassem tócos pelo chão!

Apesar de ter dito isso, Gilda não pôde deixar de notar que a árvore era mesmo uma figueira, velha e grande. Havia, então, duas figueiras daquele tamanho na praça?

Foram adiante. Caminharam... Caminharam juntos, mas não se reconciliaram. Não seria possível! Ricardo já não podia mais enxergar em Gilda a criatura excepcional que a supusera, liberta de artifícios e de mesquinhas. E vira-a mentir, simular, atrair como uma fêmea qualquer. E' verdade que, na praça, as figueiras eram duas, e a traição, também dupla, ficara mesmo em casa...

Mas Gilda já não podia confiar de modo absoluto em Ricardo, como confiara antes. Vira-o trair, fazer gestos obscenos... E' verdade que tudo com ela mesma, e também era verdade que as figueiras da praça eram duas...

Caminharam dentro da noite, pelas calçadas desertas, pelas calçadas alcoviteiras, e não se reconciliaram. Conheciam-se demais, agora! Conheciam-se tanto que, distantes como dois desconhecidos distantes é que ficaram perambulando pela cidade sem se reconciliarem.

... Mas não é exatamente entre desconhecidos que se iniciam os melhores romances? Eram duas, as figueiras da praça. Eram duas e podiam ser mil, até. O Amor, cavalheiros, é um só.

RICARDO brilhava
EM 1927...



...e continua

brilhando em 1947!

QUAL O SEU SEGRÉDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!

POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.



Loção Brilhante
PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

Aos srs. distribuidores e assinantes
desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

NÚMEROS ATRASADOS DESTA

REVISTA NO PARÁ

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 58

BELEM

NO RIO O SR. GEORGES SCHAEAREN, um dos fundadores das Fábricas Mido.



Pelo avião "Tandeirante", da Panair, desembarcou dia 28 do corrente, no aeroporto do Galeão, procedente da Europa, o sr. Georges Schaeren, um dos fundadores das Fábricas Mido e criador do Mido Automático.

O ilustre Industrial, que está fazendo uma visita de cordialidade aos centros onde existem representações dos relógios Mido — no Brasil, confiadas à firma Japerels e Cia. — aproveitará também esta viagem para fazer um acurado estudo de mercado, pondo-se assim ao par das verdadeiras possibilidades comerciais da América Latina.

A foto acima é um flagrante do desembarque do sr. Schaeren.

Frances Gifford

(Cont. da pág. 21)

parar um pouco diante do cristal, girando lentamente, como se examinando rigorosamente sua própria figura. O diretor forçou-a a ensaiar a caminhada várias vezes. Afinal, disse-lhe que a repetisse mais uma vez ainda, como ensaio. Ela obedeceu, e, ao fim da cena, pôr a língua de fora, numa careta alegre. E ficou muito embaraçada ao verificar que a câmara estivera rodando o tempo todo...

— Sou provavelmente a única atriz que obteve um contrato fazendo uma careta para si mesma, — ela acrescenta, sorrindo.

Assim, Frances ficou seis meses trabalhando para Samuel Goldwyn, depois do que foi para a RKO Radio. E quase todo o período em que lá esteve, sete meses, ela passou fazendo poses glamorosas e de modas. Isso, aliás, não constituiu novidade para ela, uma vez que durante seu tempo de estudante ganhou muito "cobre" como modelo de modistas.

Em 1940 Frances tomou parte em "Mercy Plane". Logo depois, num programa radiofônico em que figurou, Walt Disney ouviu-a cantar. Contratou-a então para um papel em "O Dragão Dengoso", o que lhe trouxe um contrato com a Paramount.

Nos três anos seguintes ela fez uma longa série de filmes, muitos de far-west, entre os quais "Tombstone", "American Empire" e "Capitulu Sorrindo". Depois veio o contrato com a Metro, onde desempenhou muito bons papéis em películas como "Aurora Sangrenta", "Paixão em Jêgo", "O Pequeno Mr. Jim". A recompensa por tão bons trabalhos ela obteve em "O Caso Arnelo", com John Hodiak e George Murphy, no papel da heroína, mulher de dupla personalidade. Então veio a deliciosa pequena da "Luxury Liner", não somente o seu primeiro trabalho técnico como ainda o seu primeiro musical.

Frances, que é uma ouvinte apaixonada da música, dona de excelente e seleta discoteca, está contentíssima com a sua participação em "Luxury Liner", que lhe dá oportunidade para exibir o seu temperamento alegre, por meio de sorrisos e canções. Também o fato de trabalhar com a jovem e linda Jane Powell, sua grande amiga, lhe proporciona grande satisfação, admiradora que é da belíssima voz da graciosa pequena.

Frances Gifford tem cento e sessenta e três centímetros de altura, para um peso de cinquenta e quatro quilos. Seus cabelos são castanhos, com ondulado natural, seus olhos de um azul vivo. Apreciadora dos esportes, pratica sempre que pode o tênis, o golfe e a patinação. E atente para isso: Frances Gifford continua a estudar, apesar de sua estável posição como estrela do cinema. Faz atualmente um curso de Humanidades na Universidade de Columbia. E, quais serão os planos desta adorável mulher para as próximas férias, assim que termine "Luxury Liner"?

— Meu amigo, estou ansioso para terminar este filme, apesar de todo o prazer que ele me tem dado. Sabe por que? Não? Oh, é bem simples. Farei minha primeira viagem marítima num grande navio, com destino a Honolulu. Será uma emoção para mim, que sempre desejei viajar por mar!

A VIDA DO MAHATMA GANDHI

(Cont. da pág. 29)

ples tanga; mora numa choça quase destituída de móveis; alimenta-se de um punhado de tâmaras, um gole de sumo de laranja, uma tigela de leite de cabra. Reiteradas vezes tem pedido aos compatriotas que não vejam nele um homem diferente de qualquer outro. Mas a gente humilde insiste em olhá-lo com um amor que raia pela adoração. "Desde Buda, nenhum homem foi tão universalmente venerado na Índia." Afluam aos milhares para ouvir-lhe a voz, tocar-lhe o corpo magro, e serem "santificados e salvos" pela bênção de seus lábios ternos e simples.

E Gandhi recebe essa adoração com um sorriso de bom humor. "Pobres crianças tolas, dignas de amor." E é com o mesmo sorriso de bom humor que olha essas outras crianças da sua terra — os tolos e arrogantes marajás da Índia. Um dia, pronunciou uma conferência diante de uma reunião de marajás. Incitou-os a renunciar a seu dinheiro e jóias. Enquanto falava, os ouvintes foram-se retirando um por um, até não restar ninguém — como expressou Gandhi posteriormente — "senão Deus, o presidente e eu." Alguns minutos depois, também o presidente se retirou. "Pobre homem," disse Gandhi; "deve ter ficado um pouco constrangido em companhia tão estranha."

Gandhi nunca perde a afabilidade diante da descortesia. Em 1931 — o ano da depressão — fez uma visita a Londres. Um dos jornalistas, que acreditava serem uma gravata e um par de calças os distintivos da civilização, começou a fazer troça da tanga do visitante. "A única diferença entre as nossas roupas," disse Gandhi, rindo, "é que o senhor usa plus fours e eu uso minus fours". E acrescentou: "Se esta depressão continua por muito tempo, seré o homem mais bem vestido da Inglaterra."

Gandhi despreza a chamada "civilização" da época atual. "É apenas uma camada superficial que encobre um coração feroz... Não se importa nem com a moralidade nem com a religião." Sua definição da civilização verdadeira resume-se em duas palavras — "boa conduta."

É com a boa conduta, ou força anímica, como geralmente prefere denominá-la, que ele se propõe travar a batalha pela liberdade contra "todos os inimigos, sejam amarelos, pardos ou brancos." Gandhi é hoje, estimam os seus discípulos, o maior mestre do mundo. Mas é um mestre do futuro, e não do presente. A resistência passiva, como o próprio Gandhi reconhece, exige um exército, não de homens, mas de super-homens. "Que vos parece?" perguntou em seu Sermão do Mar. "Em que se requer suprema coragem — em fazer voar os outros em pedaços, atrás de um canhão, ou em avançar de rosto sorridente para a boca de um canhão e ser feito em pedaços?"

O que Gandhi reclama é uma raça de soldados munidos de coragem concreta e espada abstrata. Essa "espada da resistência passiva," escreve ele, "é duas vezes bendita. Abençoa aquele que a usa, e aquele contra quem é usada. Sem fazer correr uma gota de sangue, leva a nada menos que à vitória."

O sonho impossível dum visionário religioso? Talvez. Mas se forem eles, os líderes religiosos, os únicos filósofos práticos, e nós, os homens do mundo, os tolos sem espí-

rito prático? Os nossos métodos de violência nos têm conduzido de chacina em chacina. Como sabermos aonde nos levarão os métodos de não-violência preconizados por eles, enquanto não os ensalarmos?

Esse ensaio, acredita Gandhi, terá o seu campo e o seu triunfo na Índia — se não em vida dele, em alguma época posterior; se não sob o seu principal discípulo, Pandit Nehru, sob algum discípulo ainda maior, de uma geração futura. Quanto à atualidade, para citarmos o filósofo chinês Lin Yutang, "o povo da Índia ouve Nehru, Nehru ouve a Gandhi, e Gandhi ouve unicamente a Deus."

(Do livro "Vidas de grandes capitães da fé").

Em São Paulo...
é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso concordam porque males diferentes só podem ser curados com remédios diferentes. E os males próprios ao sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, tédio, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para as regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, dores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresentar. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA



— Cleo, quero me despedir de você!

— Não me espere! — disse ela ao trem.

Antes de responder à declaração de Jinny, de que amava Bradd Criley e que ia partir para ele, Cass disse o seguinte: — Vou lutar por você. Você está doente; por isso não pode resistir a essa loucura que a atormenta. Isso a liquidará, Jinny.

— É a única coisa que me pode salvar. Se eu não for para ele, aí sim, morrerei. Preciso estar junto de alguém que eu ame. Está tudo combinado. Ficarei em Darien, com a irmã dele.

Cass replicou: — Não vou prendê-la de maneira alguma. Mas exijo apenas uma coisa: que você espere três meses antes de promover o divórcio. Assim você poderá ver a espécie de conquistador profissional que é Bradd Criley... Beijou-a friamente e saiu. Na manhã seguinte, após o café, Jinny entregou todas

as chaves a sra. Higbee. Como ela soubera da intenção de Jinny ninguém sabia, mas era evidente na sua atitude. Muito séria, muito tesa, a preta velha saiu da sala. Jinny ficou olhando, assustada e desamparada, em torno da sala que ela, Cass e Cleo tanto amavam. Era tempo de tomar o trem que a levaria a Nova York, para Bradd. "Creio que não me despedirei da sra. Higbee", estremeceu Jinny. "Mas de Cleo!" A gatinha havia se metido em baixo do sofá e não quis sair de maneira alguma. — Cleo, quero apenas afagá-la mais uma vez! Por favor! — Jinny implorava, até que Cass a interrompeu: — Sinto, Jinny, mas precisamos andar depressa! — Na plataforma da estação eles se beijaram e disseram adeus, quase sem voz. Cass recitou: — "Estarei sempre esperando."

— Não espere.

— E' impossível! Adeus, minha Jinny. — Então, incrível, ela estava no trem, fugindo dele, exatamente dois anos e dois meses, e na mesma hora, depois do casamento. Ele ainda a viu pela janela do carro, tão pequenina, tão indefesa, procurando o lugar, quando o trem apitou e partiu.

Então, antes de mais nada, compreendeu que precisava explicar a ausência dela a quase toda a gente — Grand Republic. E já ouvia todos os homens gritando: — "Eu, oh, eu daria uma surra nele e trancaria a idiotinha". Lembrou-se então de que poderia retirar o divórcio. "Mas não posso fazer isso. Ficarei sozinho esta noite, amanhã também, todas as noites, sem mais vê-la lendo na cadeira, sem o som da sua voz, sem ter a quem dar boa-noite... apenas o silêncio e a solidão..."



Lembrou-se do dia em que ela levou o adeus...

... e a gatinha estava morta!

Cass Timberlane fingia que era um juiz, sentado no tribunal, onde se julgava um caso de assassinato. O que na realidade fazia era presidir um caso de assassinato. O caso em julgamento era o de um trabalhador acusado de ter morto o seu chefe com uma picareta. O juiz Timberlane estava atento, mas seu pensamento se desviava constantemente para um outro julgamento, que lhe seria mais querido e ao mesmo tempo mais excitante. Neste invisível e imaginário julgamento, era ele o réu acusado da morte de Bradd Criley. Ele pensou: "Oh, pare com esse sonho infantil em pleno dia! Você é muito civilizado ou mole demais, mesmo para dar-lhe uma surra!"

Cass guiou o carro pelas ruas escorregadias com a neve raia de fim de inverno, para terminar a mais triste tarefa

a que já se dedicara: arrumar roupas e pertences de Jinny, afim de mandá-los para Connecticut. Era como preparar um cadáver querido para o funeral. Pequenas soquetes brancas. Ele suspirou e as guardou na gaveta superior da mala grande. Chapéuzinhos leves, agora tão vazios, enquanto os guardava lembrando-se como eram graciosos na cabecinha dela. Sapatinhos velhos, gastos, que o faziam recordar o dia em que ela machucara o dedo quando passeavam no mato, à beira do lago... O livro de Yeats que lhe dera. Virou as páginas depressa, até o poema que lhe lera então ao ouvido... "Todos os mais dias passaram..." Quando fechou o livro, notou uma ponta de papel e a puxou para fora: "Que tal um nadozinho esta tarde? Confortaria o soli-

tário coração de Bradd." Cass repôs o bilhete no livro e fechou a mala. Os dias continuaram a se arrastar. A ausência de Jinny era uma coisa positiva e aterrorizante. As vezes ele murmurava "Jinny?", sentado na sala, como se ela pudesse ouvi-lo e voltar para ele. Então, uma vez, quando estava sozinho com Cleo, a gatinha, sem a menor razão, começou a miar. Ele sentiu que ela via qualquer coisa invisível para si, na sala. Os olhos de Cleo seguiram claramente o vulto invisível, até o piano, à estante, a cadeira de Jinny; depois, virando um pouco a cabeça, para a porta, enquanto Cass, meio aterrorizado, julgou divisar uma silhueta feita de névoa... — "isto é mau", pensou. "Perigoso. Será que lhe aconteceu alguma coisa? Preciso telefonar..."



Encontrou paz remando nas águas mansas...

... e a gatinha estava morta!

Cass guiou o carro pelas ruas escorregadias com a neve a mais: "Não banque o idiota". Mas nos dias seguintes, a coisa ficou cada vez mais difícil. Pensou então em muitas razões pelas quais pudesse mesmo chama-la. Mas não queria ouvir: "Oh, sózinha? Não, não estou. Temos passado dias maravilhosos... Ele está aqui!"

Assim, pensando neles, ouvindo rádio e procurando ler, passavam-se as semanas. Quando o gelo desapareceu do lago, Cass viu que fazia bem à sua solidão remar nas águas mansas, sózinha.

No princípio de Maio fez três meses que Jinny partira. Cass lhe escrevia toda a semana, mecanicamente... nem reprovando nem mendigando amor... mas sempre

tentando esclarecê-la. Falava muito em Cleo... e as respostas de Jinny eram sempre vagas e batidas... ela pensava em fixar moradia em Vermont, para o divórcio, mas ainda não se sentia forte o bastante para isso.

Aos poucos Cass foi ficando mais à vontade e começou a ser visto pela cidade. Vendeu Berghelm e foi ver a casa pela última vez. Cleo foi com ele. Quando saíram, a gatinha veio disparada pelo relvado. Cass ouviu latidos e viu dois cães e alguns meninos correndo atrás dela. Antes que pudesse agir, os cães caíram-lhe em cima. Cass arrebatou o corpinho mole, ataganiou-o. Cleo morreu de leve a cabeça e morreu. E os meninos viram aquele homem alto, como um chefe pele-vermelha,

correr para o carro com a gatinha apertada ao peito, e ele chorava.

Enterrou-a sob uma roseira e avisou à sra. Higbee, que respondeu: — Oh, sr. juiz, parece que Deus está nos tirando tudo!

Cass viu-se dominado pela superstição, ligando Jinny à gatinha morta. Telegrafou: "Mande-me notícias, urgente." A resposta foi terrível... "enfermeira cuidando de mim... estou de cama, tomando insulina... o médico parece preocupado... essas coisas não aconteciam quando eu estava com você..." Cass telefonou ao juiz Blackstaff: — Sinto muito, Steve mas embarco esta noite para Nova York, de automóvel. Caso de vida ou morte. Quer me substituir? Obrigado.

Na semana vindoura, iniciaremos a publicação de um novo folhetim-sintético-ilustrado: "NA COVA DAS SERPENTES" (The snake pit), de Mary Jane Ward, com desenhos de Frank Goodwin. Essa novela acaba de ser filmada pela Twentieth Century Fox, com Olivia de Havilland e Mark Stevens nos papéis centrais.



Arvores avançavam; curvas giravam...



Disse impacientemente: — Sou o sr. Timberlane.



— Ela não está muito bem, não, — disse Avis.

Cass procurou Alex Snowflower, xerife do condado. — Preciso estar em Chicago amanhã de manhã, para tomar o avião. Conhece alguém com gasolina suficiente para me levar até lá?

— Fique descansado, juiz. Eu mesmo o levarei. Cass telefonou então para um colega de Chicago, que prometeu arranjar por qualquer meio, de preferência legal, um lugar para ele no avião da manhã seguinte. O xerife chegou dez minutos mais cedo e pouco depois estavam a sessenta em direção sudeste. Cass tinha a ilusão de que a paisagem, irrevel na noite, corria em direção oposta, as árvores avançando, nas curvas da estrada, e desviando-se do seu caminho, enquanto ele e o xerife, no pequeno compartimento, imóveis, faziam o centro do mundo. Ele Cass sempre olhando a frente, esperando

ver Chicago. E no entanto, quando lá chegaram, teve a impressão de que aquela viagem fora a coisa mais rápida deste mundo. Tomou o avião, dormiu durante o trajeto para Nova York, o táxi voou para a Estação Central e antes de uma hora da tarde ele estava com o dedo na campainha da casa da irmã de Bradd, Avis, em Darien. O mordomo, miúdo mas empertigado, de sobrolho erguido, abriu a porta e sibilou: — Sim? — E ele impacientemente: — Sou o sr. Timberlane.

— Sim? — Diabo, juiz Timberlane! E todo o mundo devia ter ouvido o seu rompante, pois Avis logo apareceu, seu rosto, evidenciando o quanto achava inconveniente uma visita antes do almoço. O'hou através do vestibulo e Cass não fez mais que ar-

redar para o lado o mordomo e invadir a casa, quase gritando: — Avis! E Jinny?

— Oh, sim, Cass. Bem... não... ela não está muito bem, não.

— Mas que... — Está em coma. — Quer dizer que... — Nem sempre, diz o doutor. Não com insulina. Mas a coisa é séria. Ele conseguiu fazê-la voltar de uma... mas isto é demais. Ela só vive reclamando... Muito desagradável para o meu pessoal, devo dizer.

— Vou vê-la. — Não sei se isso seria... — Você me ouviu. Onde está ela?



O doutor obedeceu...



— Querido, leve-me daqui!



— Querido, leve-me daqui!

Quando Cass abriu a porta do quarto, levantou-se ao seu encontro um homenzinho calvo e de pince-nez, o dr. Liskett, rosnando: — Que é isso? Que é isso? — Sou o marido de Jinny. — Marido de quem? Olhe aqui. Se quiser esperar lá em baixo... — Sala da minha frente! — comandou Cass. O doutor obedeceu e Cass viu-se diante do leito em que estava a sua Jinny, o rostinho tão miúdo entre os travesseiros que até parecia o de Cleo. Ela abriu os olhos e debilmente ergueu os braços, com um gritinho fraco mas exultante: — Oh, Cass, meu amor! Seus olhos fecharam-se, seus braços caíram e Jinny desmaiou. — Doutor! — murmurou Cass. O homenzinho já estava lá. — Será que resiste? — Creio que sim. Tanto pode viver cinco meses, como

cinco anos ou cinquenta, dependendo tudo da obediência dela às minhas instruções. — Obedecerá à risca! — garantiu Cass. A enfermeira entrou e o doutor saiu. Cass mantinha a cabeça de Jinny nos braços. Ela recuperou as forças e pediu: — Querido, leve-me daqui. Quero ver Cleo e Isis. — E logo começou a delirar: — Bradd não gosta de doentes... Cass não deixaria os mosquitos me perturbarem... Proteger-me-ia... Cass, abraça-me... E então entrou Bradd Criley... com o mal-estar de quem não sabia da presença de Cass. Cass levantou-se. Desejava loucamente fazer três coisas: ser um juiz honrado, possuir o amor de Jinny e matar Bradd Criley. Rápido, dominou-se. Decidiu apenas bater. Seu braço subiu, mas ele então ouviu a voz do velho professor: "A essência da lei é que os prazeres da vingança pes-

soal devem ser contrariados". E ele apenas falou: — Oh, suma-se daqui! — E Bradd saiu. A fúria de Cass foi suavizada pela idéia de ter expulsado Bradd de um aposento, na própria casa de sua irmã. Voltou-se para o leito, interrogativamente... e ficou satisfeito! Jinny estava sorrindo. E sussurrou: — Sinto que você não o tenha socado! Você é calmo demais, Cass, é ele é sujo! — E Jinny fez uma caretinha a grande descoberta. — Querido, eu teria morrido, se você não tivesse vindo. Então, após alguns minutos de repouso: — O que será que você está pensando de mim, depois disso tudo? Será que ainda pode gostar de mim? Meu bom, meu simples Cass! — Ele afagou a mãozinha dela, beijou-a. Jinny dormiu então o seu primeiro sono natural, em muitos dias.



— Quero que você volte para casa!



E naquele beijo, foi restaurado o grande amor...

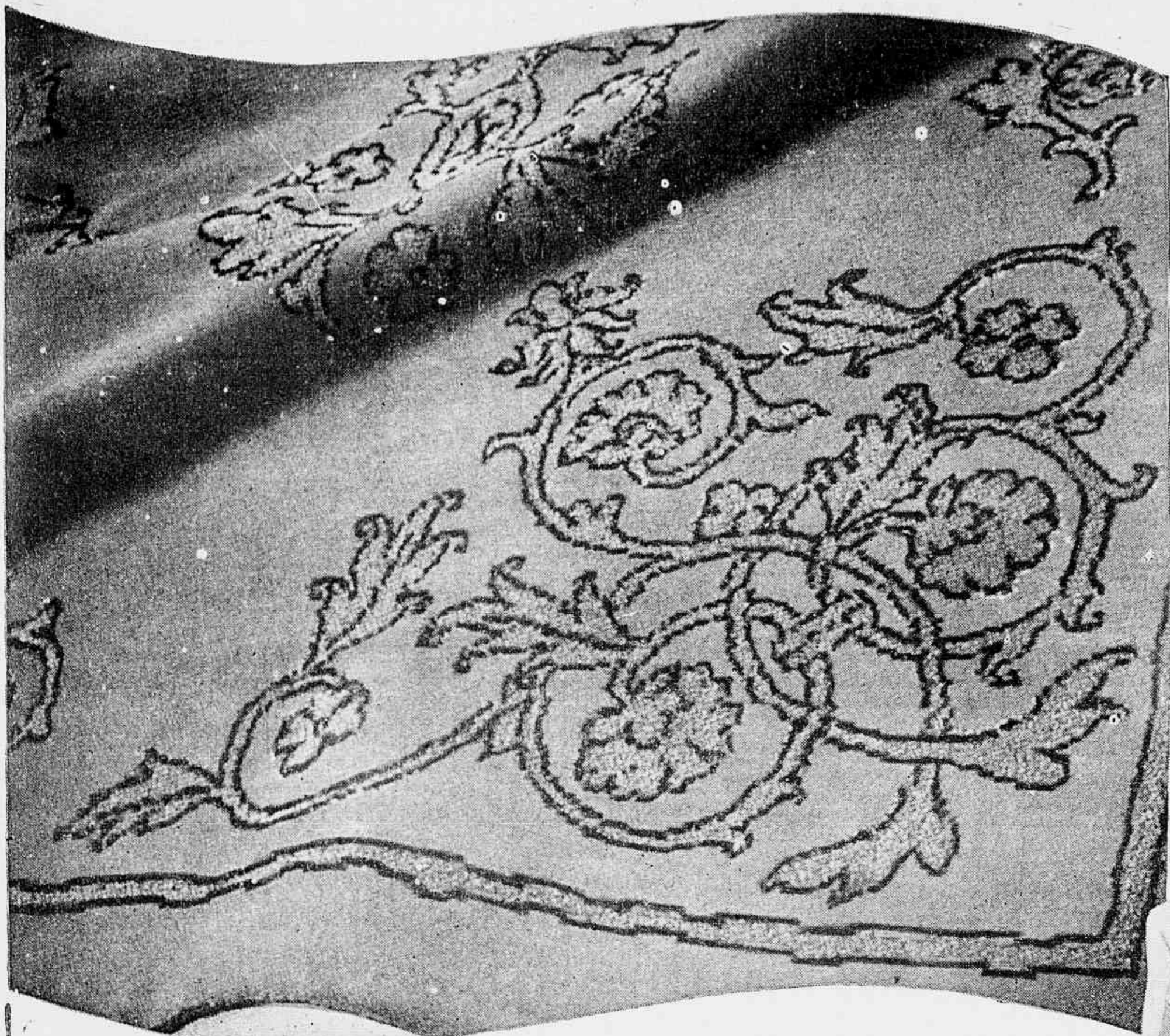


Jinny tirou o abafador: — E' Cleo!

— Jinny foi transportada numa ambulância para um hotelzinho campestre, e no mês seguinte já estava forte o bastante para andar. Ela e Cass jogavam xadrez, até que afinal veio o tratado de paz, quando Cass disse: — Quero que você volte pra casa! — E eu também. A casa deles, em Grand Republic, estava repleta de flores, dos amigos, Jinny beijou a sra. Higbee e disse alegremente: — Onde está Cleo, bendita seja? Cass ficou gelado. Mentira quanto à gatinha e agora era forçado a dizer a verdade. Jinny ficou desesperada: — Fui eu que a matei! Aquele foi um verão terrivelmente quente, no Vale Sorshay. Cass e Jinny viviam agora em tal comunhão de interesses que ele até se esquecia de que ela estivera ausente. No outono, passavam um dia em torno do lago

quando ela falou: — Você ainda está à espera que eu me desculpe por ter ido com Bradd, não é? — Bem, se você quer... — Quero sim, Cass. Quero pedir milhões de desculpas. Magoei você e quase morri com isso. Mas você me salvou, devolveu-me à vida, mantém-me viva. Você é a minha vida, Cass! Ela chorou um pouquinho e no beijo que se seguiu foi restaurado um grande amor. Foi no jantar do dia seguinte que a sra. Higbee pôs sobre a mesa um grande abafador de chá. E logo o abafador começou a se mexer. Jinny levantou-o e deparou com uma gatinha preta. Gritou: — E'... é Cleo! — E a sra. Higbee explicou: — E' a netinha de Cleo. Ganhei-a da cozinheira dos Prutt. E achei que bem podia ser a própria Cleo. Não se pode matar alguém como Cleo, não se pode

Jinny afagou a bichinha e Cass imaginou: será isto um aviso de que mesmo a nossa Emily poderá voltar? Assim, teremos feito a maior jornada humana... a volta à inocência em que começamos... Quando Jinny libertou a gatinha, ela caminhou rapidamente por sobre a toalha. — E agora, vamos já saindo de cima da mesa, Cleo! — exigiu a sra. Higbee. Mais tarde, naquela noite, Cass despertou para ver Jinny na porta do seu quarto, silhuetada contra a claridade do vestibulo. Por ela, e pelo amor que lhe dedicava, também, desistiu do seu direito de ser trágico, desistiu do orgulho, do triunfo e de todos os luxos do ressentimento, e sorriu para ela com a simplicidade de um bebê. — Querida Jinny! — exclamou então



Renascimento . . . um lindo desenho. Mas também poderá servir outro qualquer, — persa, oriental, português —, para a decoração da sua casa, nesta época de Presentes. Marque o Natal com um presente excepcional — escolhendo agora um bom tapete.



Mobiliários – Tapeçarias – Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIÓCA, 67 - RIO

Minister

CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz

